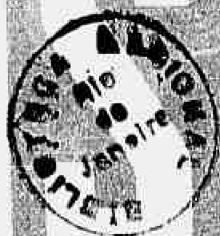
REVISTA DA SEMANA

28 de Março de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil



TERRA ARRASADA!

CHIANG KAI-SHEK INVADIRÁ A CHINA?

MARLENE FÊZ 50 ANOS





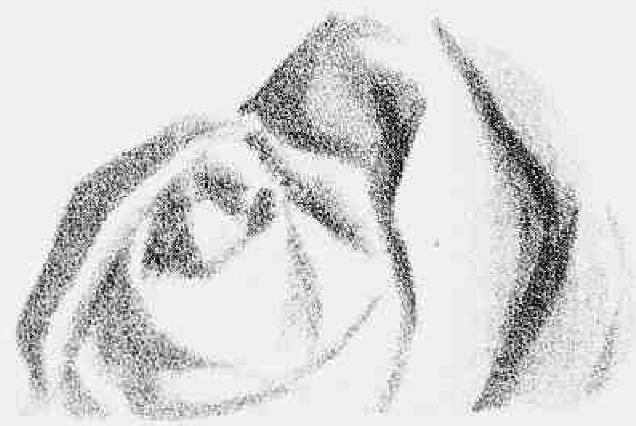
Beleza

LEITE DE ROSAS

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.





LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA ANA NERY, 321
TELEFONE: 48-7660 — RIO

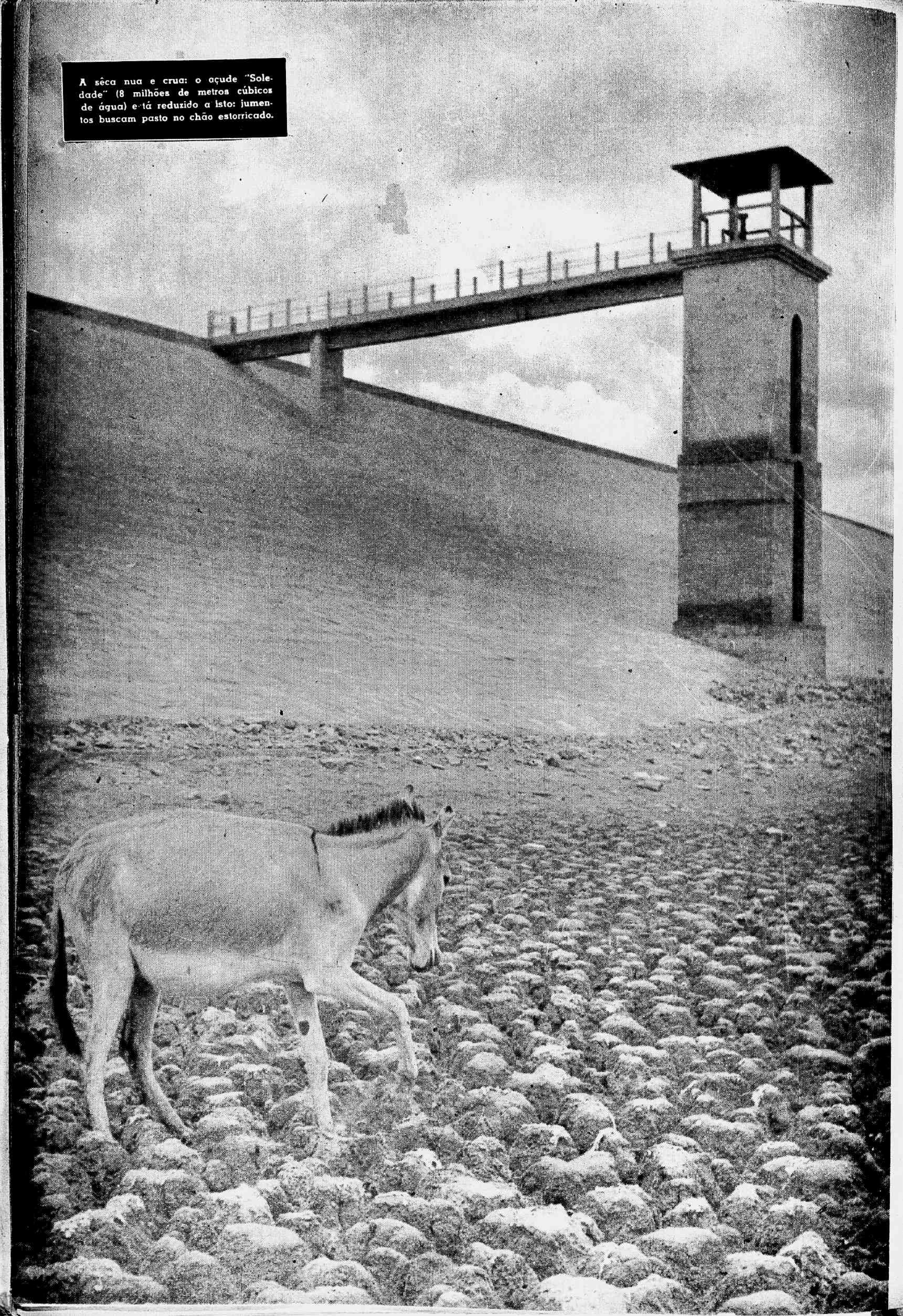
Terra arrazada!

Reportagem de EDMAR MOREL

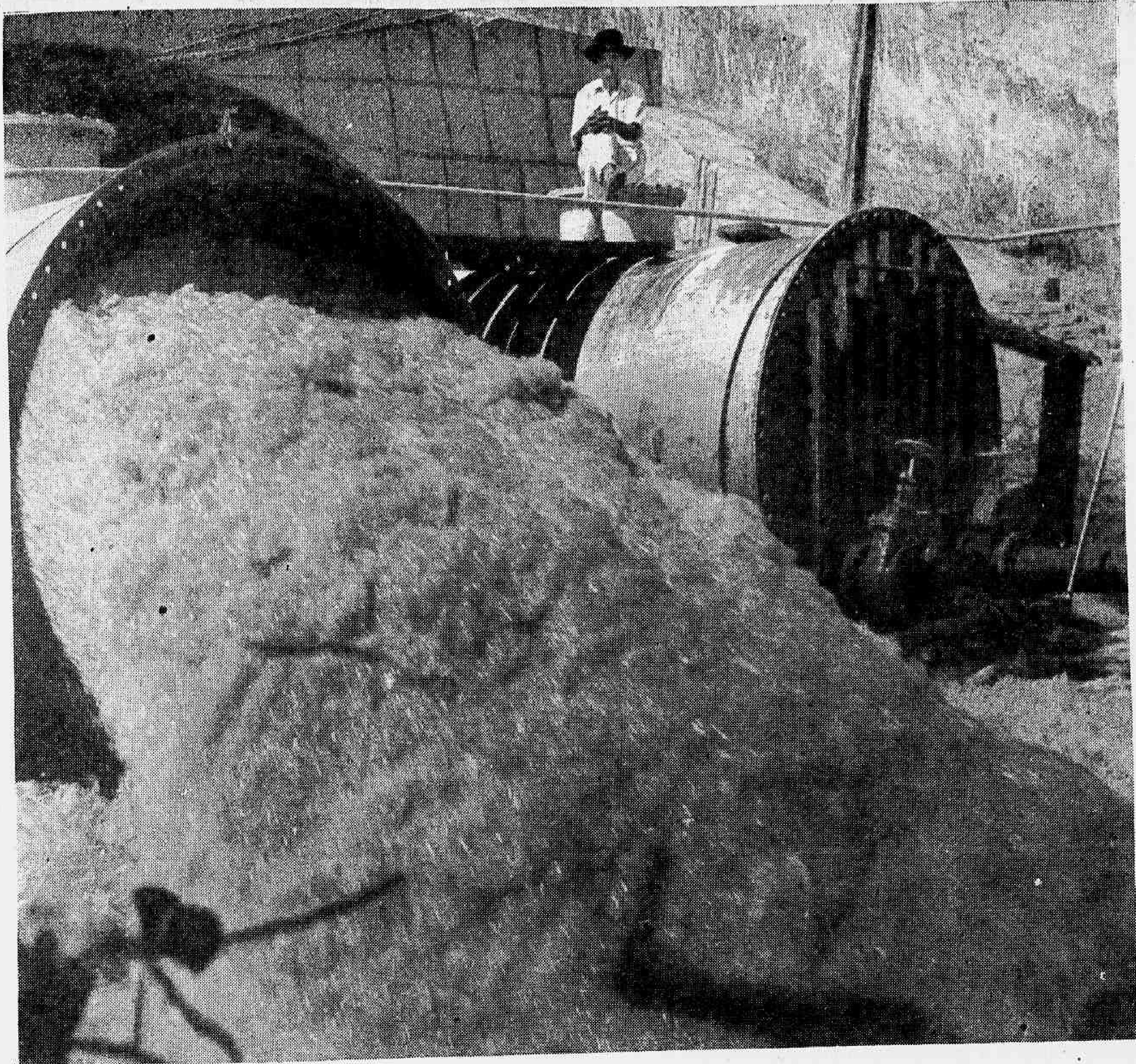
Fotos de ADIR VIEIRA

MUITA GENTE, POUCA ÁGUA E FALTA DE BOA VONTADE DOS HOMENS PÚBLICOS NO NORDESTE FLAGELADO ★ A CAATINGA, O SERTÃO, O AGRESTE ★ EPITÁCIO PESSOA E BERNARDES ★ A IMPREVIDÊNCIA DO SERTANEJO ★ CORRIDA ELEITORAL NA MARATONA DA FOME ★ 350 MORTOS, AO LONGO DA ESTRADA FORTALEZA - SÃO JOÃO DO CARIRI

A «REVISTA DA SEMANA» enviou ao nordeste flagelado o repórter Edmar Morél e o fotógrafo Adir Vieira, que andaram mais de 2.200 quilômetros de sertão bruto e não viram uma só pessoa caída de fome, nem uma morte por inanição. Mas colheram impressionante documentário sôbre a TERRA, o HOMEM, a VIDA e a REDENÇÃO no nordeste, focalizando aspectos inteiramente novos da calamidade que consterna o coração brasileiro. Os enviados especiais da «Revista da Semana» narrarão as peripécias do homem, que para sobreviver e salvar o seu gado, come raízes e espinhos, como o xique-xique, mandaracu, faxeiro, macambira e arranca a água do fundo do rio atravessado a pé enxuto, numa região onde os açudes estão com milhões e milhões de metros cúbicos de água estagnada. E na zona assolada pela desgraça encontraram verdadeiros oásis, onde até os porcos estão bem nutridos, com frutas e leite.



A sêca nua e crua: o açude "Soledade" (8 milhões de metros cúbicos de água) está reduzido a isto: jumentos buscam pasto no chão estorricado.



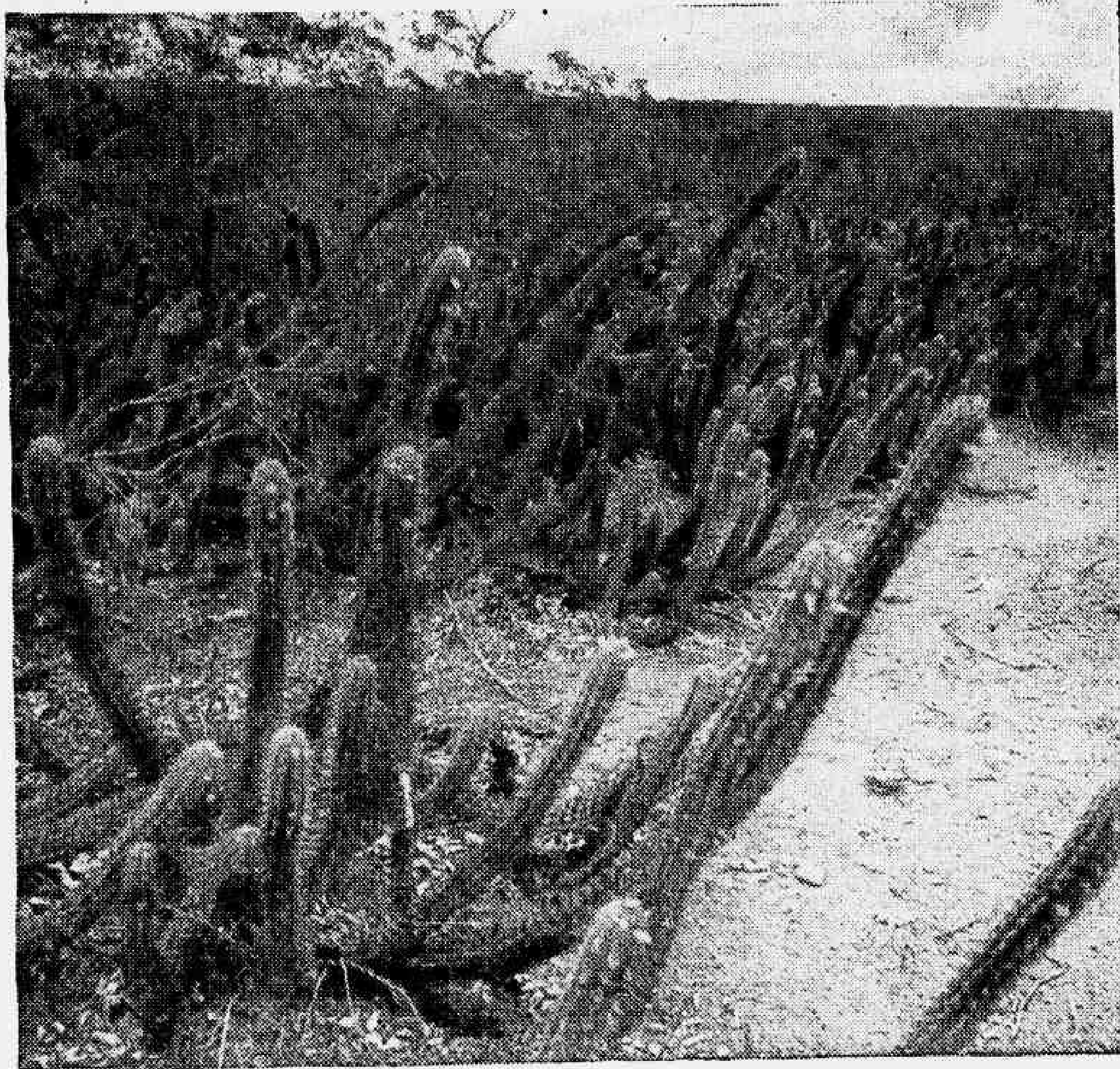
Na zona flagelada 5.000 HP são jogados fora, diàriamente pelo açude «Curema». Até quando continuará esta vergonha?

A sêca, desde o início da República, tem sido uma rendosa indústria, sobretudo para o político que a transforma em campanha eleitoral. Do outro lado, jornalistas sem grandes escrúpulos, ávidos de sensação barata, transformam o flagelo numa página de Dante, com legiões de homens e mulheres caindo de fome nas estradas empoeiradas, enquanto as crianças são vendidas por um níquel, um bocado de farinha, um pedaço de rapadura. Alguns repórteres vão mais longe, quando deitam retirantes na caatinga, fotografando-os para aproveitar a legenda mentirosa: «Sensacional flagrante dos nossos enviados especiais. Êstes homens morreram de fome aos olhos dos jornalistas». Outros, pelo telégrafo, anunciam a invasão de cidades e a descoberta de ossadas de famílias inteiras abatidas pela sêde.

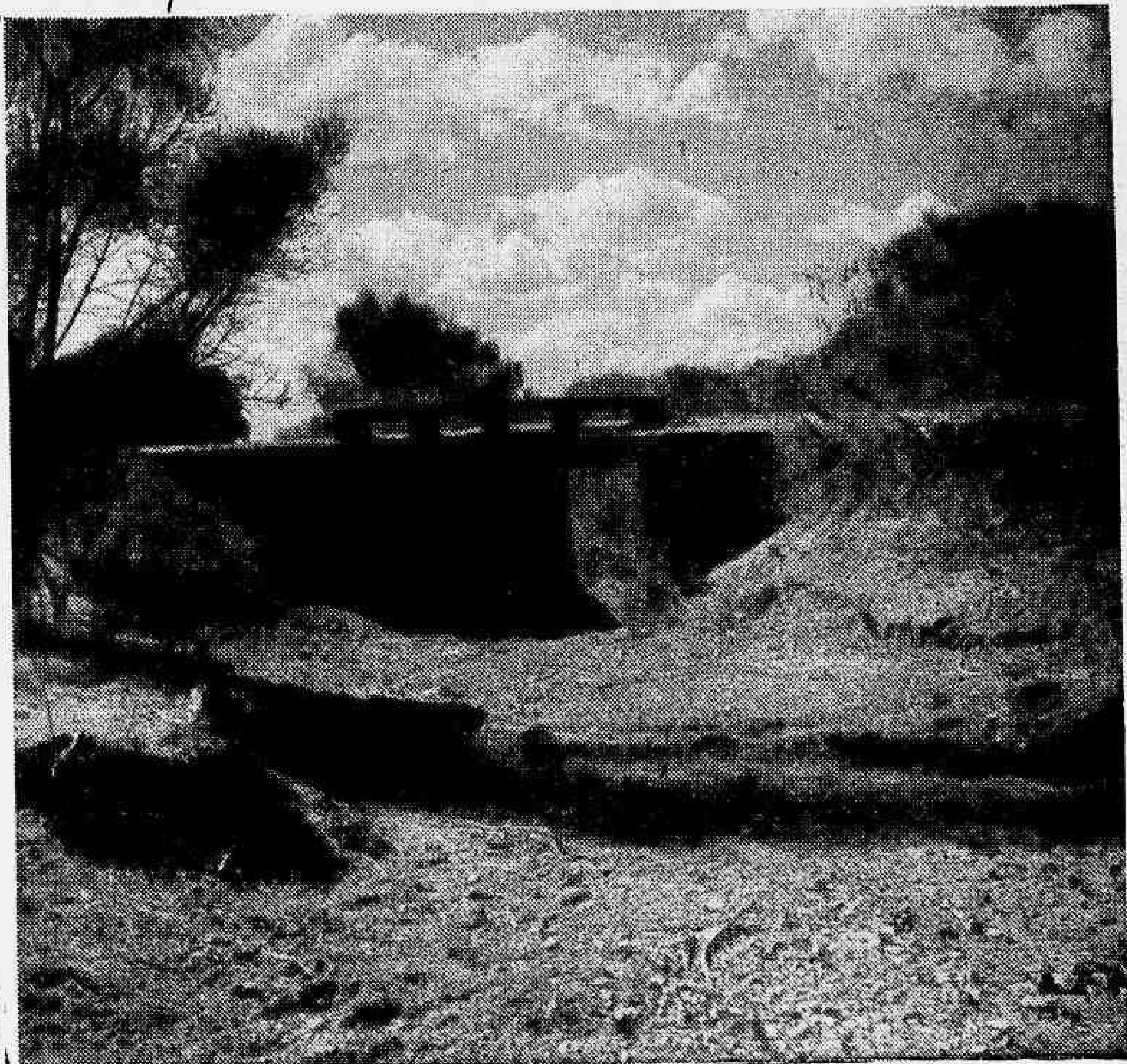
Percorremos mais de 2.200 quilômetros de Fortaleza a Recife, varando a zona do Jaguaribe, o qual, em certo inverno, assim foi cantado por Demócrito Rocha:

> «O rio Jaguaribe é uma artéria aberta
> Por onde escorre
> e se perde
> o sangue do Ceará».

Hoje, o Jaguaribe é o maior rio sêco do mundo.



Caatinga, reinado do xique-xique, comida de gente e de bicho. Eis por que «o sertanejo é antes de tudo um forte», como disse Euclides da Cunha.



Nuvens que não fazem chover. São levadas pelo vento e a terra continua tostada por um sol abrasador. De rio, sòmente a ponte de ferro.



O riso da caveira do bicho é igual ao de tôdas caveiras. Vencido pela sêca o boi morreu. O boi que puxava o velho carro, «levando um canto alegre nas noites enluaradas», disse o poeta.



Na longa caminhada pelas estradas empoeiradas, repousam um pouco à sombra de uma árvore desfolhada. E' o êxodo, praga que despovoou o nordeste em benefício da Amazônia e de S. Paulo.



350 cruzes fincadas na estrada Fortaleza-S. João do Cariri. Fogem da fome e morrem na estrada.

Passamos pelos Orós, o açude que seria do tamanho da baía de Guanabara. Atravessamos o Cariri Velho, nos confins da Paraíba. Andamos pelas caatingas de Pernambuco. Não vimos uma só morte por inanição, um vilarejo atacado pelos flagelados.

Isto não quer dizer, entretanto, que não haja desespêro numa gigantesca área, em particular no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, os Estados que mais sofrem os efeitos da calamidade.

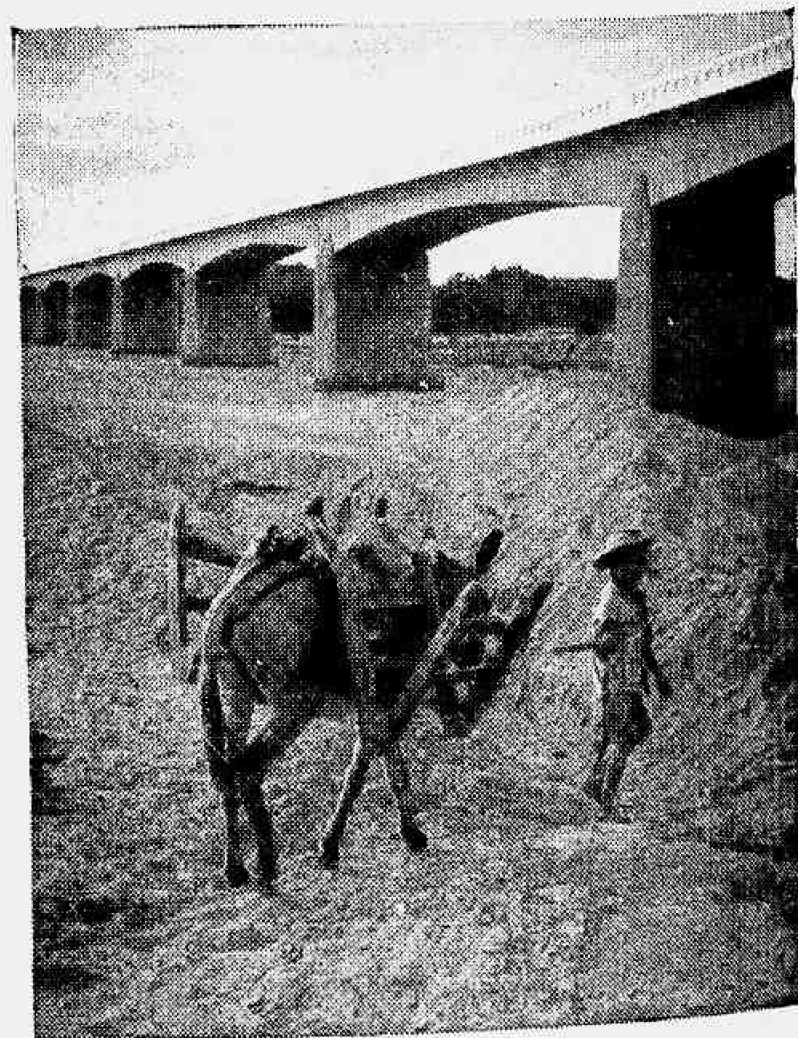
★

Também ninguém encontrará a terra falada por Pero Vaz Caminha: «A terra . . . em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo».

Os técnicos do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas estimam em 834.666 quilômetros a área da zona sêca brasileira, incluindo Minas Gerais e Bahia. Todavia, do seu território, o Ceará tem 100 por cento de região sêca, seguido de Pernambuco, com 89%; Rio Grande do Norte, com 83% e Alagoas com 39%. Isto quer dizer que dos 2.362.866 habitantes do Ceará (1947), 2.362.866 vivem na zona sêca. A população que habita o Polígno é de 7.714.455 habitantes.

Pela alta densidade demográfica e, em particular, pela sua precária economia, o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, numa área total de 257 mil quilômetros quadrados, têm 81% das suas populações na zona sêca, aproximadamente, 3.900.000 sêres humanos. Aí começa o drama de milhões de nossos patrícios que teimam em viver num solo tantas vê-

(Cont. na pág. 50)



Rio Jaguaribe, «artéria aberta por onde se perde o sangue do Ceará». Mas hoje é um rio sêco...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 13 ★ 28-3-53

S U M Á R I O

Terra arrasada 3/ 6, 50/53
Chiang Kai-Shek invadirá a China? 16/21
Marlene fêz cinqüenta anos 23/25
Doenças do frio 28/29
O trote dos "feras" 32/33

Maranhão, Canaan abandonada ... 7
Suicídio (conto) 11/40
A Bem Amada 12/13
Tobias Mindernickel (conto) 14/41
Há cinco séculos, Constantinopla .. 31
Semana Literária 35

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Êste mundo e o outro (caricatura) .. 15
Conta-me teus sonhos 22
Janela sôbre o mundo 36/37
Arabelle (folhetim) 39
Passatempo 40
Revista há 50 anos 41
Último flash 54

A saúde do bebê 42
Suavidade 43
Modelos europeus 44/45
Week-end na cozinha 46
Pernas sem meias 47
Sugestões para o lar 47

CAPA:
Cleo Moore (Paramount)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Flor da 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Praça Ramos de Azevedo, 209 — Salas: 704-705.



ACABAMOS de receber de pessoa de nossa família, residente em Santana do Ipanema, sertão de Alagoas, uma carta em que se reflete o pavoroso drama da sêca atual. Num dos seus tópicos diz o missivista: "Fomos invadidos por seiscentos retirantes famintos. Se não houver providências imediatas, dêste sertão só se salvará, de bicho de quatro pés, bancos e cadeiras, e de dois, os padres". Não estamos na hora de divagar mostrando como redimir o povo nordestino nas circunstâncias de agora; mas não é supérfluo sugerir aos governos responsáveis pela vida de tanta gente, uma solução que iria contribuir para evitar tais desgraças em fu-

MARANHÃO, CANAAN ABANDONADA

turo próximo. Por que razão se teima em não aproveitar as terras férteis do Maranhão, os seus vales cultiváveis, seus riachos auríferos, como sucede com a região do Maraçaçumé, onde o ouro de aluvião vive à flor da terra, completamente abandonado? Todos sabemos que o Maranhão foi dotado com os mais ricos dons da Natureza; mas, pela sua situação geográfica, encravado num ângulo entre o fim do Nordeste e o começo do Norte, é tratado com o mais absoluto indiferentismo, deixando-se os seus 350 mil quilômetros quadrados entregues ao léu da sorte, como se se tratasse de região imprestável à vida, um pêso morto na economia nacional. Embora não defendamos a política de despovoamento do Nordeste, nas zonas compreendidas pelo rigor das longas estiagens, como desejava Cincinato Braga, justificamos migrações para aproveitamento dos vales, várzeas e terras maranhenses em que haja condições para a vida social, desde que os retirantes dos Estados sob o flagelo das secas, fôssem amparados por organizações estáveis, eficientes, e donas de recursos técnicos capazes de dar novas condições de vida a todos aquêles que as perderam pela inclemência do sol. O drama das sêcas no Nordeste é coisa que data dos meados do século XVII. Já tivemos o horror de 1877, a desgraça de 1915, a calamidade de 1932. A vergonha atual só nos pegou por uma perna, porque não se procurou corrigir em tempo os defeitos da Natureza, e sim, foi-se deixando que a crueldade se acumulasse ano a ano até transbordar nessa catástrofe nacional. Se não houver um plano efetivo contra as sêcas, voltaremos a assistir a episódios iguais em décadas vindouras, e novamente reproduziremos as cenas deprimentes de agora, socorrendo com esmolas tôda uma população que sempre teve vergonha de pedir. A disposição de núcleos rurais no Maranhão seria medida acertada. O sertanejo nordestino que desce para o sul, ou fica nas obras de construção civil das grandes cidades, ou vai para a agricultura, mas dificilmente suporta as condições de clima e de meio, e, na primeira ocasião, regressa à gleba, logo que as chuvas aparecem. Povoando-se o Maranhão com as levas de flagelados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e de outros Estados circunvizinhos, não se daria o despovoamento do Nordeste, nem se forçaria qualquer mudança de costumes, de vida, trabalho e alimentação, com péssimos resultados sôbre a vida dos enxotados pela calamidade. As férteis zonas maranhenses capazes de acolher alguns milhões de braços, concorreriam para desafogar as responsabilidades do próprio govêrno federal, facultando-lhe ainda rendas vultosas com o produto da terra, a extração do ouro, a indústria do babaçu e tantas outras fontes de produção imediata. O povo do Nordeste, até hoje, só teve um govêrno que procurou ampará-lo e defendê-lo das desgraças das longas soalheiras: Epitácio Pessoa. Que surja um planejamento novo e eficaz e não se esqueçam de que o Maranhão é uma Canaan abandonada, e que não é com esmolas, que redimiremos o Nordeste.

RENATO DE ALENCAR



A SEMANA EM REVISTA

Gottwald em recente fotografia saudado por um grupo de pioneiros, organização idêntica ao escotismo no Brasil.

KLEMENT GOTTWALD, chefe do govêrno tcheco, nasceu a 23 de novembro de 1896, em Dedice, na Morávia Oriental. Seus pais eram lavradores. Pensou-se, a princípio, que a sua família fôsse de origem alemã ou judaica. Porém os Gottwald são de descendência tcheca. Tradicionalmente católicos. Razão por que, na infância, Klement Gottwald estêve de malas arrumadas para ingressar no seminário. Mas o menino não demonstrava nenhuma inclinação para tais estudos. Seus pais acharam mais prático mandá-lo para Viena para aprender o ofício de marceneiro. Na Áustria, o aprendiz imbuiu-se das idéias social-democráticas, que agitavam os meios operários. Apaixonou-se pela política. Abandonou a oficina de marcenaria para se tornar operário manual de fábrica. Em 1918 foi mobilizado no exército imperial austríaco como artilheiro. Tomou parte no "front" de vários combates. Lutou contra os russos na Galícia. Estêve na frente italiana da Riviera Soci e depois na Bessarábia. Sua conduta valeu-lhe ser nomeado ajudante.

Desmobilizado, voltou à fábrica. Já amadurecido nas suas convicções políticas, iniciou sua carreira de líder revolucionário. Fundou e foi redator de "Voz do Povo", órgão do Partido Social Democrático. Mais tarde deu-se uma crise interna provocando uma cisão nas hostes de seu partido. Dêsse fato resultou a criação do Partido Comunista Independente. Klement Gottwald assume, então, posição de destaque. E' o líder absoluto. Sua carreira política estava definida. Daqui para a frente só lhe faltava o govêrno. Êste lhe chegou às mãos.

Após o expurgo de 23 de fevereiro de 1929, do partido comunista tcheco, Klement Gottwald é eleito membro do Comité Central pelo 5.° Congresso do partido. Em 1935 vai a Moscou como delegado do Partido Comunista tcheco ao "Komintern". Nessa ocasião travou conhecimento com Stalin.

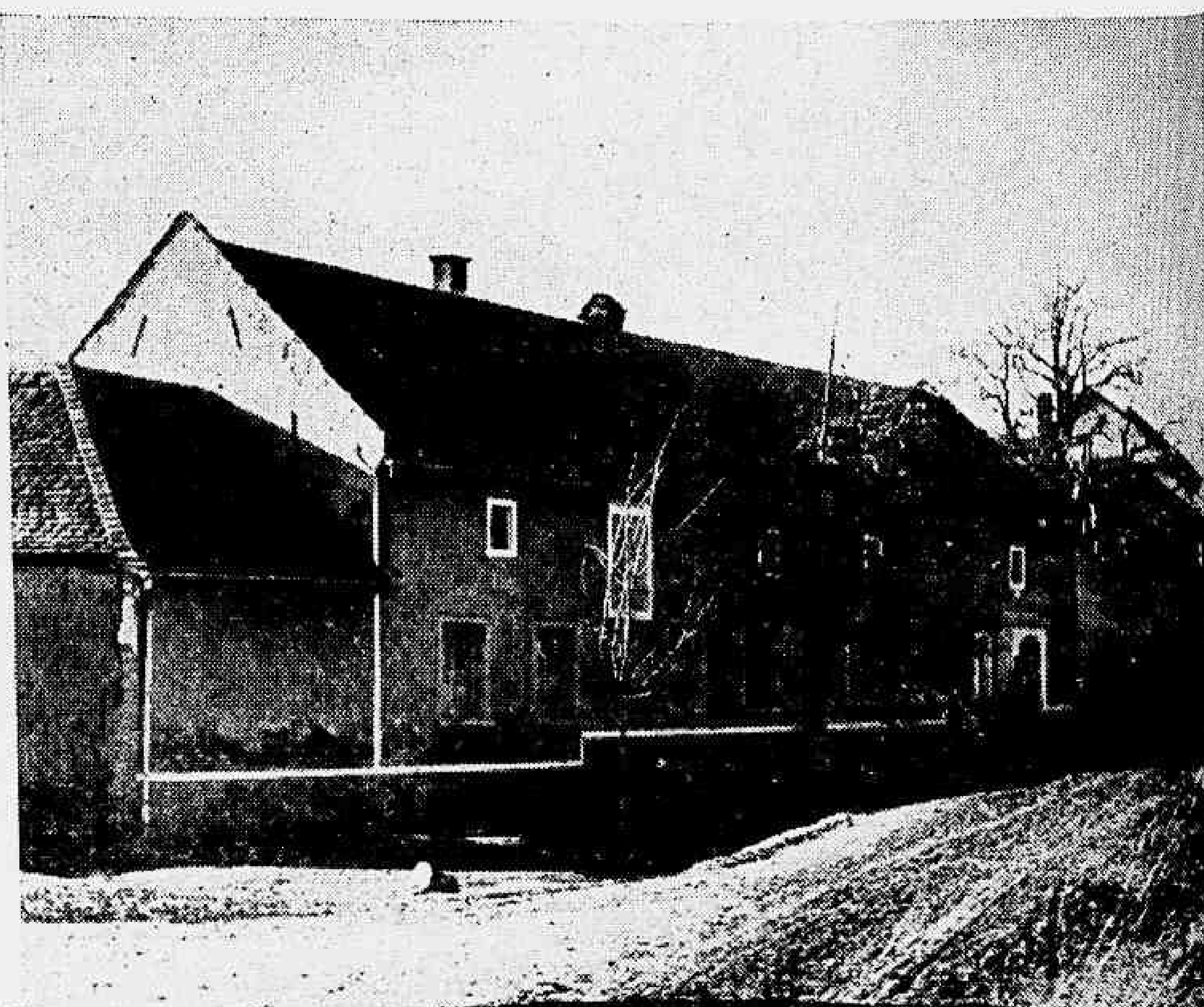
Substituiu Jilek na secretaria geral do partido. Com a invasão alemã, Gottwald refugiou-se na Rússia. Durante êsse exílio foi elevado ao pôsto de presidente do Partido Comunista da Tchecoslováquia.

Foi, em 1943, com o presidente Benes, um dos fautores do famoso "Programa de Kosice", que assegurou aos comunistas, o domínio de tôdas as posições-chaves da economia nacional tcheca.

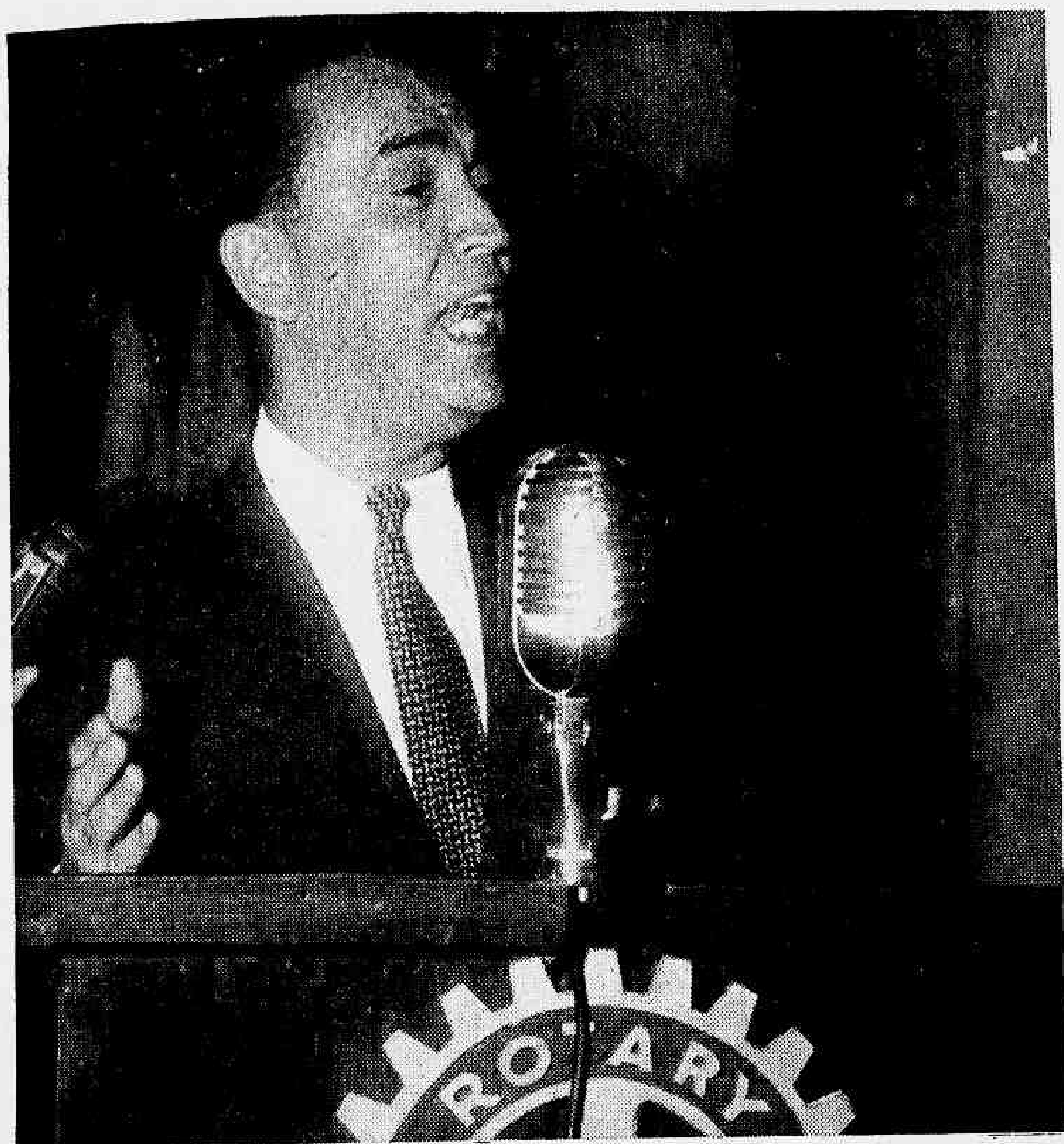
EM 1946, substituiu o sr. Zdenek Fierlinger, na presidência do Conselho. Em maio de 1948 o Part.do Comunista ganha as eleições. O presidente Benes foi obrigado a renunciar "por motivos de saúde". Quatro dias depois, Klement Gottwald é eleito presidente da República. A sua atividade à frente do govêrno se desenvolveu em relação a fatos da política diretamente ligados a Moscou. Sua mais célebre atuação foi na convenção nacional do Partido Comunista, quando proclamou o programa em 10 pontos, do partido. Klement Gottwald estêve, no dia 11, nos funerais de Stalin. De volta viu-se atacado de súbita pneumonia. Todos os recursos foram baldados. E, 24 horas depois do primeiro boletim oficial de saúde, o mundo era surpreendido com a notícia de sua morte.



Na foto aparece o menino Gottwald, à direita, como aprendiz, em Viena.



A casa onde nasceu Klement Gottwald, em Dedice, na Morávia Oriental.

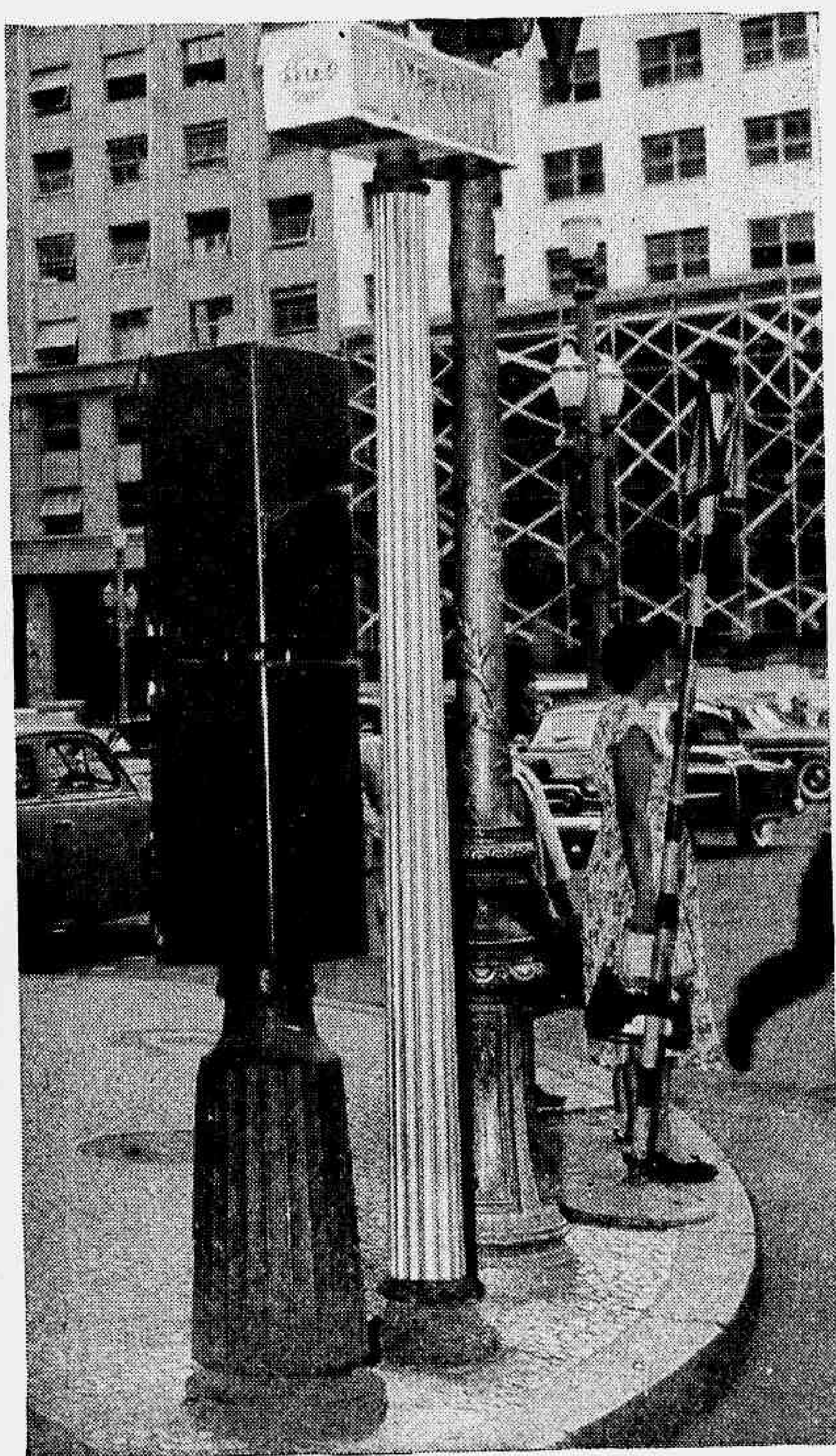


NO ROTARY CLUB DO RIO, o sr. Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais, proferiu substanciosa palestra sôbre os problemas do seu Estado. O orador foi ouvido com a maior atenção, tanto pela fluência verbal, como pelo seguro conhecimento do assunto que expôs. Depois de rápido estudo em tôrno da economia mineira, justificou a base de seu programa governamental: energia e transporte. Exibindo gráficos e quadros, defendeu o plano rodoviário e o aproveitamento das cachoeiras que darão energia a Minas. Mostrou o que já está feito nos dois setores e o que ficará concluído até o final de sua gestão. A exposição de S. Excia. foi encerrada sob calorosos aplausos de um público seleto e capaz de julgar o seu mérito real.

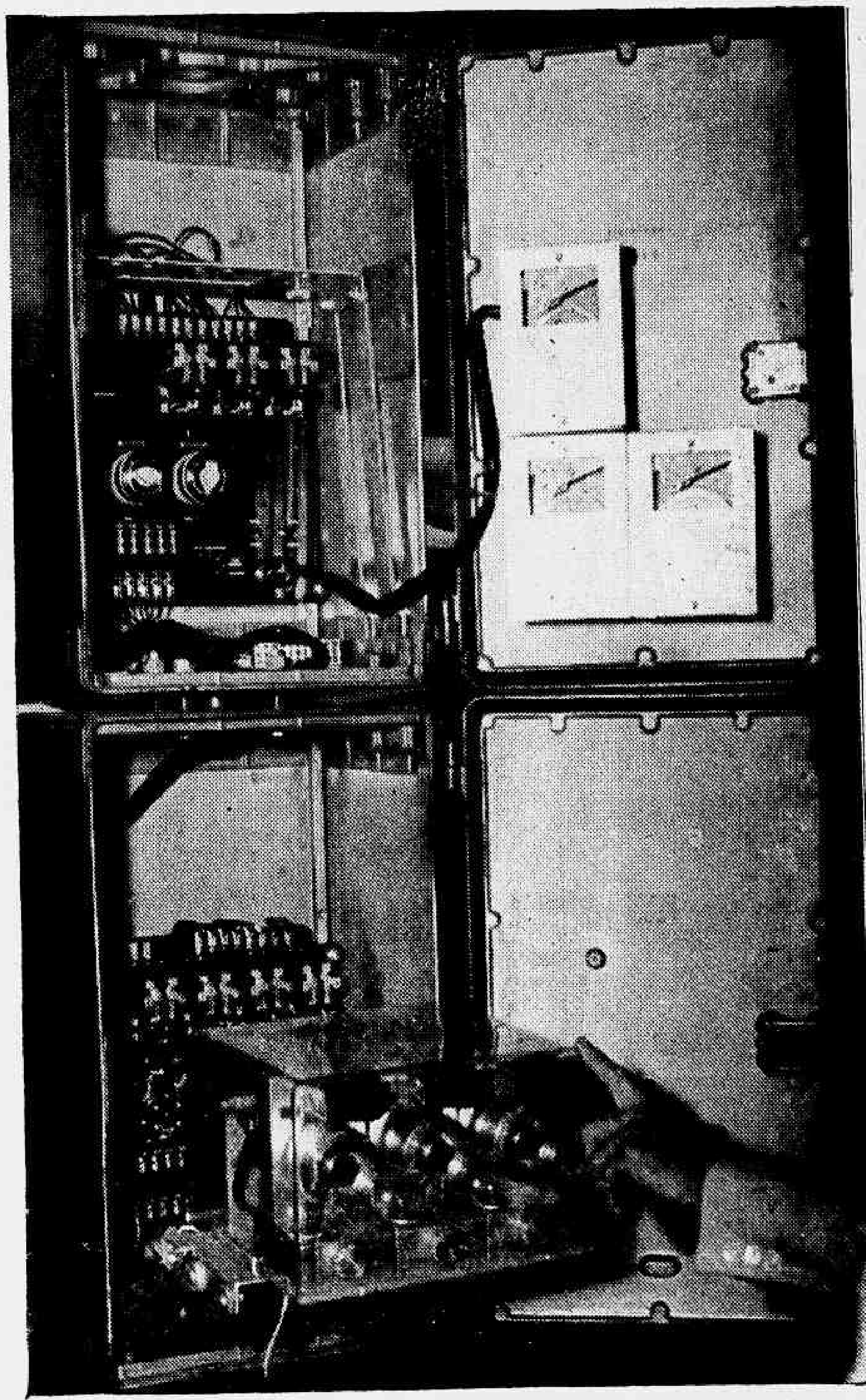
A PERSONAGEM *da* SEMANA



OS meios políticos nacionais tiveram como assunto principal da semana passada a eleição da Mesa da Câmara dos Deputados. Porque uma «forte corrente» se formou contra o sr. Nereu Ramos, visando substituí-lo. De um modo geral, a opinião pública e a imprensa ficaram ao lado do sr. Nereu Ramos. E foi, sob certo aspecto, êsse movimento, um episódio triste. O sr. Nereu Ramos não paga o «jeton» aos Deputados faltosos que, por isso, se rebelaram contra o Presidente. Sob outro aspecto, porém, o caso veio demonstrar que ainda há algo que não se perdeu neste país: do Poder Legislativo, alvo de tantas críticas às mais das vêzes justas como justas são tantas vêzes as críticas ao Executivo, acaba de vir uma demonstração de que se solicitando dêle medidas certas, êle — o Poder Legislativo — as dá; que estima a lei, o direito, o interêsse público, embora não possa comandar a defesa dêsses interêsses. O sr. Nereu Ramos enfrentou a situação. Cumpriu a lei. A Câmara disse que o apoia. E os legisladores fizeram bem: o Legislativo tem que fazer algo diferente para não se decompor perante a opinião pública. Homem que já conta uma vida pública longa — Interventor em S. Caetano, Deputado Federal, líder da Maioria, Presidente do P.S.D. — o sr. Nereu Ramos neste episódio teve um dos melhores lances de sua existência como homem político.



JÁ SE ACHA instalado e funcionando no cruzamento da Av. Rio Branco com a Presidente Vargas, o primeiro sincronizador de contrôle de tráfego existente na América do Sul. Trata-se do central «Master» com três «dials» distintos, cada um atendendo a determinados períodos do dia, controlando onze sub-comandos instalados em pontos-chave. Para se ter uma idéia da importância dêsse admirável aparelho, basta dizer que sua ação se estende por dezoito mil metros de rêde. Com êsse Central Master, «que só falta falar», está certo o sr. Edgar Estrêla, de melhorar sensivelmente o contrôle das correntes de tráfego do Rio. Trata-se da última palavra em comando de trânsito, com o que estamos de parabéns.



Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



— a mais popular emissora paulista

SUICÍDIO

BATIAM as ondas de manso sôbre as pedras da amurada. Um vento fino e sibilante soprava de longe, vinha da linha do horizonte marítimo, encrespando as ondas, trazendo das cristas de espuma um cheiro de mar. Um navio escuro se distanciava na barra, esparramando no alto o vapor da fumaça, de um cinza esbranquiçado. As últimas gaivotas aquietavam as asas no cume dos rochedos, crescidos na distância como vultos de gigantes emergindo das águas.

Osório assistia a tarde sôbre o mar, enquanto esperava. Esperava não sabia o que, mas tinha que permanecer ali, quase imóvel, debruçado sôbre a parede de pedra. Sem dúvida não esperava a noite, nem qualquer guarda para dizer-lhe «onde, moço, ande». Esperava apenas qu eos pensamentos esfriassem, a cabeça ficasse em seu próprio lugar, os membros enfim deixassem de vibrar, naquele tremor que ainda há pouco quase o obrigara a lagar-se na calçada. Felizmente debruçava defronte ao mar, olhando as ondas, recebendo nas faces o sôôpôro do vento, ouvindo de quando em quando um apito de navio. Necessário deter a atenção em alguma coisa, fixá-la no vôo de uma gaivota ou acompanhar com o pensamento a lesta corrida de uma lancha; introduzir, em suma, qualquer coisa entre suas preocupações, entre os rolos de pensamentos que envolviam sua cabeça, como se viessem de fora para dentro. Rolos que pareciam um fêz árabe, pior ainda — um capacete de aço apertando cada vez mais nas têmporas e na fronte. Arrancar os cabelos era simplesmente inútil, que não estava louco. Reconhecia não ser solução desviar sua angústia, seus anseios para uma dor física, ainda mais provocada por suas próprias mãos. Apertou-se mais contra as pedras mornas, que guardavam um pouco do calor do sol que se fôra. Fome não o incomodava. Pelo contrário: gostaria de preocupar-se com a fome, com a necessidade de comer, de levar para dentro qualquer coisa que alegrasse seus sentidos. Lembrou-se que a fome, em outras pessoas, consegue centralizar os pensamentos, catalizar preocupações, transformar tudo o mais em apenas vontade de mastigar, deglutir, sentir roçar nas paredes do estômago vazio o bôlo de alimentos. Nêle, a fome era apenas enjôo, pelo menos agora. Seria capaz de cuspir em qualquer prato, espezinhar qualquer comida. Estava forçando as idéias, procurando desviá-las para longe, para bem distante do que realmente o dominava. Nesse momento, agora mesmo, gostaria de estar sentindo a mesma dor que sofrera no dia em que seu pai morrera em seus braços ainda jovens, sem fôrça para agüentar o corpo do velho que desfalecia para a morte. Chamara a irmã com lágrimas nos olhos: «Venha ajudar: papai está morrendo». A irmã fizera uma cara de chôro, de dor que vinha de muito fundo, oprimindo-lhe o peito. Pensava, inclusive, na vida que tinha levado até aqui. Vida irregular, cheia de altos e baixos. Por mais, porém, que forçasse, o maior pensamento estava presente, agarrado ao corpo de Luciana, como se êle próprio, Osório, fôsse sua alma. Alma que agora estava penando, entranhada ainda no corpo esticado e duro, prestes a ser derrubado no seio da terra, onde receberia a umidade da água infiltrada, onde o musgo e a laje dormiriam sôbre os cabelos longos, os braços, a bôca tantas vêzes beijada. O que não podia era definir a morte, compreender porque Luciana fôra levada ao último recurso, mergulhando naquela noite irreparável. Por que, Luciana, por que a morte?

Osório apertava as têmporas, mergulhava o olhar na distância marítima, descia a mão para a garganta, apertando-a, como a querer estrangular ainda mais a voz que não ousava articular-se, nem mesmo para declamar o nome de Luciana em tom menor, em surdina, diante da noite inteiramente tombada sôbre os barcos e as ondas. Luciana ainda há pouco — não [illegible] duas horas — telefonara. «Venha me ver. Hoje você me compreenderá melhor. Amanhã será meu para o [illegible] da vida». Chegara na hora marcada. Tanta gente na porta. Houve alguma coisa? A irmã menor de Luciana rolando no chão, desfeita, num soluço uniforme, incapaz de proferir uma palavra inteira. O coração se apertara. Entrara abruptamente no quarto, cheio de moças. O coração inchava, a bôca secando, os olhos piscando muito. Lá estava Luciana, entre as amigas, a mão direita pendendo da cama, os olhos meio abertos, como se fôsse logo mais

(Cont. na pág. 40)

Conto de EMIL HANA

Ilustração de RAMON



A BEM AMADA

QUERIDA Nicola, pensamos até que não íamos mais encontrá-la, pois esta noite andam as coisas muito complicadas por causa da terrível política. Mas, até que enfim, a encontramos.

Mais algumas palavras afáveis entre as duas velhas amigas, e Mabella lhe disse que ali ao lado, em discreta espera, estava Pierston, a quem ela deseja apresentá-la.

Com efeito, parecia que a viúva desejava mesmo conhecê-lo, e que não fôra invenção de lady Mabella Buttermead aquela história de que Mrs. Pine-Avon tinha vontade de travar relações com o escultor. Mabella não incorrera em um de seus freqüentes blefes dêsse gênero. Logo que fêz a apresentação se retirou lady Mabella para ir conversar com outro cavalheiro mais jovem que o escultor.



O negro traje de sêda da senhora Pine-Avon, com seus brancos adornos realçava elegantemente a rara formosura de seu colo e ombros, que, embora artificialmente amorenados, não tinham a menor mancha ou impureza epidérmica. Perto ela demonstrava ser tão gentil e discreta como observada de longe. Também sustentava opiniões sãs e nada vulgares sôbre artes plásticas, e era a primeira mulher intelectual que Pierston havia encontrado ali, naquela noite, exceto uma ou duas, conforme ficou dito antes.

Depois das primeiras palavras travaram conversação de mútua simpatia e confiança, mas tiveram que fazer pausa pelo fato de alguns convidados tardios, haverem chegado trazendo notícias frescas da situação política. Uma senhora de olhos vivos e impetuosa trouxe as mais importantes. Vestia também de negro, e quisessem ou não, os cavalheiros tinham mesmo que ouvi-la.

— Alegro-me de ser neutra — disse a interlocutora de Jocelyn, que estava sentada em um sofá, junto ao qual permanecia êle de pé. — Nem por tudo dêste mundo quisera ser como a minha prima, essa que está ali. Ela crê que seu marido será derrotado nas próximas eleições e está furiosa.

— Sim... A maioria das mulheres jogam, enquanto os homens são apenas os naipes. O pior é que os políticos levam a sério a política, o jôgo dos seus interêsses, como o pôquer o é para os seus aficionados. Não a consideram como responsáveis pelos destinos nacionais, fidei-comissários do povo, como devia ser. Muito poucos são os que pensam e compreendem que a população de todo país reside no campo, conforme alguém já o disse.

— E' exata, embora eu estranhe ouvir do senhor uma citação dessas.

— Oh! Não sou de partido nenhum, por mais que meus amigos sejam. Em todo caso, só pode haver um rumo a seguir em relação a qualquer outro, e a inteligência nacional deveria esclarecê-lo, em vez de estar a cabriolar em ziguezague em dois rumos, segundo a vontade do partido predominante e no poder.

Com estas preliminares não lhes foi impossível nem difícil coincidir em vários outros pontos. Quando Pierston descia as escadarias do palacete da condêssa, já às doze e um quarto da noite, ao passar sob as rédeas dos cavalos de um embaixador para dirigir-se ao carro de aluguel que continuava a esperá-lo a um canto da praça, ia com impressão de que a Bem Amada havia ressurgido de entre as sombras, sem qualquer insinuação ou iniciativa por parte dêle, a quem, já lhe não fazia muito alvorôço aquela ressurreição.

Contudo, compreendia que a imagem de sua Bem Amada bem poderia ser aquela Deusa. Recentemente havia ensaiado outra vez sua mão de artista a fim de plasmar forma da Deusa em todos os aspectos e modalidades concebíveis. Nisso já se havia especializado; mas havia fracassado em seus esforços. Em sua implacável vaidade, talvez que a Deusa voltasse a castigá-lo por modelá-la tão deploràvelmente.

CAPÍTULO XI

PIERSTON não podia esquecer os olhos da senhora Pine-Avon, mesmo que nada mais recordasse de seus traços fisionômicos. Eram grandes, inquiridores, luminosos. Como brilhava seu penteado! Não precisava de nenhum diadema para adorná-lo, como sucedera com aquela outra viúva a quem vira na reunião, com dez mil esterlinos na cabeça, para ficar muito pior do que se estivesse com uma touca de musselina por qualquer dez cruzeiros, na cabeça de uma criadinha humilde.

Eagora Pierston perguntava a si mesmo se devia voltar a vê-la ou não. Estava vacilante, em dúvida. Mas, por infelicidade de sua discrição, precisamente ao sair dos salões, havia encontrado uma

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, ao ir visitar seu pai na povoação natal numa ilha das costas da Inglaterra, apaixonou-se por Avícia, companheira de infância; mas, Pierston, que era escultor, vivia atormentado por uma idéia de imaginária Bem-Amada, e desfez o noivado, apaixonando-se por Márcia, filha de um inimigo de seu pai. Não sendo possível realizar o casamento, manteve-se solteirão. Márcia seguiu com os pais em viagem pela América, e Avícia casou-se. Certa vez, já depois de seu pai ter falecido, Pierston compareceu numa festa elegante da condêssa de Channelcliffe, onde vê êle uma mulher de rara beleza e pede que lha apresentem, o que é feito. A sua nova deusa era viúva.

senhora já velha, de seus setenta anos de idaed, muito sua amiga. Era Mrs. Brightwalton, dama das mais respeitáveis, e que o convidou a ir jantar com ela, num dos próximos dias. A velhota confessou que não o havia ainda convidado porque soubera que Pierston estava fora da cidade. Pierston, que muito a conhecia, aceitou a desculpa com abisoluta confiança, pois sabia que ela estava fazendo sinceramente.

Pierston muito gostava de comparecer a jantares como convidado de pessoas de suas relações de amizade, sem maiores etiquetas e cerimônias, e, ao saber que, entre os convidados de Mrs. Brightwalton estaria aquela Deusa que tanto o impressionara, aceitou com o maior prazer.

No dia aprazado, uns três após a reunião da condêssa, compareceu Pierston no jantar e, dando o braço à senhora Pine-Avon, não falou mais a pessoa alguma das presentes e sim, apenas com ela. Para encobrir as aparências, separam-se uns instantes, ali mesmo no salão. Mas, era tal a fôrça que os atraia, que, logo depois voltaram a encontrar-se e assim se mantiveram até ao final da elegante reunião. Quando, pouco depois das onze horas, se despediu, tinha a certeza de que naqueles belos, luminosos e grandes olhos pardos, estava verdadeiramente instalada a Amada de sua eterna felicidade. Mas não era tudo. Ao despedir-se, êle apertara a mão, quase involuntàriamente, de maneira peculiar e indescritível, tendo êle percebido, numa simples pulsação dela, que aquela afeição era recíproca. Em uma palavra: ela estava disposta a seguir adiante.

Mas, êle seria capaz?

Até então não tinha havido muito perigo no galanteio; porém, conhecia ela os antecedentes de Pierston e a maldição que sôbre êle pesava? Sabia ela que era o Judeu errante do mundo do Amor? Quão inconstante era o ideal de suas fantasias, como nêle havia prevalecido o artista sôbre o galanteador, como estava em perpétuo temor de ofender uma mulher de maiores méritos do que êle por essa indecisão de investir sôbre uma coisa que, de boa vontade teria feito sem temer arrependimentos futuros? Sabia ela quanto era êle incapaz provàvelmente, de marchar a passos firmes até ao seu lar próprio, embora vivesse a suspirar por uma vida doméstica? Esta êle agora perto dos quarenta; ela talves tivesse seus trinta, e êle não se atrevia a um fútil namorico como se ainda fôsse um despreocupado rapazola. Era indecoroso ir além disso sem dizer-lhe tudo, embora, até aquêle momento, nada entre ambos houvesse que exigisse tais confidências ou declarações.

Determinou, então, imediatamente ir visitar sua nova encarnação da Bem Amada.

Vivia ela não muito longe da vasta e aristocrática praça de Hamptonshire, e até lá se foi com a esperança de passar, ao menos, um momento de intensa emoção. Mas pelo ambiente lhe pareceu que ela o recebia friamente, embora, antes, o houvesse convidado com muito empenho, para que o visitasse

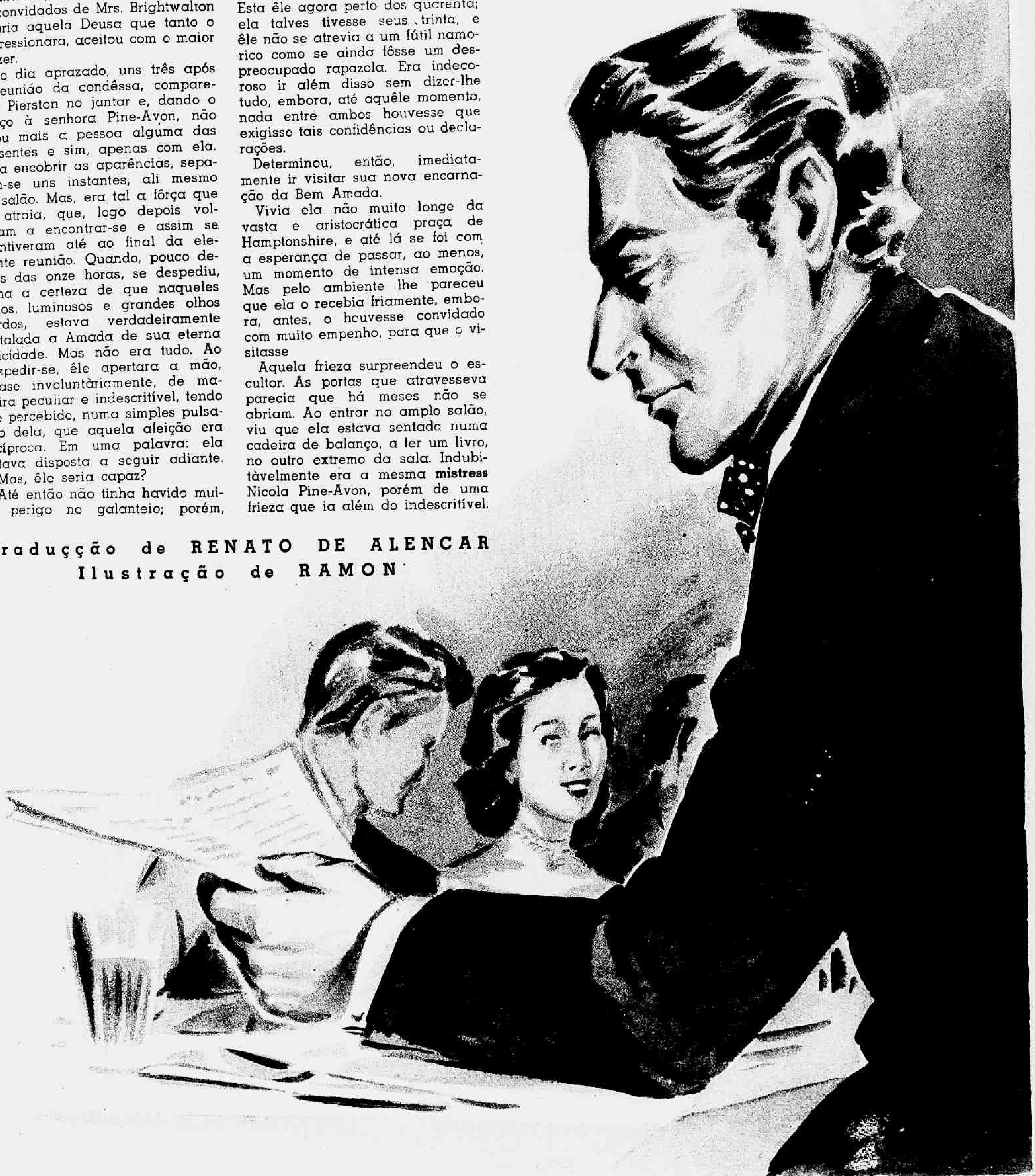
Aquela frieza surpreendeu o escultor. As portas que atravessava parecia que há meses não se abriam. Ao entrar no amplo salão, viu que ela estava sentada numa cadeira de balanço, a ler um livro, no outro extremo da sala. Indubitàvelmente era a mesma **mistress** Nicola Pine-Avon, porém de uma frieza que ia além do indescritível. Ergueu os olhos do livro que lia, com desdenhosa e inquiridora atitude. Apoiou-se na cadeira com as espaldas, como que se embebendo com volutiosa sensação que nada tinha que ver com êle, e respondeu à sua saudação com algumas palavras vulgares.

O infortunado Jocelyn, embora procurasse reagir, ficou terrìvelmente desconsertado com tal recebimento. Evidentemente havia começado a amar aquela mulher, e, diante daquela recepção, se sentia desgostoso e quase ofendido. Mas, por felicidade, aquêle afeto ainda era incipiente, e um repentino vislumbre do ridículo de sua situação o manteve às bordas dessa ridicularia sem que êle o ultrapassasse durante a visita. Ela lhe indicou uma cadeira e passou a conversar vários assuntos, inclusive de notícias do dia. A êsse momento vinham da rua os sons de uma música de realejo, que tocava uma peça de sentido popular, e que êle já ouvira num café-concêrto. Para dar novo giro à conv~sação, perguntou-lhe se conhecia a composição.

— Não, não a conheço, respondeu Nicola.

(Continua no próximo número)

Traducção de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de RAMON



TOBIAS MINDERNICKEL

Conto de THOMAS MANN

UMA das ruas empinadas que do dique sobem ao centro da cidade, chama-se Estrada Cinzenta. Mais ou menos na metade da rua, à mão direita, indo do rio, está a casa n° 47, um tétrico e estreito edifício que não se distingue em nada dos vizinhos. No andar térreo há um armazém onde se pode comprar desde sapatões de borracha até óleo de rícino. Atravessando o pátio, aonde os gatos se divertem, chega-se a uma escada de madeira estreita e sombria de onde se exala um desagradável cheiro de umidade. No segundo andar, à esquerda, vive um carpinteiro remendão; à direita, uma dama que começa a cantar alto assim que se sente passos na escada. No quarto andar o apartamento da direita está vazio e no da esquerda vive um homem de sobrenome Mindernickel e de nome Tobias.

Oaspecto de Mindernickel é digno de nota: curioso e ridículo. Sempre que faz um passeio, vê-se sua silhueta delgada vestida de prêto, amparada por uma bengala, levando um chapéu surrado, um casaco junto a umas calças apertadas, já marcadas nos joelhos e curas. E' preciso dizer, isso sim, que sua roupa está escrupulosamente escovada. Seu corpo parece muito comprido dentro do traje apertado. Seu cabelo grisalho está pulcramente penteado para os lados e o chapéu abriga um rosto doente, faces lívidas, olhos irritados que se erguem raras vêzes do chão, e rugas profundas que caem do nariz até o queixo.



Sai pouco de casa, e isso por uma razão: assim que aparece na rua, juntam-se vários garotos que lhe seguem no encalço, gritando — «Oh! Tobias» — e o puxam pelo casaco, enquanto os adultos assomam às portas e gozam o espetáculo. Êle segue com a cabeça bem agachada, como um homem que se arrisca à chuva sem guarda-chuva, e, embora todos se riam, cumprimenta aqui e ali com um sorriso doloroso os que se demoram pelas portas. Entretanto, quando os meninos do seu bairro o deixam e poucos se fixem em sua pessoa, seu modo de proceder não varia absolutamente. Caminha inclinado para a frente como se mil olhos o contemplossem, e quando se atreve a levantar a vista verifica que é incapaz de olhar para algum homem ou para alguma coisa de modo fixo e seguro. Parece que, se o fizesse, lhe faltaria a segurança natural, parece que se sentiria inferior a todos os outros: seus olhos sem resistência devem saltar dos homens ou das coisas ràpidamente para o chão.

Que há nesse homem que está sempre só e que parece muito infeliz? Suas maneiras e certas atitudes indicam que não pertence à classe social em que vive. Só Deus sabe o que pode ter-lhe acontecido. Seu rosto parece haver recebido uma chicotada. Aliás, é bem possível, sem ter recebido golpes do destino, seja simplesmente incapaz de viver; sua inferioridade, estupidez e aparência dão a impressão de que lhe teriam faltado a fôrça, a energia e o equilíbrio indispensável para viver com a cabeça levantada.

Depois de fazer seu passeio pela cidade, regressa a sua casa pela estrada cinzenta, seguido pelos meninos, sobe a escada que range e entra na sala vazia e sem adornos. Apenas uma cômoda, móvel imperial com puxadores metálicos, é bonita e de valor. Na janela que dá para o muro da casa ao lado há um vaso de flores, cheio de terra, mas no qual não cresce nada. Não faz mal: de quando em quando Tobias chega até êle e aspira a terra. Ao lado da sala há um quarto de dormir estreito e humilde. Depois de entrar, Tobias coloca o chapéu e a bengala sôbre a mesa, senta-se em um sofá verde que cheira a poeira, segura o queixo na mão e contempla o chão com as pálpebras erguidas. Parece que não tem outra coisa a fazer na vida.

No que se refere a seu caráter, é muito difícil dizer alguma coisa. O incidente seguinte parece ser-lhe favorável: quando êste homem singular saiu, certa vez, como de costume, para dar o seu passeio, um grupo de meninos acompanhou-o aos gritos e risadas injuriosas. De repente, um menino de uns dez anos torceu um pé e caiu ao chão, machucando-se na testa e no nariz. Tobias voltou-se imediatamente, inclinou-se sôbre êle, e começou a lastimá-lo com uma voz carinhosa — pobre menino — disse-lhe. — Está ferido? Está saindo sangue, vejam. O sangue que corre da testa, coitadinho! E' claro, dói tanto que êle chora. Que pena tenho de você! A culpa é sua, mas vou amarrar a ferida com um lenço... assim. Agora, segure-se e levante-se... E depois de amarrar o lenço ajudou o menino a erguer-se e continuou o seu caminho. Suas maneiras e sua fisionomia demonstravam uma expressão diferente das de sempre. Andou com firmeza, respirando tão profundamente que sacudia o casaco; seus olhos dilataram e olharam com segurança para homens e coisas, enquanto em seus lábios havia um trejeito de prazer doloroso...

Êste incidente conseguiu diminuir a perseguição dos meninos durante algum tempo. Depois esqueceram aquêle gesto inesperado e uma porção de gargantas alegres e fortes segue-o como sempre, com o grito de: «Oh, oh, Tobias.»

★

Era uma manhã ensoladora. Tobias deixou sua casa, atravessou a cidade e foi ao Lerchenberg, aquela extensa colina que serve de lugar de passeio aristocrático aos habitantes nas horas da tarde, e que devido ao admirável tempo primaveril, já estava muito concorrido àquela hora. Sob uma árvore da Avenida principal havia um homem com um pequeno cão de caça exibindo-o aos transeuntes, com visível intenção de vendê-lo. Era um cão fraco, pequenino e amarelento, de uns quatro meses, com uma orelha negra.

Quando Tobias notou isto, deteve-se a uma distância de uns dez metros, passou as mãos várias vêzes pelo queixo e olhou pensativo para o vendedor e para o cãozinho que agitava a causa. Depois começou novamente a andar, deu várias voltas ao redor com o cabo de sua bengala contra os lábios, acercou-se finalmente do homem e perguntou-lhe, sem deixar de observar o animal, com voz suave e nervosa:

— Quanto custa?

— Dez marcos — respondeu o homem.

Tobias puxou uma carteira de couro, tirou cinco marcos, depois três e depois dois; entregou ràpidamente o dinheiro ao vendedor, olhou desconfiado para todos os lados para ver se algumas pessoas observavam o negócio e sorriam e se foi com o cãozinho no rastro. Durante todo o caminho êste se rebelava, esticando as patas dianteiras e olhando timidamente para o novo dono. Tobias o puxava com energia e em silêncio e por fim chegou feliz à sua casa.

Ali, sentiu-se no chão e passou a mão com carinho pelo lombo do animal, dizendo-lhe:

— Não tens motivos para temer-me animal, não é preciso. A seguir abriu a cômoda, tirou um prato de carne e batatas e estendeu-o ao cão que comeu tranqüilo.

— Quanto ao mais, — disse Tobias — você se chamará Esaú. Não será fácil para você lembrar dêsse som simples — e apontando-lhe o chão disse:

— Esaú.

O cão esperando talvez receber comida, aproximou-se e Tobias batendo-lhe nas costas disse:

— Está bem, meu amigo, devo felicitá-lo.

Depois se afastou alguns passos, mostrou o chão e gritou-lhe:

— Esaú.

E o cão, que se animara, correu até os pés de seu dono, lanbendo-lhe as botinas.

Tobias repetiu êste exercício com mal dissimulada alegria dez ou doze vêzes, até o cão mostrar-se cansado; e êste, sem outra

(Contá na pág. 41)

Ilustração de RENATO DE SOUZA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

EXPRESSÕES DO POVO — III

CRIAÇÃO DE DARCY





Chiang Kai Shek concitou todos os chineses de além-mar a organizarem um «front» global anti-comunista contra a China continental.

CHIANG KAI SHEK invadirá a China?

O QUE É A ILHA FORMOSA ★ HISTÓRIA ATRIBULADA ★ A 7ª ESQUADRA AMERICANA ★ DO SONHO À REALIDADE ★ A INVASÃO DO CONTINENTE PROVOCARÁ A 3ª GUERRA? ★ FORMOSA CONSTITUIRÁ UM PAÍS?

SEGUNDO diversas declarações feitas no ano de 1952, pelo Generalíssimo Chiang Kai Shek, chefe supremo das fôrças da China Nacionalista, é seu intuito invadir o território da China Comunista, durante o ano de 1953.

Desde que foram expulsas do continente, as tropas nacionalistas atravessaram uma longa fase de reorganização e adestramento, seguindo um plano elaborado por Chiang Kai Shek, o qual, contando com o auxílio efetivo dos Estados Unidos, pretende iniciar, o mais breve que lhe seja possível (segundo se depreende de seus discursos e declarações), uma nova campanha contra os chineses comunistas e seus poderosos aliados, os russos, a fim de libertar o território da China do jugo do imperialismo soviético.

Como parte de seu plano de libertação da China, Chiang Kai Shek instalou o govêrno provisório da China Nacionalista na Ilha Formosa, local evidentemente estratégico, pois é separada do continente asiático pelo estreito de Fo-Kien, que não tem mais de 120 quilômetros de largura. Acresce ainda que, como trampolim para uma possível invasão do continente,



Taipeh não é sòmente a sede do govêrno da ilha Formosa, mas, também, a nova base das tropas nacionalistas de Chiang Kai Shek. E' uma cidade surpreendentemente moderna, situada ao norte da ilha, com pontes bem construídas e ruas bem calçadas. Daqui, dêste famoso ponto estratégico, o generalíssimo chinês dirige sàbiamente trinta mil homens que tem sob seu comando



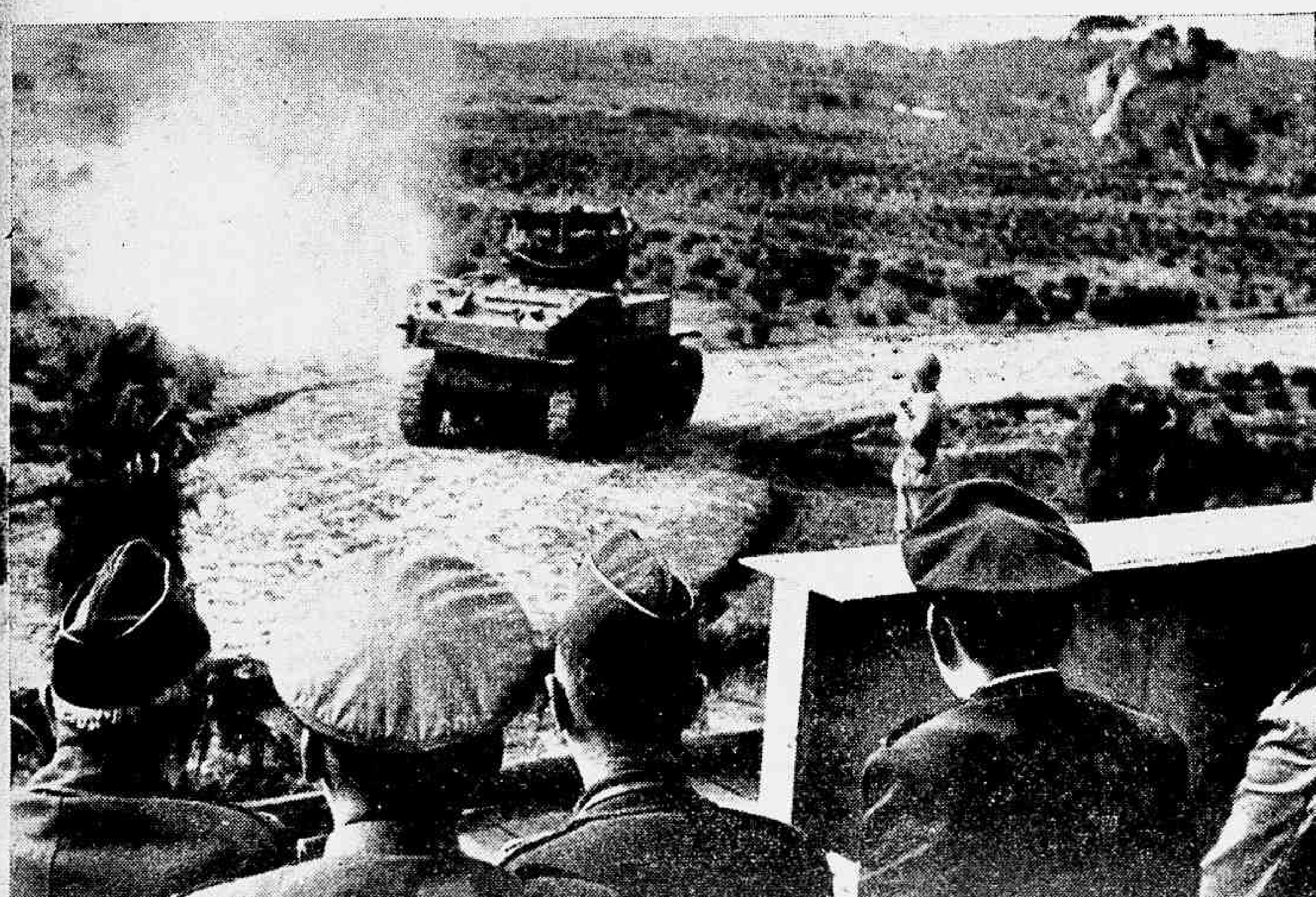
Chiang Kai Shek tem intensificado o preparo dos remanescentes de suas tropas, para a defesa contra a esperada investida dos comunistas chineses. Esta foto mostra os progressos conseguidos pelos nacionalistas.



Passando em revista as tropas de Formosa: Taipeh, Formosa — O Generalíssimo Chiang Kai Shek, de pé no interior de um «jeep». A Escola de Cadetes (à direita), situada na antiga Base



Naval Japonêsa de Kanshan, na ilha Formosa. Um tanque avança, num dos treinamentos de batalha realizados nos campos montanhosos ao norte de Taipeh, durante as práticas de defesa.





existe uma cadeia de ilhas pequenas, nesse estreito, o que viria facilitar grandemente a tarefa das fôrças nacionalistas, na difícil emprêsa que pretendem realizar.

A ilha Formosa apresenta uma superfície de 34.550 quilômetros quadrados e conta, atualmente, com uma população de cêrca de 7.000.000 de almas. Apresenta um passado histórico muito atribulado, entremeado por revoluções. A partir de meados do século XV, datam as primeiras noções precisas sôbre a extensa ilha. Estêve em poder dos holandeses, dos chineses (que para lá emigraram em grande número), dos japonêses e dos franceses. Finalmente, com o tratado de Simonosaki, em 1895, a ilha ficou definitivamente de posse dos japonêses, que ali instalaram um vice-reinado.

Como conseqüência de sua importância estratégica, Formosa, que se situa entre a China e o Arquipélago das Filipinas, teve relêvo durante a segunda grande guerra. Finalmente, ao cessar a contenda, a ilha passou a fazer parte da China, em 1946, após uma dominação japonêsa que durou 51 anos. Com a guerra civil chinesa, em que se empenharam os governos comunista e nacionalista, as tropas dêste último foram sendo impelidas para as costas meridionais da China, dali tendo que se retirar. Isto obrigou Chiang Kai Shek a trasladar seus comandos para a ilha Formosa e outros pontos ainda livres do domínio dos exércitos vermelhos.

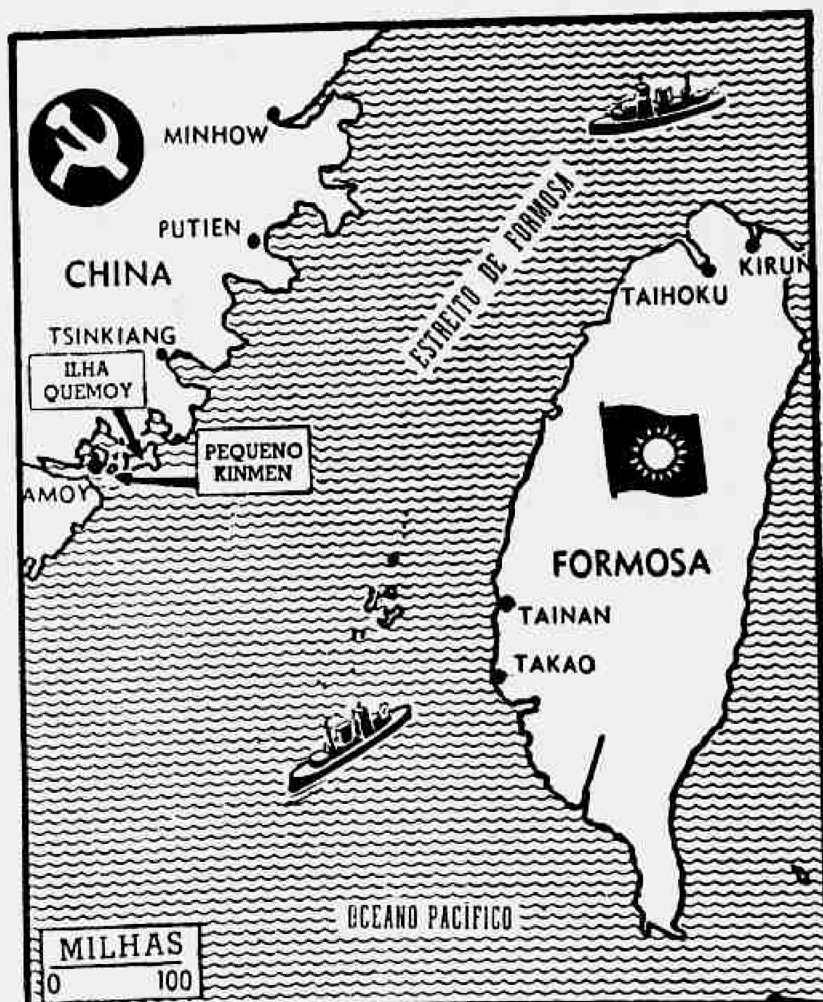
Assim, o govêrno nacionalista da China viu-se obrigado a se instalar em Formosa, e ali estabeleceu o quartel general de suas fôrças, tanto terrestres como marítimas e aéreas.



Mais de meio milhar de pilotos freqüentam agora a moderna e capaz Escola de Cadetes do Ar da já famosa e eficiente Fôrça Aérea Chinesa, situada em Kanshan. São os pilotos do Ar da China Nacionalista. Esta Academia segue o modêlo dos centros de treinamento ianque.

Taipeh, uma das mais importantes cidades de Formosa, acabou por se tornar o «coração» da ilha e, no que concerne à sua importância estratégica, tem posição paralela à que foi ocupada por Chungking durante a última guerra mundial. Outra cidade que apresenta suma importância no papel econôômico e militar da ilha, é a de Tainan, situada na costa sul-ocidental de Formosa, contando atualmente com mais de 100.000 habitantes.

Após o estabelecimento do govêrno nacionalista na ilha, Chiang Kai Shek passou a preparar seus homens, com a maior eficiência possivel, para uma invasão do continente, que deveria ser realizada antes de 1955, segundo seus cálculos. Contou, para isto, com o auxílio prestimoso dos Estados Unidos, que lhe forneceram o material necessário à reestruturação de suas fôrças, como aviões, instrutores, fuzis, navios, etc. Dêste modo, nos seis anos que decorreram desde a instalação dos chineses nacionalistas em Formosa, Chiang Kai Shek tem empreendido um programa de verdadeira propaganda anti-comunista, entre os povos asiáticos, concitando-os a se unirem num só bloco, a fim de combaterem a infiltração comunista, cujo melhor exemplo dos efeitos maléficos que proporciona aos povos subjugados, é a própria China, oprimida e obrigada a fornecer soldados para combaterem na Coréia. Sob o lema muito antigo, «a Ásia para os asiáticos», os povos nativos têm procurado resistir à infiltração comunista. Podemos contar em que os russos não logrem seu intento, qual seja o de dominar a Ásia, em virtude das tradições seculares que possuem aquêles povos, os quais não dei-



A ilha Formosa: os comunistas chineses têm bombardeado o Quemoy (Grande Kinmen) e as ilhas do Pequeno Kinmen, da ilha Amoy



Com o sol se pondo no horizonte, uma sentinela monta guarda, junto à bandeira dos nacionalistas chineses, no passadiço de um «destroyer».



Uma das habitantes da ilha Formosa se dedica à árdua tarefa de extrair água de uma das muitas plantações de arroz. E assim, neste «metier», hora após hora, ela fica ali, curvada, exposta ao sol causticante, com o corpo dentro d'água, a utilizar êsse antiquado e ineficiente processo.



O povo de Formosa vê com apreensivo e crescente sinal de alarme o tipo de «liberdade» a êle dado pelo exército chinês. Após 51 anos de sujeição japonêsa, êles desconfiam do generalíssimo...

xam de se ater às mesmas, dificultando assim, a tarefa dos sectários do falecido Stalin.

O papel dos norte-americanos no auxílio e proteção às tropas nacionalistas de Formosa tem sido por demais evidente. Como já foi dito, «Tio Sam» forneceu tôda sorte de material a Chiang Kai Shek, tanto material humano, como de guerra. Chegou mesmo, o Presidente Truman, a destacar uma pequena armada, a 7ª Esquadra Americana, sob o comando do «U. S. Rochester», para efetuar a proteção das águas territoriais de Formosa, ao mesmo tempo que auxiliava na escolta ao transporte de tropas das Nações Unidas para a zona de combate da Coréia. Dêste modo, ficaram as tropas nacionalistas parcialmente protegidas de uma invasão, por parte das fôrças comunistas, que, antevendo o programa traçado por Chiang Kai Shek, tomariam a iniciativa na guerra que ainda se trava entre as duas Chinas. Pôde, pois, o Generalíssimo, arregimentar sob o seu comando, maior número de homens e, não deixa de ser marcante o aumento crescente verificado no total das tropas nacionalistas: os 30.000 chineses de 1950 transformaram-se nos prováveis 500.000 soldados da atualidade.

A conclusão a que se pode chegar, depois de pesados todos êstes fatos, é que o plano idealizado por Chiang Kai Shek, que, a muitos pareceu utópico, já foi realizado, em sua parte básica, qual seja a de arregimentar e adestrar grande número de homens, para a invasão e libertação da China. Resta, agora, a segunda parte dêsse programa, a qual se afigura difícil de ser realizada, tão difícil mesmo, como a fase anterior, observada nesses seis anos de intensos preparativos. Não temos dúvidas, no entanto, de que



Um «búfalo-d'água» puxa êste primitivo tipo de arado para um fazendeiro, que lavra sua terra. Curioso modo de vida na ilha, hoje controlado pelo exército chinês e esquadra norte-americana.



Aguardando o ataque comunista: um soldado nacionalista carrega cestas de arroz para sua barraca, passando diante de fileiras de bacias e toalhas. Não há descanso ante a ameaça vermelha.

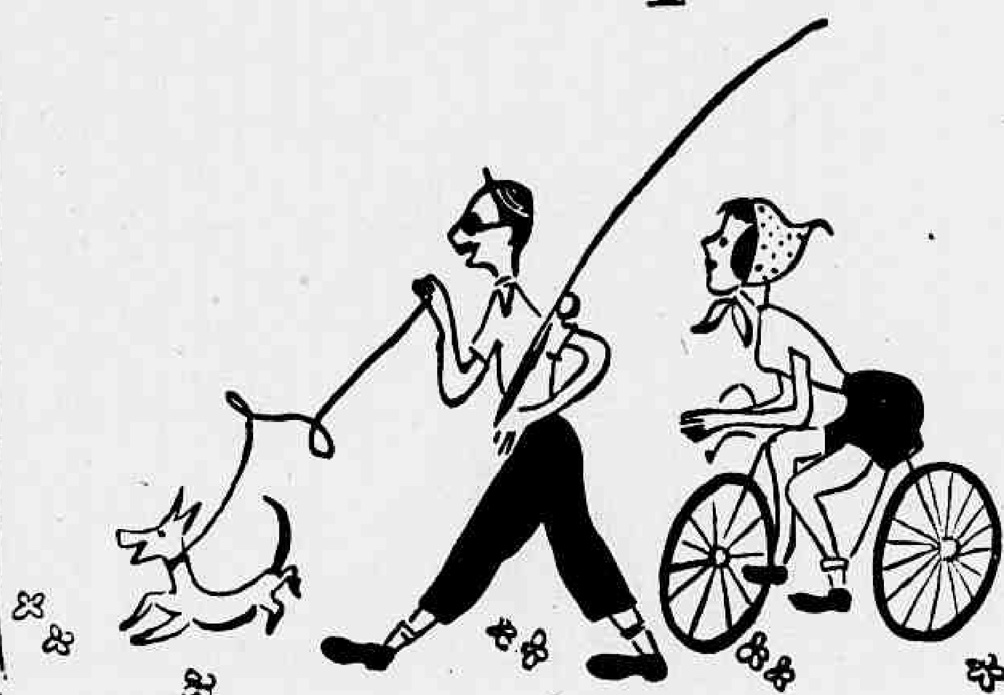
o bravo militar conseguirá seu intento, pois conta com a solidariedade e o apoio das Nações Livres, que não podem ficar impotentes ante o perigo representado pela expansão imperialista da Rússia Soviética.

Talvez o propósito de Chiang Kai Shek, de invasão do continente n oano que ora transcorre, não seja realizado como êle deseja. Mas, podemos admitir que, se tal não se der em 1953, no ano de 1954, as tropas nacionalistas estarão em solo continental, combatendo os cruéis dominadores do povo chinês. Isto é o que todo o mundo livre espera e, mais particularmente, a imensa população chinesa, sofredora e oprimida, que se encontra por trás da cortina de ferro.

Devemos considerar ainda a hipótese, bastante viável, de que Chiang Kai-Shek, apesar de seus notáveis esforços, não consiga invadir a China Comunista ou **mesmo que tal se dê,** não consiga derrotar os vermelhos, cujos exércitos contam com um número de homens muitas vêzes superior ao das tropas nacionalistas. Se isto ocorrer, poderá a Ilha Formosa ser transformada, efetivamente, na China Nacionalista? Ficará, então, sendo a Pátria de todos os chineses livres, para a qual acorrerão todos aquêles que conseguirem escapar da China Comunista? No caso afirmativo, dar-se-ia o mesmo que ocorreu com Israel, após a proclamação de sua independência: o afluxo de milhares e milhares de judeus para as principais cidades da Palestina, os quais, posteriormente, foram enviados para os campos, onde formaram novos núcleos de população. Com Formosa, fato semelhante teria lugar, com a variante de que o número de chineses que para lá se transportariam seria imensamente

(Cont. na pág. 41)

S. Lourenço
Caxambú
Araxá
Lambarí
Cambuquira



Toda a família terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de conforto em viagem aérea.

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 • 32-7399

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

QUEM DISSE ISTO?
Respostas:

1 **Aristóteles**
2 **Brillat — Savarin**
3 **Machado de Assis**
4 **D. Ana de Campos Sales, ao espôso, então Presidente da República.**
5 **Joaquim Nabuco**

PUXE PELO CÉREBRO
RESPOSTAS:

1 — Belém
2 — Carlota Joaquina
3 — Um presente (de um português a D. João VI)
4 — Dois anos
5 — A Academia Brasileira de Letras
6 — 2-12-1877
7 — Inglês (John Branner com os companheiros Oliver e Benest)
8 — D. João VI
9 — Cachoeira
10 — Lima
11 — Aglomeração urbana de judeus
12 — João Caetano
13 — Minas Gerais
14 — Ouro Prêto
15 — Piranga

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● JÚLIA (Rio)

SONHO: Sonhei que estava dormindo e que despertava com um barulho estranho que me dava a impressão de estar alguém mexendo nos móveis. Verifiquei, com surprêsa, que, efetivamente, os objetos se mexiam, mas eu não via ninguém. Cheia de mêdo, perguntei-lhe quem era; uma voz estranha respondeu com palavras ininteligíveis. Lancei-lhe, então, um repto: — Se fôsse um espírito, que se identificasse. — Vi, então, uma forma — espécie de sombra — e os pés de mulher começaram a aparecer. Nada mais vi senão um véu que envolvia aquela «forma imprecisa». Corri para o quintal escondi-me atrás de uma árvore, mas, mesmo aí a sombra me seguiu e ouvi nìtidamente: — Reze por mim. — Olhei para o quarto e vi uma mulher caída no chão. Tôda esta cena se passou num ambiente fluídico, imponderável, como deve ser a atmosfera própria dos desencarnados.

INTERPRETAÇÃO — Para os materialistas, o classicismo científico e a religião ortodoxa, seu sonho não passa de fantasia exaltada dos sentidos, provocados, talvez, por algumas práticas espirituais. Mas, para os que estudam e procuram desvendar o «mais além» da existência terrena, êsses fenômenos são denominados «Viagens Astrais». Além disso, quem de nós ainda não perdeu um parente ou um ente querido? Êles se recomendam a nós, pedindo que por êles oremos. Você não deve ficar amedrontada com o fato; pelo contrário, deve procurar o que há de desajustado em seu Eu interno e que seja capaz de arrastá-la a uma «queda» moral, material ou espiritual (mulher caída no chão). Nossos sonhos não são essencialmente feitos de uma só lembrança, de um só fato, ou de uma só manifestação espiritual. Êles são um conjunto de todos os nossos pensamentos, sentimentos e atos. Por isso, Júlia, procure alguém que a ajude a aclarar alguns pontos obscuros e duvidosos que há em seu modo de encarar as cousas do espírito.

● **SELMA — Sonhei que entrava com meu marido (morto há vários anos) em nossa casa, que, no sonho, era totalmente diferente, imensa e vasia, sem um móvel, sem um adôrno. Êle estava risonho, mas silencioso; e eu, ao mesmo tempo que me sentia bem, por estar ao lado dêle, tinha o coração imerso não sei em que estranha melancolia. Paramos na sala, quando entrou uma senhora que me pediu licença para ir tomar banho na fonte do fundo do parque; perguntei-lhe de que fonte se tratava e ela me respondeu que, no extremo do parque, havia uma água milagrosa que curava tôdas as doenças. Olhei na direção indicada e vi as copas das árvores de um bosque inundadas por maravilhosa e doce luz de poente.**

INTERPRETAÇÃO: — Até mesmo o ocaso, Selma (poente do seu sonho) tem sua luz, o que significa que, do nascimento à morte, somos esclarecidos pelos raios luminosos do nosso espírito. E' natural, pois, que você haja transformado a sua vida em magnífico bosque, onde as frondes das árvores — os seus belos pensamentos — estejam iluminados por uma réstea de sol que outra cousa não é senão o amor: é a dedicação que mora em seu coração. Embora você tenha conseguido equilibrar sua vida sem seu espôso (grande mansão) a falta dêle torna-a triste e vasia (casa deserta e desguarnecida). Tal como a sábia natureza, você se renova constantemente (tomar banho na fonte) e fica surprêsa ao ver o milagre que sua bondade opera em seu ambiente familiar. Há sempre uma porta aberta por onde as surprêsas agradáveis vêm ao seu encontro. Vejo que você é uma mulher valorosa e que sabe vencer as dificuldades e os obstáculos, não se deixando vencer pelo desânimo, mesmo que o caso a venha surpreender em meio à jornada. Isso, porque, dentro de todo coração humano, há uma fonte cantante de perenes melodias e você sabe ouvi-las e aproveitá-las para seu próprio bem e o daqueles que a rodeiam.

● **PEDREIRO — (Ilha Grande)**

1º SONHO: — Ia casar-me para conseguir minha liberdade. A família de minha suposta vítima — meu casamento seria forçado — aceitava a proposta, mas, no momento em que o juiz ia me declarar casado, uma visinha de minha «vítima» reclamou também reparação, alegando que eu a havia desonrado.

INTERPRETAÇÃO — Para o comum das crianças, o complexo sexual é o único ponto culminante que representa a vida psíquica: tudo o mais é secundário. Assim, diante do que se passou com você, é justo e natural que seus sonhos girem em tôrno do «complexo proibido» e que roubou sua liberdade. Vejo perfeitamente a revolta e um mixto de ódio se expandirem em seu sonho (casamento forçado). Devido ao estreito círculo em que vive atualmente, sem poder expandir-se sentimentalmente, seus sonhos são uma válvula de escape a seus anseios e desejos reprimidos. Tenho a certeza de que, dentro em breve, todos os recalques passarão e você recuperará a confiança própria e verá a vida por um prisma novo e diferente. E' necessário, entretanto, que use o método catártico para aliviar sua consciência, o que poderá ser praticado com o auxílio de um amigo em quem deposite inteira confiança, ou, então, de um médico



Marlene parece ter firmado contrato com o Tempo. Elegante, bonita, louçã, é uma mulher de uns trinta, mesmo que cada vela valha 10...

MARLENE FÊZ CINQÜENTA ANOS

POR QUE MOTIVO Marlene Dietrich recebeu a comenda da Legião de Honra? Porque, na última guerra, ela se converteu numa verdadeira patriota contra o nazismo, descendo das alturas do seu firmamento cinematográfico, vindo cantar e dançar para os soldados da democracia, enfrentando as mais adversas condições de tempo e local, viajando de jeep, a pé, fôsse como fôsse, por vários paises da Europa onde houvesse tropas aliadas a animar com sua arte inimitável. Por êsse motivo foi cognominada, "A pequena glamorosa internacional". Nada mais justo do que lhe colocar ao peito o prêmio moral de seu valor na guerra: o sinete da Legião de Honra. Marlene encanta em suas interpretações de "enfeitiçar", não havendo quem a sobreleve na arte de tornar-se uma dominadora de corações, tanto nos estúdios, como nas platéias de todo o mundo.





1932 em «ANJO AZUL»



43030

12.4.32

43 — NEW-YORK

CARTE D'IDENTITE

Nom : DIETRICH-VON LOSCH
Prénom : Maria Magdalene
Pseudonyme : Marlene DIETRICH
Femme : Sieber
Née le 27 Décembre 1902
à Weimar (Allemagne)
Nationalité : Allemande
Naturalisée : Américaine
Profession : Violoniste puis actrice
Domiciles : New-York - Paris - Londres

SIGNALEMENT : Eblouissante
Cheveux : Foncés mais décolorés
Yeux : Bleus Forme du visage : ovale
Nez : moyen Teint : Clair
Signe particulier : Jolies jambes

Aqui está a reprodução fotográfica da fôlha de identificação de Marlene ao chegar a Nova York. Sinal particular: "lindas pernas". Concordam?

VOVÓ MARLENE VAI FAZER 51 ANOS ★ MAS E' UMA APAIXONADA DA BELEZA ★ PASSOU FOME

EMBORA não seja tarefa muito fácil descobrir-se, exatamente, a idade real de uma «estrêla» do firmamento de Hollywood, sabe-se que a famosa Marlene Dietrich fêz cinqüenta anos a 27 de dezembro do ano passado. Muitos dicionários biográficos dão outra idade. Há uns que registram 27 de dezembro de 1904, todos, porém, indicando sempre uma data mais favorável à grande Maria Magdalena Dietrich von Losh, nascida em Weimar, Alemanha, naturalizada norte-americana.

Poucas artistas têm uma vida tão cheia de subidas e descidas, como a antiga dominadora de corações. Aos três anos de idade perdeu o pai, Louis Dietrich, major de cavalaria dos Uhlans. Sua mãe se casa com Edward von Losh, coronel dos Hussards, morto nas fronteiras da Rússia, quando se travava a primeira guerra mundial. Marlene e sua mãe passaram a lutar para viver. A mocinha aprendeu a tocar violão e a cantar. Possuía bela voz, cuja gravidade aveludada se casava com o azul dos seus olhos românticos. Mas, dentro em pouco, verificou ela que a profissão de violonista e cantora de «Danúbio Azul» não rendia nada. Um dia fere o punho acidentalmente e mete o instrumento no estojo, abandonando-o de vez.

Sua inclinação para as artes teatrais, porém, continuava a ferver no sangue, e a linda Maria Magdalena começa a figurar em interpretações com Max Reinhardt, fazendo certo sucesso em «Sonho de uma noite de verão». Mas o papel que lhe confiam não ajuda muito. Entretanto, um jornalista escreve, que o que mais o impressionou foi o sensualismo de Hippólita, justamente o papel que Marlene encarava. Essa apreciação atraiu as atenções dos estúdios da UFA, que abriram as portas à nova artista, ficando ela à espera de uma oportunidade. Mas a chance não chegava e a situação de Marlene se agravava. Não havia dinheiro, e ela e a mãe estavam passando fome. Um dia, Marlene teve uma idéia: vender a um dêsses agiotas espalhados por todo mundo, o violão que pertencera a seu pai, instrumento que era conservado por madame Von Losch como uma prenda inestimável, uma recordação do espôso, um talismã da família, diante do qual tantas vêzes a pobre viúva chorava reunindo as mãos em prece. Marlene vai até ao belchior e vende o violão. Volta a casa e entrega o dinheiro à mãe, largando uma mentira descarada: era o primeiro fruto de seu contrato na UFA. E' claro que a velhota ficou radiante e beijou a cabeleira de ouro da filha vitoriosa. Mas, sucedeu o que seria de esperar: poucos dias depois a viúva notou a falta do violão, e seu choque foi tão forte que adoeceu gravemente e ficou à morte. Marlene, alarmada e sentindo também as lamentações maternas, chamou um médico amigo e contou tudo, pedindo segrêdo. O facultativo, que também era músico, compreendeu o drama e a sensibilidade daquela pobre senhora. Além de curar o físico, também procurar o psíquico. Foi ao agiota e resgatou o instrumento, com os juros da usura, trazendo-o novamente para o lar da enfêrma. E' inútil dizer que esta teve tanta



1952 em «ANJO MALDITO»



Marlene, em 1938, no Moulin de la Galette, com bela orquídea à lapela.



Com Jean Gabin, ao filmar "Martin Roumagnac". Êles se amaram...



Marlene com sua filha, Maria Sieber (Riva), que se parece com a estrêla.



Ao ser condecorada pela Legião de Honra, recebe o beijo de M. Bonnet.

E, PARA COMER, TEVE QUE FURTAR UM VIOLÃO ★ HITLER FÊZ TUDO A FIM DE CONQUISTÁ-LA

alegria que se ergueu do leito completamente restabelecida. E voltou novamente a felicidade para ambas, embora a fome continuasse a afligi-las.

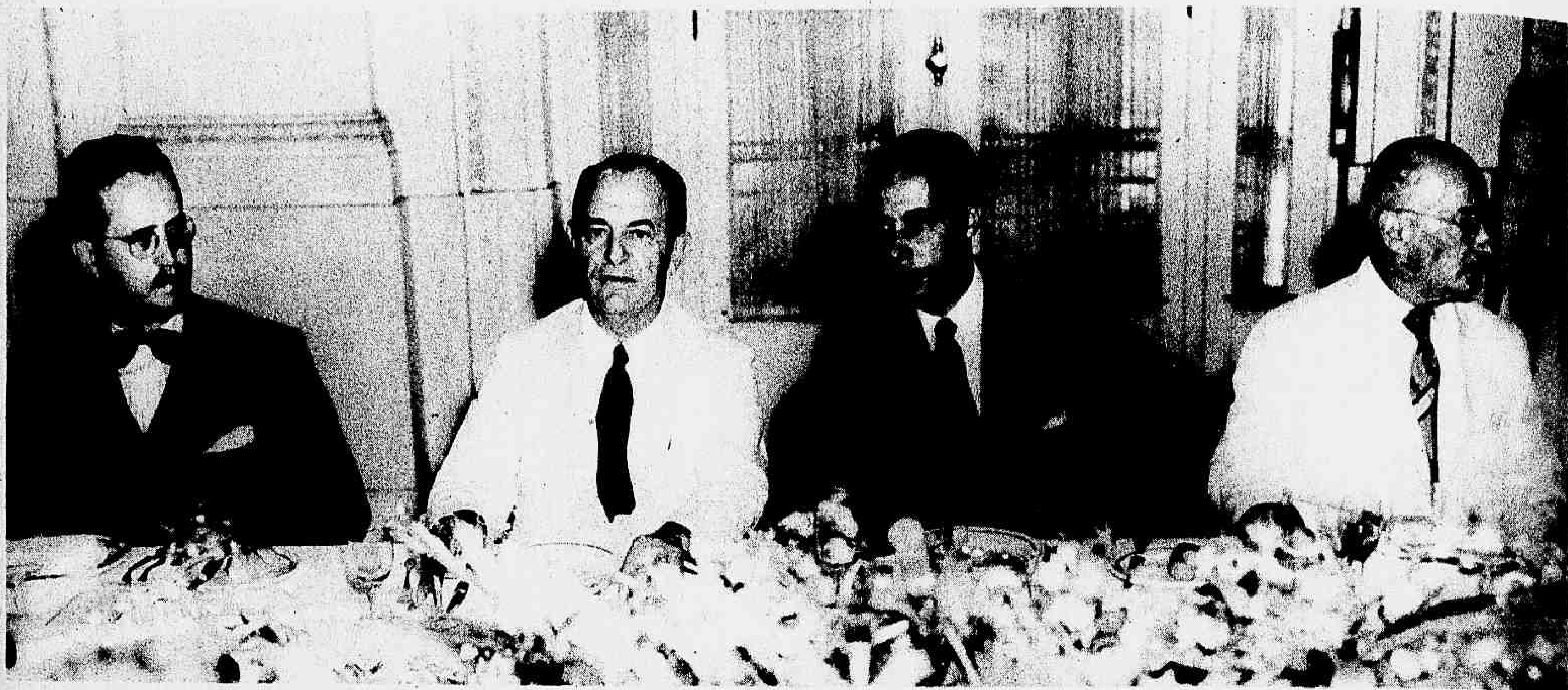
Mas tudo passa sôbre a Terra. Até a desventura. Um dia Marlene trava relações com um jovem assistente de «metteur en scéne» da UFA, chamado Rudolf Sieber. A amizade se converte em amor e o amor em casamento. Marlene já não precisava furtar o violão do museu doméstico para arranjar umas pratinhas. As coisas melhoram e vem uma filha, dois anos depois, a quem dão o nome de Maria. Mas, espírito voltado para a arte, não quis dedicar-se ao lar e integra o elenco de uma opereta alemã denominada «Broadway», em 1926. Conquista o sucesso, enfim. Tudo corre muito bem e ela atinge a culminância da fama cinematográfica ao lado de Emil Jannings, uma das maiores glórias da arte fílmica da Alemanha. Marlene já está na pujança de sua sedução como mulher e como estrêla de primeira grandeza. Dentro em pouco Hollywood se interessa por essa alemãzinha de corpo delicado e pernas atordoantes. E a convidam. Nada mais natural do que ela aceitar, é claro. Marlene se fixa em Los Angeles e filma nada menos de 26 filmes em vinte e seis anos de atividades hollywoodeanas. Amontoa vestidos caríssimos, peles raras, é considerada uma «estrêla» invulgar, recebe milhares de cartas de apaixonados do mundo inteiro, os seus filmes são seguros sucessos de bilheteria, suas pernas cantadas em prosa e verso. O triunfo é tal que Hitler manda convidá-la por intermédio de Ribbentrop, declarando que «punha o coração a seus pés», e que a elegeria a «Rainha do Cinema Alemão». Pois Marlene, apesar de prussiana, recusa os salamaleques do Fuehrer e manda dizer-lhe que não deixará a América do Norte, pois que, moral e intelectualmente, tudo deve ao país onde estava, desejando dividir com êle suas glórias e suas dificuldades. Logo depois se naturalizou cidadã americana.

Agora Marlene está com 50 anos e três meses. Já não é mais a namorada do mundo; mas é elegantíssima e se veste por Paris e Nova York. Conserva tôda a sua beleza física, embora não vá a nenhum Instituto de Beleza. O segrêdo de sua vitória física e epidérmica está na alimentação racional, cujos acepipes ela mesma os faz, não possuindo cozinheira. Bebe um pouco de vinho finíssimo às refeições, fumando maço e meio de cigarros por dia. E' curioso acrescentar que Marlene não dorme muito; apenas umas cinco horas por noite. Não possui casa própria, uma vez que adora andar pelo mundo, onde tem admiradores por tôda parte. Quando as saudades apertam, empunha o violão e canta velhas melodias da pátria distante, e o tom de sua voz reflete a emoção que lhe vai nalma. Marlene gasta muito com vestidos; mas se mantém sempre num aprumo que faz inveja às mais elegantes e ricas do universo.

Marlene é separada de seu marido, com o qual não viveu muito. E já é avó, uma vovòzinha muito terna e amável, espirituosa e mesma bela. Meio século de existência dentro de uma vida de venturas e... aventuras.



Marlene Deitrich, para mostrar que a ficha dos norte-americanos não mentia, mostra-nos suas pernas espirituais na filmagem do "Rancho Notorious".



Da esquerda para a direita, os srs. professor Pinheiro Guimarães, ministro João Cleofas, Francisco Eduardo de Paula Machado e Francisco Antunes Maciel.



Tocam as suas taças o ministro da Agricultura, sr. João Cleofas e o dr. Francisco Eduardo de Paula Machado.

A TEMPORADA OFICIAL DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

SUA INAUGURAÇÃO ★ G. P. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA ★ ALMÔÇO AO TITULAR DA PASTA ★ FALOU, PELO JOCKEY, O MINISTRO GALLOTTI ★ RESPONDEU O SR. JOÃO CLEOFAS

INAUGUROU-SE, a 1.º dêste mês, a temporada turfista oficial do Jockey Club Brasileiro. Chamava-se *Grande Prêmio Inaugural* o páreo máximo dessa reunião, que constitui um verdadeiro acontecimento esportivo-social. Agora o nome dêsse páreo é *Grande Prêmio Ministério da Agricultura*. E o será definitivamente, como uma justa homenagem ao Ministério ao qual se acha ligado o turfe. Foram homenageados também, com páreos tendo os seus nomes, o atual titular da pasta, sr. João Cleofas, e os ex-ministros general Juarez Távora, srs. Apolônio Sales, Daniel de Carvalho, Ildefonso Simões Lopes e Fernando Costa. Antes, porém, das corridas, realizou-se no Salão das Rosas, do Hipódromo, um almôço oferecido ao ministro, sr. João Cleofas. Compareceram: o homenageado, os diretores do Jockey e convidados de alta expressão em vários setores da vida nacional. Ao "champagne", o ministro Luiz Gallotti, diretor da prestigiosa entidade, pronunciou expressivo discurso no qual historiou o amparo moral e material que o Ministério tem dado ao cavalo puro-sangue inglês, do qual resulta o melhoramento da raça equinea brasileira. O orador terminou erguendo a sua taça pela felicidade pessoal do ministro João Cleofas e pelo êxito de sua ação administrativa. Em seguida, erguendo-se para agradecer, o ministro homenageado, em belo improviso, ressaltou a importância do turfe, que sendo, embora, diversão, influi sôbre a vida econômica do país. Exaltou o Jockey Club Brasileiro, que considera um dos complementos do Ministério da Agricultura.



Outro aspecto do almôço realizado no Salão das Rosas do Hipódromo, vendo-se o ministro Luiz Gallotti entre destacadas figuras do mundo turfista e social.

GRANDE CONCURSO "BRAZÍLIA"

MAIS DE 200.000,00 EM PRÊMIOS

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de feitura instrutiva, educacional e atraente!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeira, máquina de escrever, liquidificadores, máquina de costura e muitas outras coisas de grande utilidade.

●

Obtendo do seu jornaleiro um exemplar do "Álbum", recorte, cuidadosamente, as figuras da gágina 30 desta revista e vá colando no "Álbum" de acôrdo com os números.

●

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio

DOENÇAS DO FRIO

EIS ALGUMAS enfermidades produzidas pela baixa temperatura. O frio é um fator responsável por muitos distúrbios entre os quais: resfriados, inflamações da faringe, das amígdalas, anginas, pulmonites, bronquites, pleurites, males do aparelho digestivo, anginas pectoris, reumatismos musculares, reumatismos articulares e distúrbios do sistema nervoso.

O FRIO como causa única e principal PROVOCA distúrbios de carater geral

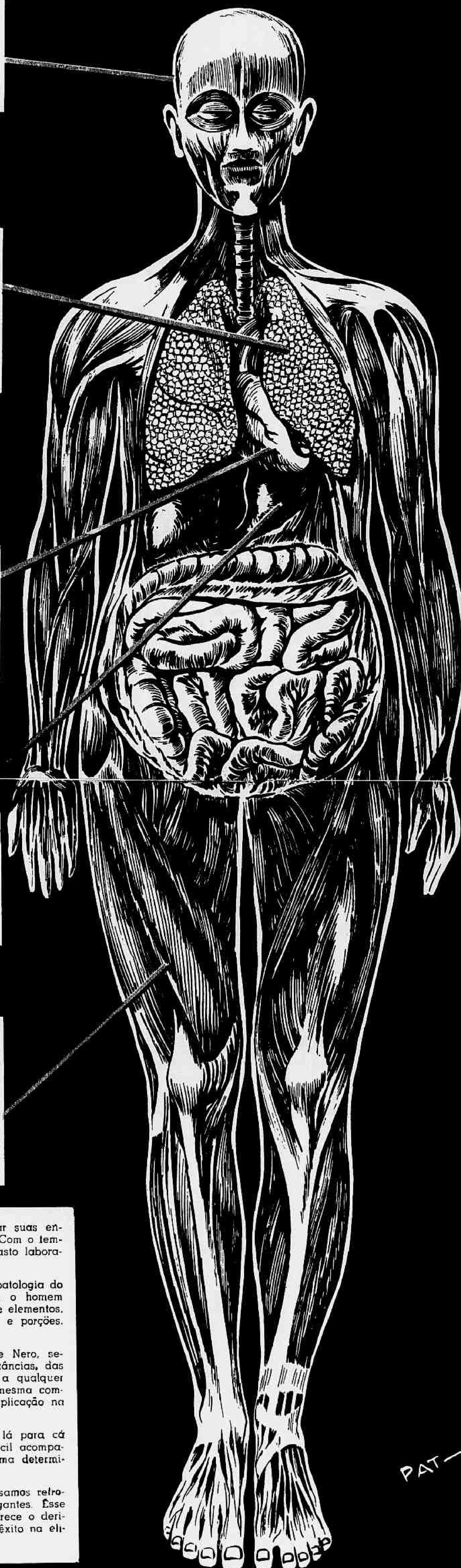
Por intermédio do FRIO PROVEEM os distúrbios do

resfriamento

Distúrbios de caráter local

Frieiras

Congelamentos de I II III grau



SISTEMA NERVOSO. Nevralgias, paralisia facial

APARELHO RESPIRATÓRIO. Doenças da garganta, dos pulmões

APARELHO CARDIO-VASCULAR. Angina pectoris, hemorragias cerebrais

APARELHO DIGESTIVO. Perturbações gastro intestinais

SISTEMA MUSCULO ARTICULAR. Reumatismo muscular, reumatismo articular

NÃO HA DÚVIDA de que as primeiras tentativas feitas pelo homem para curar suas enfermidades, deveriam consistir na prática da magia ou no sortilégio do talismã. Com o tempo percebendo a insuficiência da magia o homem começou a se valer do vasto laboratório da natureza: ervas, fôlhas, raízes e produtos animais.

Nesse remoto passado ignorava-se por completo a anatomia, a fisiologia e a patologia do corpo humano. Incapaz de dar o diagnóstico preciso para determinada doença, o homem inicia a manipulação de um novo produto misturando o maior número possivel de elementos, na esperança de acertar. Desta maneira tiveram origem os famosos unguentos e porções. Uma panacéia que deveria servir para todos os males.

Ficou célebre a droga inventada segundo alguns por Andromaco, médico de Nero, segundo outros por Mitridate, rei do Ponto. Era uma droga composta de 57 substâncias, das quais a principal era a carne de víbora, considerada, então, o melhor antídoto a qualquer espécie de veneno. Naturalmente esta droga foi empregada, por fôrça de sua mesma composição, numa infinidade de doenças. Por muito tempo êsse medicamento teve aplicação na medicina. Foi Veneza em 1500 seu maior centro exportador.

Na metade do ano de 1600 a planta da quina era usada como febrífugo e de lá para cá vem sendo aplicado o seu derivado o quinino. Por tôdas essas razões, não é fácil acompanhar desde as origens os métodos usados nos diferentes tempos, para debelar uma determinada doença ou um grupo de doenças como o das enfermidades do frio.

Se indagarmos qual o processo empregado para a cura do defluxo, não precisamos retroceder demais. Na antiguidade era curado por meio de defumações e de purgantes. Êsse método atravessou as idades chegando até o século passado. Já em 1839 aparece o derivado do ácido salicílico a aspirina: a transpiração sudorífera alcançou grande êxito na eliminação dos tóxicos.

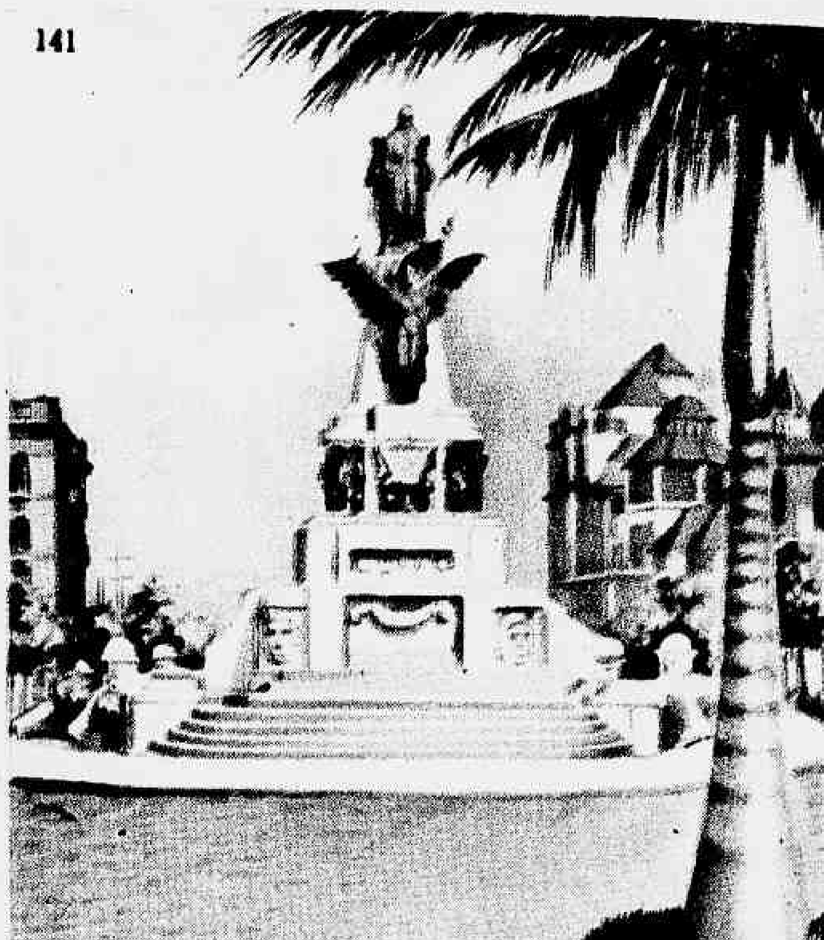




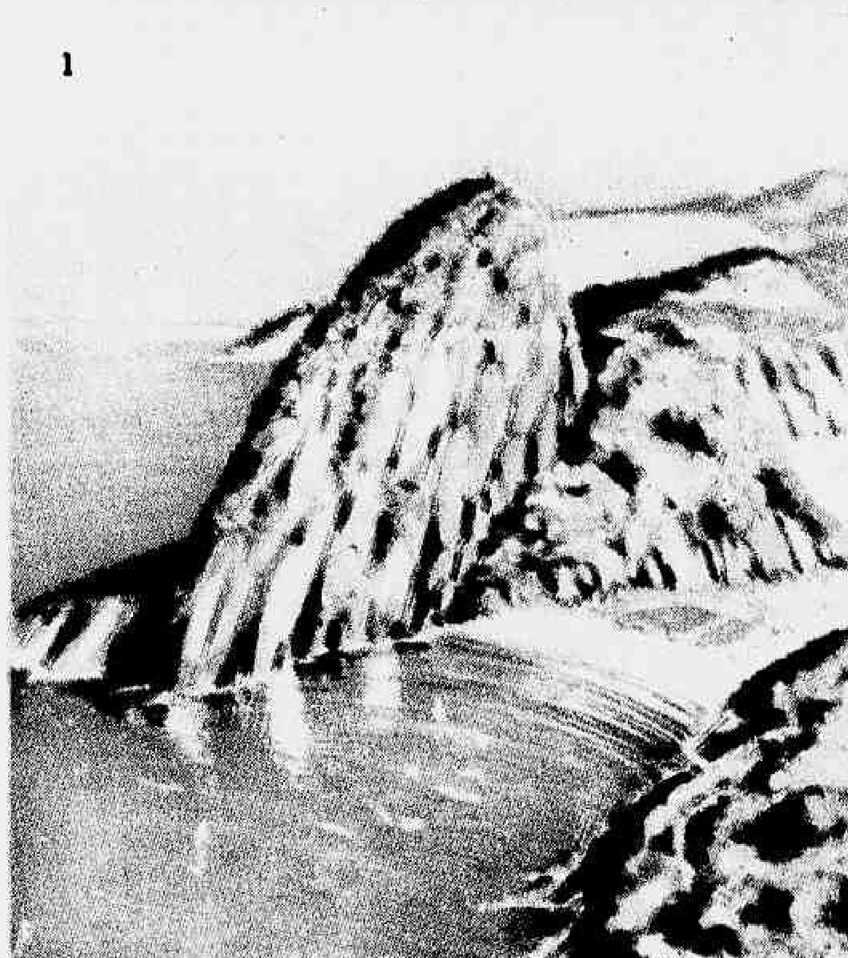










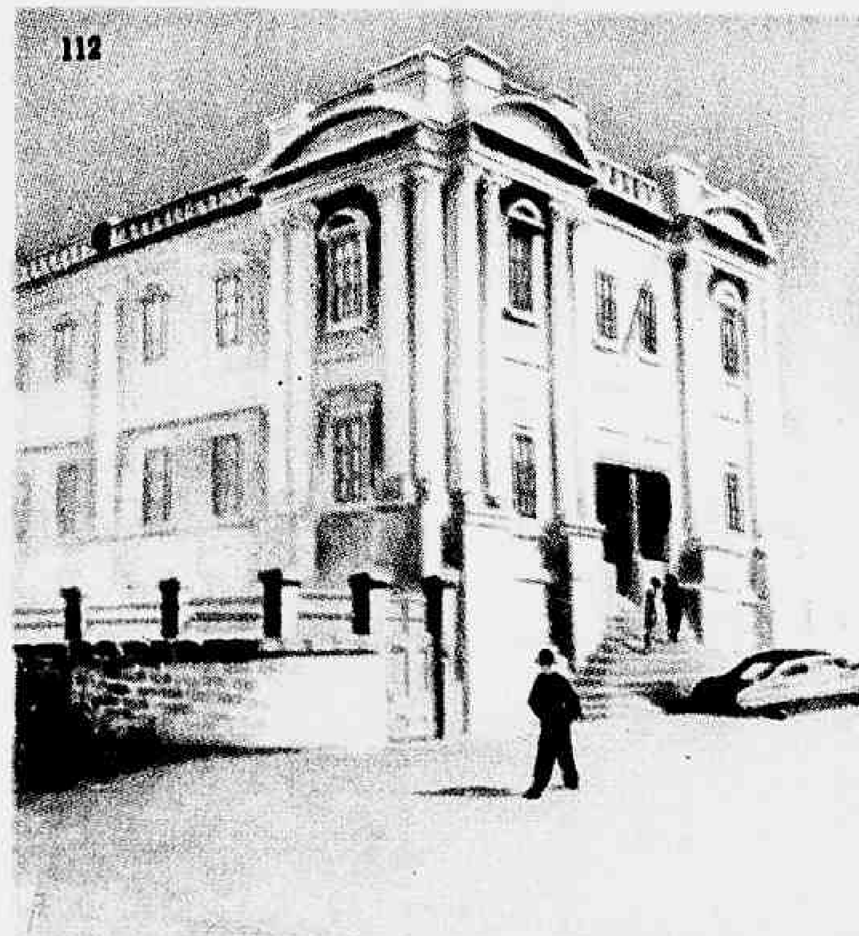


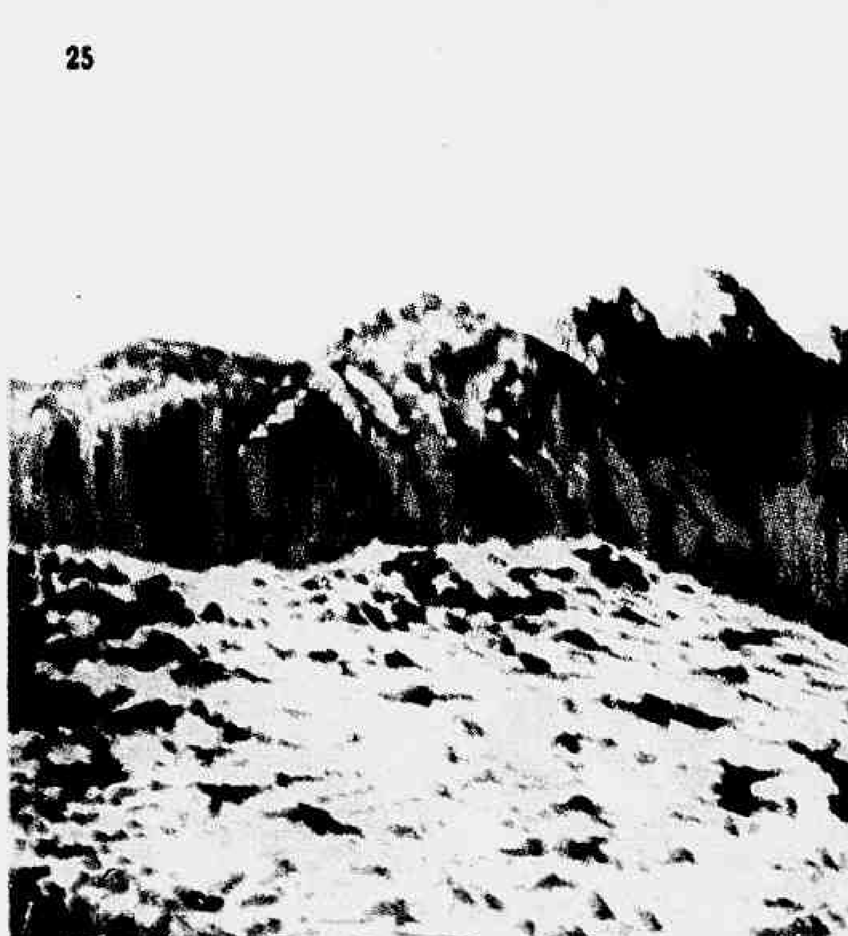
86

ESTADO DO PARANÁ

ESTADO DE SANTA CATARINA

ESTADO RIO GRANDE DO SUL









Uma das vistas mais características de Constantinopla.

HÁ CINCO SÉCULOS, CONSTANTINOPLA...

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira de Letras)

O quinto centenário da queda de Constantinopla não é apenas uma data evocativa: serve de pretexto para uma oportuna revisão histórica. Em 1453, sob a pata dos ágeis cavalos árabes, ruíram as defesas bisantinas. Ainda lá estão, em tôrno da refulgente Istambul, as muralhas imensas de Anastácio, testemunho grandioso da resistência e do esplendor do império romano do Oriente. Apesar dos minaretes que lhe juntaram, das cruzes que lhe abateram, lá está Santa Sofia, contando, na sua linguagem de mosaico e pedraria, a glória de Justiniano. Quem visita a côrte do Bósforo, impregnada de tradição cristã, de pompa muçulmana, de espírito turco, de arte ambígua — ponte fantasmagórica suspensa entre os mundos clássico e asiático — tateia, sente, descobre a contingência dos Estados, a vária sorte dos reis onipotentes; e reconhece os insondáveis desígnios de Deus. Mas o que sobretudo emociona nessa Bisâncio dos basileus, nessa velha capital dos senhores do universo, herdeira infeliz de tôdas as civilizações extintas no seu destino de refúgio da cristandade — é o seu caráter de símbolo da decadência moral, que abre ao inimigo as portas desguarnecidas, e de padrão da incapacidade política, que foi suicídio, renúncia e aniquilamento.

Dessa realidade terrível ficou um traço irônico: a questão bisantina.

Reinava Constantino Dragosés. Os otomanos, sob o comando de Mahomet II, o irresistível, cercavam a cidade, de cujas tôrres de tijolo e esmalte se viam as suas tendas coloridas, o fulgor dos elmos de cobre, o lampejar do sol nas lanças e nas cimitarras. Fora, esfervilhava o entusiasmo das hordas conquistadoras; dentro, os defensores se dividiam numa discórdia sábia e miúda. João Paleólogo ateara o incêndio da polêmica religiosa com o seu plano de unir as igrejas; e o fanatismo, arrebatando aos teólogos a sutileza do debate, separara o povo em partidos rancorosos. Primavam os demagogos da fé. Entre êles havia um monge sinistro, que atribuía todos os males ao contato impuro dos latinos e chamando-lhes pérfidos, recomendava que se afastassem dêsses "idólatras", antes que as armas divinas os castigassem pelo perjúrio, pela impiedade! O ódio sectário foi mais forte do que o mêdo do invasor. Dizem os cronistas que, rotos os baluartes a tiros de bombarda e com explosões de



Mahomet II, por Gentile Bellini.

pólvora, levados os gregos a fio de espada para o interior dos seus baluartes, morto o imperador, que caíu valentemente, à frente de um grupo de guerreiros, barrando o caminho àquela cavalgata feroz, entrou ela por um convento e surpreendeu, em plena discussão, tôda a colegiada. Discutia gravemente um tema idiota de hierarquia... Continuava a disputar, quando cintilaram nos claustros as alabardas do Profeta; e se estenderia por muito tempo ainda a controvérsia, se a soldadesca não a atalhasse degolando os contendores.

Outros autores rezam que "questões bisantinas" eram as de nevoenta filosofia embrulhada em problemas litúrgicos ainda mais vagos; e que, ao rasgarem os otomanos os muros da cidadela, os doutores acabavam de tomar deliberações finais a respeito da dúvida sôbre o sexo dos anjos... Haverá caricatura nessa informação. Talvez aquela douta gente estivesse cuidando de uma metafísica mais urgente ou mais sugestiva. Porém é certo que a divergência irremediável, com a derrota admitida e consentida, que é a capitulação prévia das almas, condenou Constantinopla e a entregou, ferida de morte, às jovens turbas conduzidas pelo sultão glorioso.

Napoleão havia de dizer um dia: "Não imitemos o exemplo do baixo-império que, cercado dos bárbaros, desafiou o sarcasmo da posteridade ocupando-se de discussões abstratas quando o ariete lhe arrebentava as portas da cidade..."

E Edgard Quinet, falando à imprevidência da sua nação: "O espírito mais vivo, o mais judicioso, se perde na **sutileza dos bisantinos.**"

Eis por que o quinto centenário da queda de Constantinopla — marcando o fim da Idade-Média — assinala o colapso de uma cultura e a alvorada de um mundo novo. Pior do que o inimigo que ataca a ferro e fogo é a insidiosa dialética que destrói como o fogo e o ferro, transformando a indignação sagrada dos patriotas no fumo débil do... bisantinismo.



Um espetáculo inédito pelo programa político que levaram a efeito os estudantes da Faculdade de Direito e da Escola de Engenharia do Recife, a 20 de fevereiro último, ao "casetigar" os calouros, ferindo com ferro em brasa os figurões da política nacional contemporânea. Um "show" que deu o que falar.



A festança de Corbeville também foi rememorada neste modêlo de Jacques Fath. Os rapazes das Faculdades recifenses tiveram, realmente, espírito.

NO RECIFE

O TROTE DOS "FERAS"

A IRREVERÊNCIA DOS RAPAZES ★ OS HOMENS PÚBLICOS SOFREM MAIS DO QUE OS CALOUROS ★ UMA FESTA DA CIDADE ★ MUITO POLÍTICOS OS MOTIVOS DOS CARTAZES

Texto de ABDIAS MOURA **Fotos de PEDROSA**

QUEM passasse pelas ruas centrais do Recife, no dia 20 de fevereiro, julgaria que o Carnaval pernambucano se prolongara pela Quaresma. Mas o que havia, na realidade, era apenas o trote dos novos calouros, ou feras, como são chamados pelos veteranos de duas das mais tradicionais faculdades nordestinas: a de Engenharia e a de Direito.

Vários carros alegóricos desfilaram e quase todos os calouros ostentavam cartazes alusivos a fatos políticos ou sociais em evidência. Alguns relativos à "bacanal de Corbeil-Ville" e outros ao casamento de Diacuí. Muitos dos assuntos eram regionais, mas grande número dêles, pelo seu caráter nacional, pode ser repetido para os leitores do Brasil. O



O "trote" organizado pelos estudantes pernambucanos, como vemos por esta alegoria, vai tomando novas feições, com tremenda crítica social.

"trote" de Engenharia apresentava, entre outros quadros, um grupo de esfarrapados, representando nordestinos famintos, todos amarrados por cordas, com os seguintes dizeres: "Voluntários para a Coréia". "Batalhão do Já-tou Brigando". Outro grupo trazia um cartaz com a seguinte inscrição: "Nunca houve tanta Fé no govêrno: Já-FÉ-t, LaFÉ-r, Ca-FÉ". E mais "O petróleo És-só nosso". Algumas "charges" diziam respeito à compra de aviões a jacto e de carros blindados.

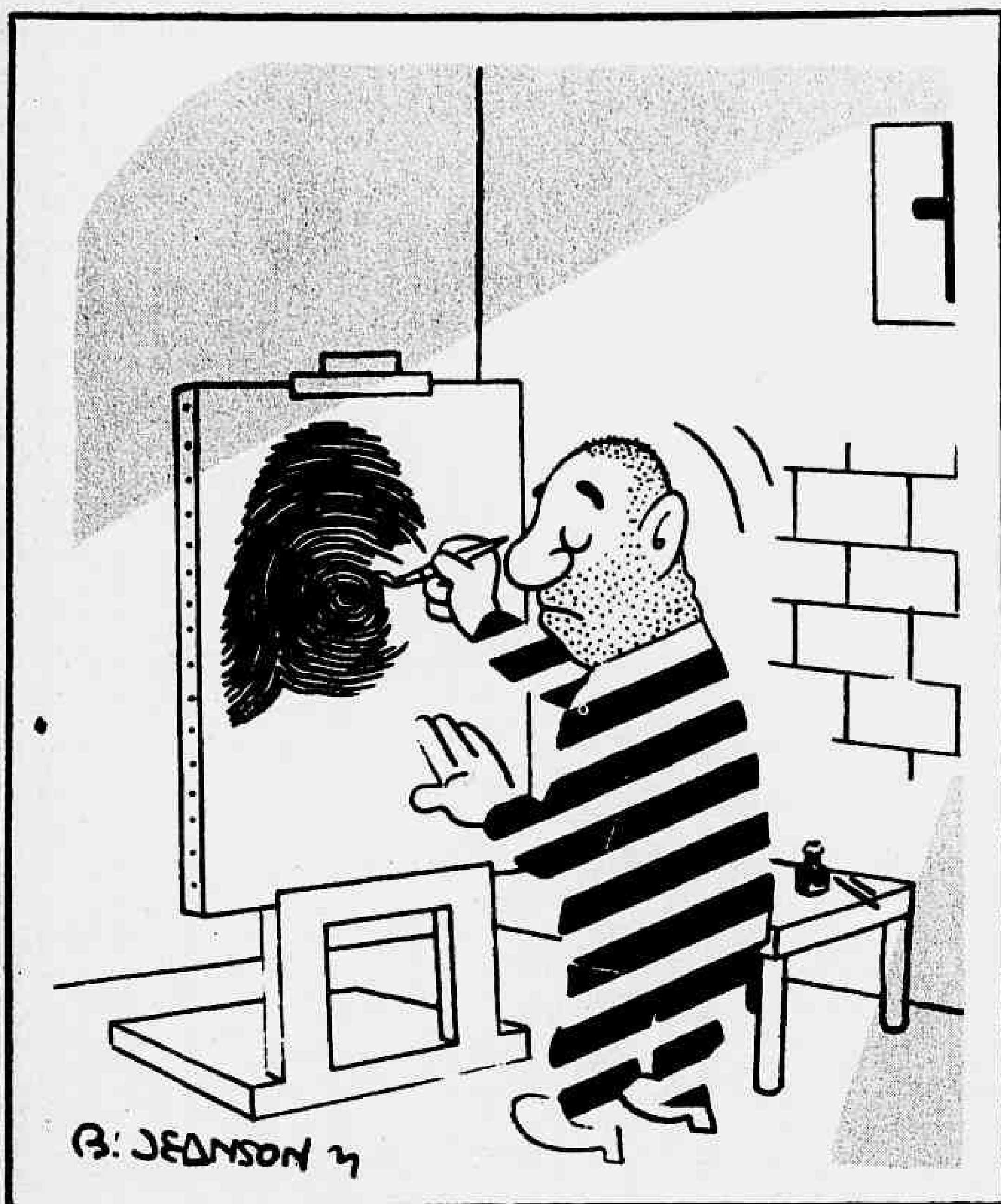
No "trote" dos estudantes de Direito apareciam cartazes de crítica irreverente e forte. Entre outros, sob um desenho da Assembléia Legislativa do Estado, lia-se: "Come e dorme" (nome de um frevo que alcançou grande sucesso, no Carnaval de 53). Numa cartolina, o desenho de uma baiana dançando e um sujeito de cartola preparando uma armadilha: crítica ao acôrdo Brasil-Estados Unidos.



O trânsito parou, o trabalho das carteiras veio para as janelas, o povo se divertiu, mas os políticos sorriram... "amarelamente" com o "trote".

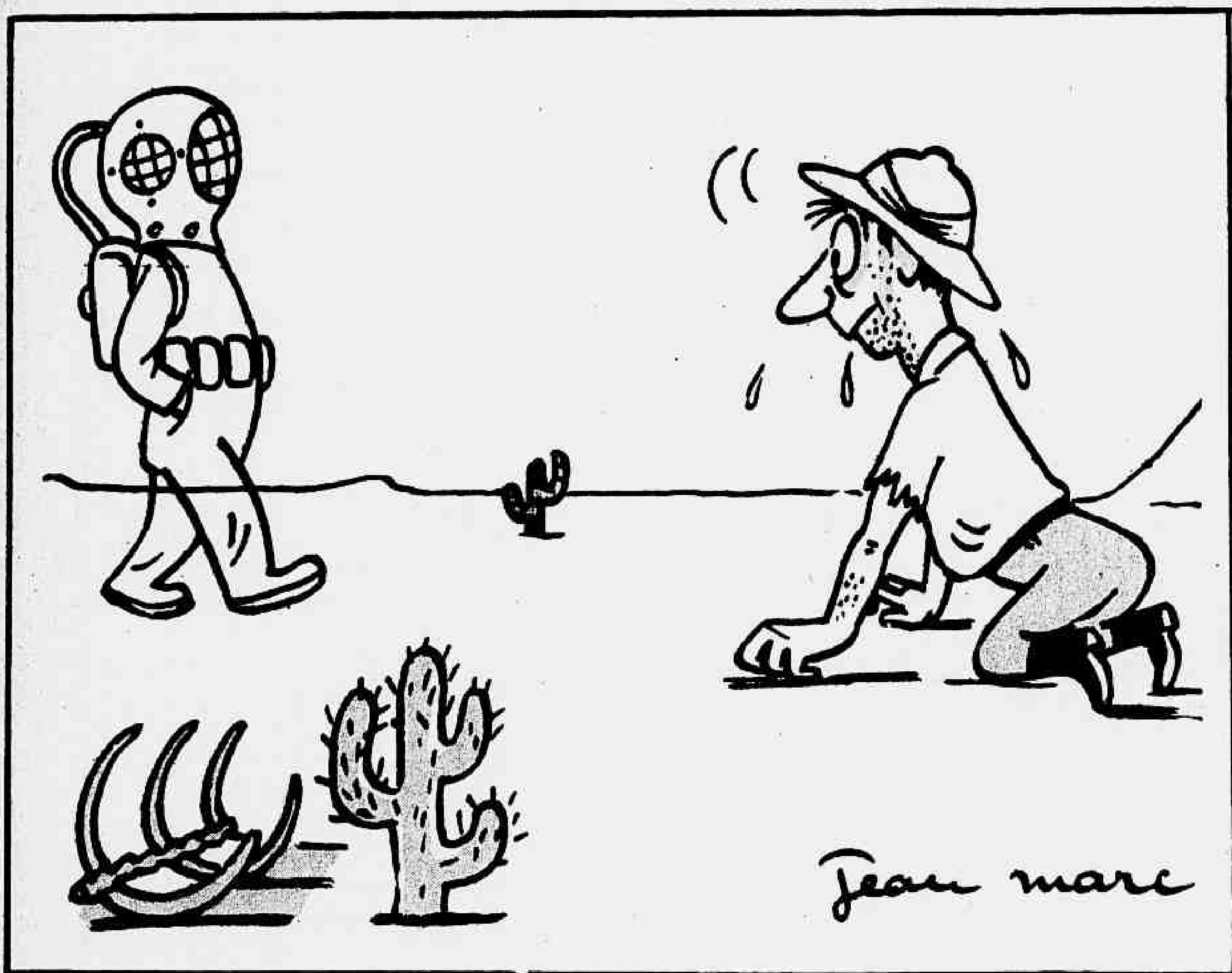


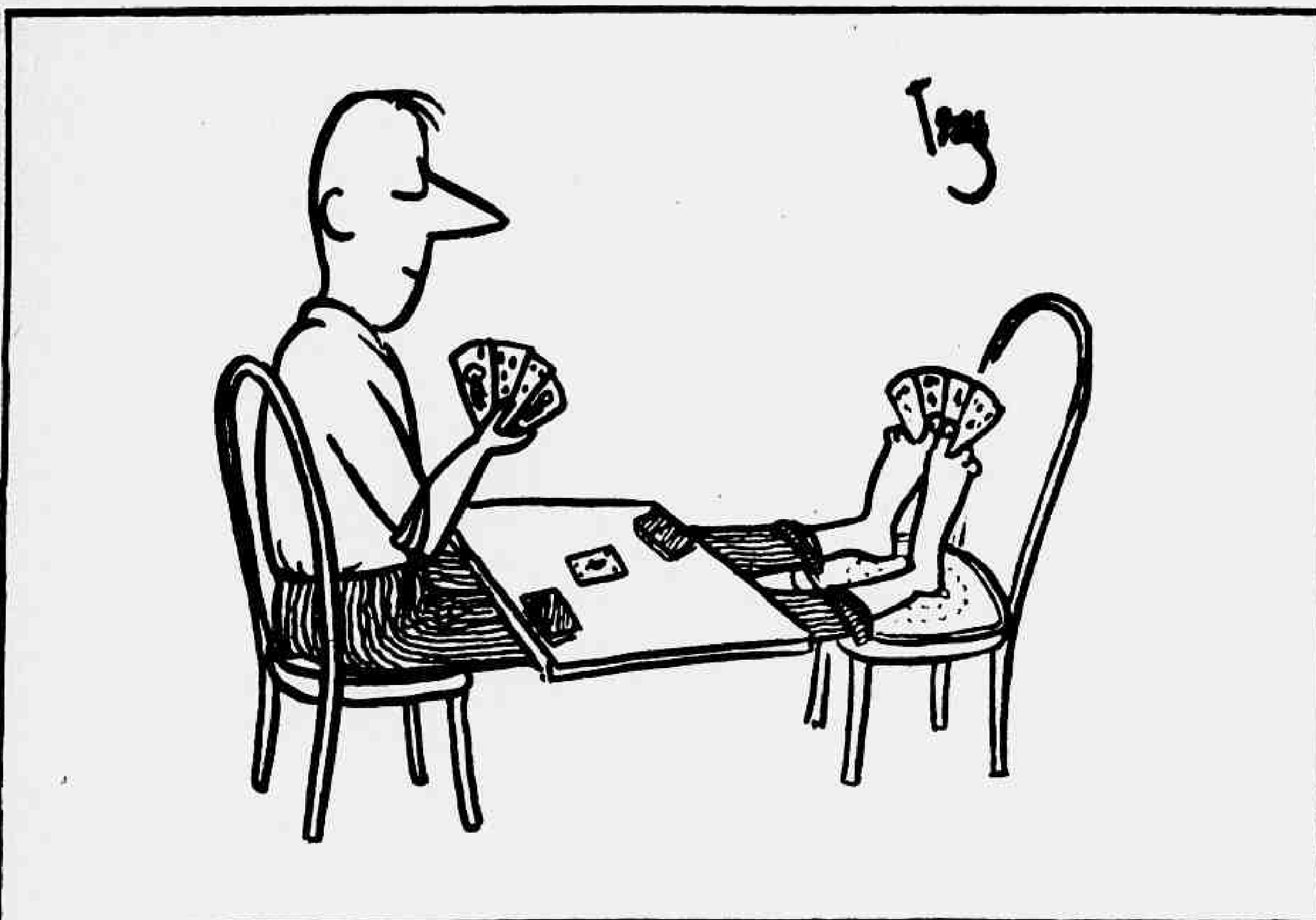
Outro cartaz que diz tudo sôbre o conceito dos estudantes pernambucanos em relação às coisas político-administrativas do Brasil atual.

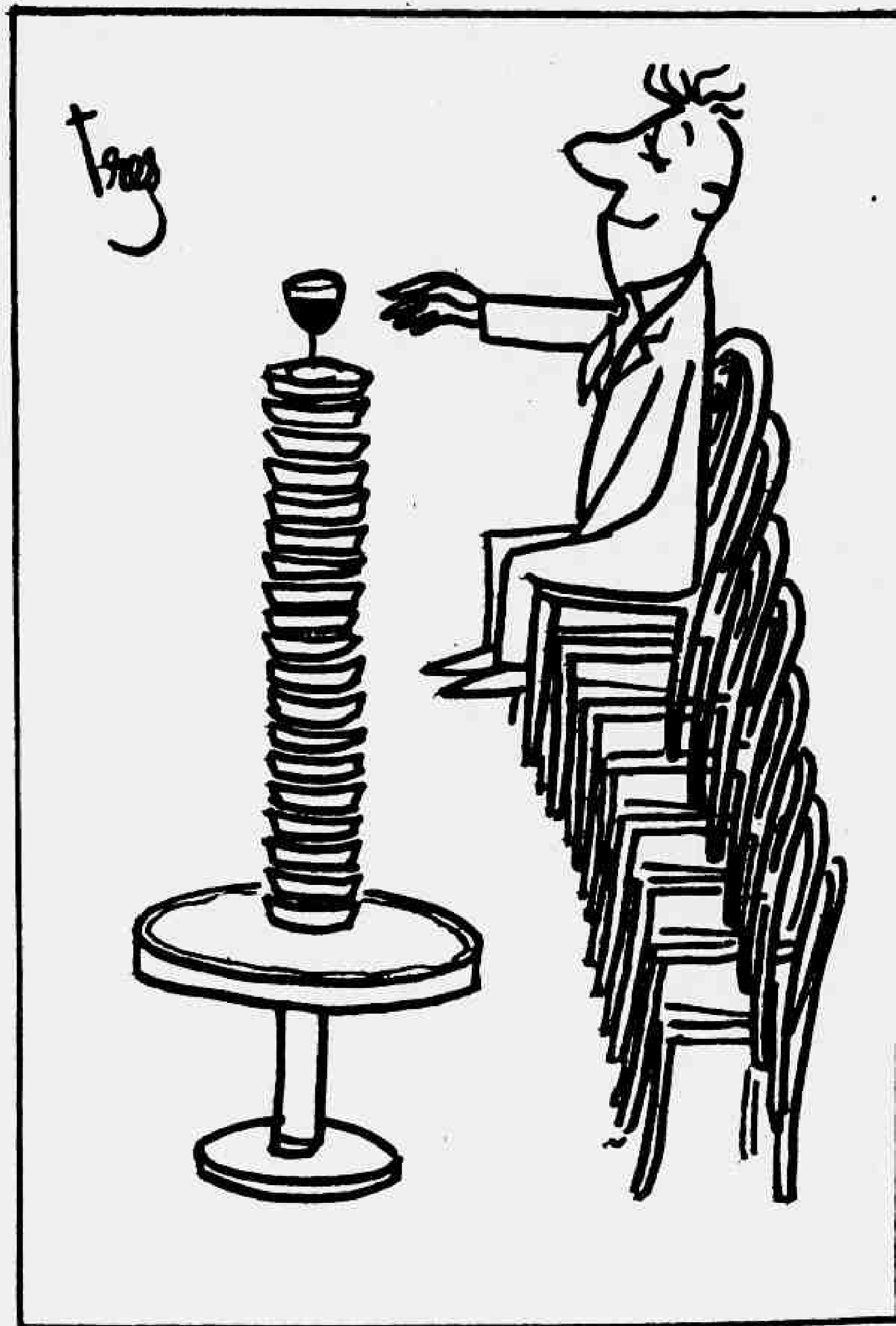




O RISO dos OUTROS







Semana Literária

EDMUNDO LYS

UM LIVRO:

Panorama da moderna poesia brasileira

Sergio Milliet, poeta êle próprio, se tornou um de nossos mais seguros críticos de poesia. Agora, vem de aparecer, de sua autoria, êste «Panorama da Moderna Poesia Brasileira», uma bela edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.

Justificando-se perante os leitores, o ensaísta, que abrangeu em seu livro pelo menos o que existe de representativo na poesia dos últimos vinte anos, explica que há omissões, que não foi possível levar em consideração muitas obras aparecidas de 1950 para cá, que não tem a pretensão de ser completo. Apesar dessas restrições, o livro é bom, dá realmente uma visão panorâmica do que de melhor obrou a geração de vinte e dois, chegando mesmo a tratar de alguns poetas mais jovens, embora vinculados aos maiores valores daquela geração.

Talvez possamos discordar de Sergio Milliet quando, começando o seu ensaio, data o nosso modernismo precisamente de 22. Êsse ano foi uma data, sim, da Semana da Arte Moderna. Do modernismo? Há que examinar. Sobretudo quando diz o autor que — «nas vésperas da Semana estava a literatura brasileira num dêsses períodos de estagnação estéril, etc.«. Não: antes da semana, bem antes, desde o «Carnaval», já se fazia prever, ponhamos uma «semana».

● Outro ponto em que poderíamos discordar de Sergio Milliet se refere à maior influência de fora pelo nosso modernismo. Acha êle que a maior influência sôbre nosso modernismo veio da França. Em todo o caso, tudo, na Semana, como na obra dos que iniciaram o movimento, é de colorido italiano. Mesmo aquela frase de Mário sôbre Oswald («o meu poeta futurista») está indicando as primeiras fontes. Demais, o próprio meio em que floresceu a semana, São Paulo, parece confirmar a suspeita de que foi mesmo Marinetti o inspirador do movimento de 22. Depois (e depois do contato com o próprio Sergio, vindo então da França) começou-se a pensar em Paris, em Cendrars, em Cocteau. Para, em seguida, voltarmo-nos para nós mesmos.

● Essas impertinências em nada afetam a obra de Sergio Milliet, agora aparecida, valendo sobretudo pelo que êle nos dá de nossa melhor poesia dos últimos trinta anos. Esta visão panorâmica não apenas nos informa e esclarece, como nos traz a uma constatação melancólica: a do constante perecimento da poesia, por muito que queiramos ver nela uma das espécies da eternidade. Tudo ou a maior parte do que vemos aqui já foi superado. A nova poesia está muito mais distante desta «moderna poesia» do que essa estava da passada. Não apenas na sua retórica, na sua temática, mas na própria essência, diremos mesmo — na própria poesia. Muitos dêstes poetas nos parecem simples artezãos, fabricando versos, chumbados a preconceitos tão artificiais como os dos tradicionalistas mais reacionários. E' claro que continuamos a amar muitos dêstes poetas, mas com um amor nostálgico, pelas antigas emoções que nos deram, no tempo dêles. Hoje, quase tôda esta poesia não nos diz mais nada... Quais os que escaparão a essa segunda morte, nas frágeis linhas de resistência de seus poemas? Eis a pergunta melancólica...

FORA DO PRELO

RUA DE POSTES CAÍDOS — Um lirismo doce e comunicativo o que nos traz neste livro, o poeta, Kim de Oliveira. Diríamos como o próprio poeta, em uma de suas páginas-lirismo "azul, plàcidamente azul". Um tom elegíaco dá mais suavidade à inspiração sempre triste de Kim de Oliveira. Mesmo a poesia não o consola, nem lhe traz qualquer confôrto: "Oh! a necessidade de escrever versos..." — diz êle em um de seus poemas. Edição Pongetti.

★

NON SUM DIGNUS — Por gentileza da Livraria Antunes, recebemos êste romance de Antero de Figueiredo, já em quarta edição, o que fala melhor do que qualquer elogio sôbre o valor da obra dêste primoroso romancista de Portugal.

★

ESQUEMA DA CONSCIÊNCIA — Temos em mão êste volume, "Esquema da Consciência" (Editôra Kalidasa, Rio), obra de filosofia em que o autor promove a teoria "emocionista", criando o que êle chama "ciclo emocional". Obra de interêsse para os especialistas, será lida com agrado por qualquer espécie de leitor devidamente preparado para concordar ou discutir com o autor.

★

OCEANO PERDIDO — Edição da Mantiqueira, de Belo Horizonte, acaba de aparecer êste livro de poemas de Da Costa Santos. Tradicionalista, cultivando o soneto, entre outras maneiras consagradas do verso, Da Costa Santos nos proporciona, através de seu culto da forma, doses líricas a que não é estranho o pensamento filosófico que caracterizou principalmente os nossos grandes parnasianos, de que o poeta contemporâneo se faz epígono.

★

VINTE SONETOS — Ataliba Lago publicou recentemente mais um livro de sonetos — "Vinte Sonetos", precisamente se chama o livro. Apaixonado, pessimista, o poeta que nos parece mais ter influenciado o autor de "Vinte Sonetos", inclusive na preferência pelo soneto. Devemos ler êstes poemas tendo em conta essas restrições, aceitando esta poesia pela emoção que nos possa transmitir, apesar de seu tradicionalismo. Edições Mantiqueira, Belo Horizonte.

★

TRADUÇÃO DAS FÁBULAS DE FEDRO — Com o texto latino, tradução justalinear, tradução literária e anotações muito claras, exatas e eruditas, o professor Maximiano Augusto Gonçalves apresenta a 4.ª edição de um de seus mais admirados trabalhos, "Tradução das Fábulas de Fedro", publicada pela Livraria H. Antunes. Cultura das mais cintilantes do nosso magistério, autor de excelentes obras didáticas, assim como de livros de belas-letras, Maximiano A. Gonçalves figura entre os mais acatados mestres de português, francês e grego, a par dum sentido humanístico do mais acentuado gôsto. As repetidas tiragens de sua primorosa "tradução das Fábulas de Fedro" assinalam o valor e o prestígio de que se revestem os seus compêndios.

★

SCHWEITZER — Depois de apresentar, de Albert Schweitzer, "Decadência e Regeneração da Cultura", as Edições Melhoramentos vão estampar o livro da juventude do grande filósofo, escritor, musicista, filantropo e médico.

LUZIA

Poema encontrado em uma crônica de Thiago de Mello:

Luzia, 5 da tarde...
Penso, penso, não descu-
[bro
e fico me perguntando:
Quem é Luzia, meu Deus?

Que tarde linda foi essa?
Será que houve essa
[tarde?
Será que Luzia existe?

UM AUTOR:

Jean Cocteau



E se arriscássemos, a propósito de Jean Cocteau: é o maior poeta vivo da França — talvez estivéssemos descobrindo uma verdade corriqueira, ao que parece ainda não foi lembrada.

● Bem sabemos que alguns objetariam: e Claudel? Bem, Claudel é outra coisa. Outras, como, por exemplo, um grande poeta dramático. No caso de Cocteau, não há restrições, nem limites. E' o grande poeta, simplesmente. E, em comparação com os demais, aquêle que reúne qualidades para ser o maior de todos. Sua permanência, através todos êstes anos, sua renovação constante, por mais que as "coleções" e as "obras completas" o persigam, querendo enterrá-lo no passado, êle revive a cada momento, sempre atual, sempre vivo, protéico, inquieto, insaciável de poesia, voraz de lirismo, na multiplicidade de seus aspectos, sob as mais variadas formas. Sim, falemos do cinema... Pois não foi Cocteau que restabeleceu, sem o apoio do humor de Chaplin, o primado da poesia da câmara? Claro que foi êle, que é êle — tão presente, tão atual está que, ainda há pouco, nos dava êsse genial "Orfeu", onde, através da retórica mais simples, mais cinematogràficamente simples, nos proporcionou essa obra de extraordinária transcendência poética?

● Jean Cocteau está pintando também. Agora mesmo, realiza uma exposição em Nice. E vem de publicar o seu "jornal", onde há um mundo, todo um mundo de idéias poéticas e sôbre poesia. Entre elas, essa, sôbre o direito dos poetas ao artezanato, um elemento atualíssimo da nova poesia e com o qual êle está perfeitamente identificado. "Jornal d'un inconnu" nos revela um novo Cocteau, um prolongamento dêsse poeta essencialmente poeta, transformando em poesia tudo aquilo em que toca.

E, para terminar, um pensamento dêsse livro: A poesia é uma coisa grave. Não tem nada a ver com o que acredita a maioria das pessoas, com aquilo que pude pensar em minha mocidade".

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 28 de março e 3 de abril de 1953

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — A semana lhe será favorável às relações sociais e sentimentais. Os negócios, porém, não estarão bem amparados. Não tome iniciativas de vulto, neste particular.

TOURO (21/10-20/11) — Prepare-se para um sério desgôsto, na vida sentimental ou doméstica. Os negócios correrão normalmente, mas não confie demasiado, no crédito, nestes próximos sete dias.

GÊMEOS (21/11-22/12) — O campo, à sua frente, está livre, e será mantido assim, durante a semana. Com inteligência e aplicação, poderá tirar o maior proveito nas suas atividades profissionais.

CANCER (23/12-20/1) — Uma semana regularmente movimentada e proveitosa aos seus negócios, eis o que lhe prometem os astros, no curso dos próximos sete dias. Sua posição é excepcional.

LEÃO (21/1-20/2) — Haverá insucesso em qualquer empreendimento de natureza coletiva. Evite as reuniões, congressos sindicais, conferências, comícios políticos, etc. O ambiente estará carregado.

VIRGEM (21/2-22/3) — A excitação provocada pelo influxo astral, na semana em curso, poderá levar os natos da Virgem, a excessos perigosos. Tenha a maior prudência em tudo o que fizer.

LIBRA (23/3-20/4) — A semana será movimentada, assinalando lucros compensadores e também despesas fora do comum. Os negócios manter-se-ão muito equilibrados.

ESCORPIÃO (21/4-20/5) — Há séria ameaça de desunião, de ruptura de relações, de separação. O clima astral da semana predispõe a conflito provocado por um excessivo despeito ou ciúme.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — As ocupações domésticas tomarão todo o tempo, não deixando margem às atividades sociais. O ambiente favorecerá as pequenas viagens.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — Os concursos lhe serão muito fáceis na semana em curso. Pode solicitar favores oficiais, requerer nas repartições e em juízo. A chance é sua.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — E' possível uma modificação nas condições da vida doméstica, uma mudança, um novo meio de vida, etc. Siga a sua intuição. Nada mais é preciso.

PEIXES (22/8-20/9) — A indecisão dominará o espírito, ocasionando a perda de boas oportunidades. Sem idéias seguras e sem um desejo certo, é impossível avançar.

Os nomes da semana:

Oferecemos, aqui, os melhores nomes para as crianças, de ambos os sexos, que nasceram na semana de 28 de março expirante, a 3 de abril entrante.

Março	28	Romualdo — Ronilda
	29	Aldo — Aída
"	30	Elton — Lenita
"	31	Airton — Zaíra
Abril	1	Marcelo — Gênia
"	2	Tomás — Isa
"	3	Hélio — Márcia

A marcha e a posição do Sol

Efeméride da semana
(Meio dia de Greenwich)

Março	28 —	7°30'44''	(Signo do Carneiro)
"	29 —	8°36' 1''	" " "
"	30 —	9°29'16''	" " "
"	31 —	10°28'29''	" " "
Abril	1 —	11°27'39''	" " "
"	2 —	12°26'48''	" " "
"	3 —	13°25'55''	" " "

JANELA SÔB

NOME AOS BICHOS

O hábito de dar-se nomes de gente a animais não é novo. Ao tempo de Catarina II, imperatriz da Rússia, vivia em S. Petersburg um banqueiro de nome Sunderland, homem de absoluta confiança da soberana, e seu conselheiro em finanças. Certa vez, um oficial do Gabinete da Imperatriz, de nome Reliev, mandou chamar o banqueiro e lhe disse constrangido:

— Tenho ordens de prendê-lo, senhor.

— Por que?

— Não sei. São ordens expressas da Imperatriz.

— Para onde me vão mandar? Para a Sibéria? Vão fusilar-me-...

— Pior, sr. Sunderland. Nem posso imaginar o grau de suas faltas, para receber tão duro castigo.

— Qual é?

— O senhor vai ser empalhado!

— Impossível, sr. oficial! Não é possível!

— Mas são ordens da Imperatriz Catarina.

O terror se apodera do detido. Com mão trêmula, redige um bilhete à sua grande amiga. O oficial percebe a intenção e diz:

— E' inútil. A imperatriz não volta atrás com suas ordens.

— Mas leve, leve, meu caro amigo. Entregue êste recado pessoalmente à soberana. O senhor leva? — Estava quase a chorar.

Reliev não pôs obstáculos, embora estivesse certo da inutilidade de tal recurso.

Quando a soberana leu o bilhete, os seus olhos, sua bôca, seu rosto, seu corpo inteiro refletiam sua surprêsa e indignação. E rugiu com violência:

— Que significa isso, sr. Conde de Reliev?... Onde tem o senhor a cabeça?!

— V. Majestade não mandou que eu empalhasse Sunderland?

— Ah! Meu Deus! — gemeu Catarina II — E explicou: Conde, eu mandei empalhar Sunderland, aquêle meu cachorrinho que morreu ontem!...



ESTARÃO "TESOURANDO"?

Êle é o astro de Hollywood, Robert Taylor, e ela, a encantadora Nancy Valentine, também de Hollywood. A reunião se deu naquele bairro de Los Angeles, quando se realizava uma festa em homenagem ao maharajá de Baroda. Nancy, já faz algum tempo, se casou secretamente com outro magnata indiano, o maharajá de Cooch-Bear, um dos mais ricos príncipes indianos, mas parece que está para separar-se do milionário. Nesta foto a vemos ao lado do espôso de Barbara Stanwick, nada tendo transpirado, pois que nas homenagens ao opulento príncipe de Baroda, tais pares «era mato!» O que não sofre contestação é que Mr. Taylor e a mulher do maharajá estão batendo um papinho um tanto suspeito de «tesoura» na pele alheia.

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE RECORDA ESTA GRAVURA?



Relembra o estranho fato passado na catedral de Belém do Pará, ao se realizarem solenes exéquias por alma de Carlos Gomes. Sôbre o catafalco armado ao centro do suntuoso templo, havia uma bela cruz, símbolo da fé católica. Quando a orquestra do côro pára, a fim de dar início aos cânticos litúrgicos dos sacerdotes, penetrou na igreja uma das aves canoras do norte. Esvoaçou pelo ambiente, à vista de todos, e foi pousar num dos braços da cruz que estava no catafalco, passando a soltar seus mais lindos gorgeios e trinados. Em seguida, ergueu vôo e desapareceu para os lados da floresta. O episódio causou a mais profunda impressão na capital do Pará.

RE O MUNDO

QUEM DISSE ISTO?

1 Gosto de Platão; mas, gosto ainda mais da verdade.

2 Os que têm indigestão, ou se embriagam, não sabem nem comer, nem beber.

3 A vida é um baile de máscaras. Uns vão saindo, outros entrando.

4 A República tem direito à sua vida; mas à sua honra, não!

5 E' pena que Euclides da Cunha tenha escrito «Os Sertões» com cipó.

(Respostas na página 22)

E' VERGONHOSO SER POETA?

RAIMUNDO CORRÊA, o famoso autor de célebres sonetos, não gostava quando lhe chamavam de poeta. Ruy Barbosa, que fêz versos até aos vinte e sete janeiros, alguns até líricos, amorosos e ternos, evitava o assunto quando alguém se referia àquela quadra de sua existência. De Raimundo contam muita coisa que bem define sua ojeriza ao nome de poeta. Várias anedotas correm mundo. A mais curiosa é aquela de quando era êle promotor público em São João da Barra, Estado do Rio. Certo dia, um chefe político o procurou e lhe pediu uma palavrinha em particular. Raimundo Corrêa atendeu prontamente e o visitante perguntou cheio de evasivas:

— Contaram-me, doutor, uma coisa muito grave a seu respeito; mas eu não acreditei e vim saber pessoalmente.

— Que andam dizendo de mim?

— Andam dizendo que o senhor é...

— E' o quê? Pode dizer!

— Então o doutor me desculpe; mas andam dizendo que o senhor é poeta!

E Raimundo Corrêa emocionado:

— E' mentira! Uma infâmia! — E, pondo-se de pé, apertou a mão do visitante, terminando:

— Pode desfazer a «ofensa» contra meu nome...

O grande poeta disse isso em tom mais ou menos jocoso; mas, em verdade, êle não gostava de ser chamado poeta.

O LADRÃO REZADOR

UM senhor de muito bom coração condoeu-se da miséria em que estava uma criança de seus dez anos de idade, cujo pai havia sido prêso e metido no xadrez, por crime de furto. O filantrópico cidadão procurou ajudar o menino, levando-lhe algum dinheiro, roupa e comida em seu tugúrio, onde estava a inconsolável mãe e outros membros da infeliz família. Entrando em contacto com todos dali, perguntou ao menino se seu pai era homem religioso:

— Sim, senhor! Meu pai é religioso..

— Reza ao deitar-se e quando se levanta?

— Sim!

— E quais são as suas orações?

E o menino, com a maior solicitude, repete-as:

— «Meu Deus! Não vos peço que me deis riquezas; dizei-me só onde elas estão, que eu as irei buscar. Amém».

O CONDE DA CUNHA

FOI êle o primeiro vice-rei no Rio de Janeiro, nomeado em 1763. Era um fidalgo português de gênio violento, irritadiço, o que não impediu que vivesse noventa anos! Certa vez, estando ali pelas faldas do morro da Conceição em inspeção de obras de El-Rei nosso Senhor, quando viu que subia a ladeira um abastado e gordíssimo cidadão, sentado na sua cadeirinha levada por quatro negros escravos que suavam em bica. O Conde da Cunha mandou parar o andor e, autoritàriamente ordenou ao comerciante:

— Desça! — E, depois, que o gorducho saíu, mandou que o escravo mais cansado subisse para a cadeira. Mandou então que o opulento cidadão pegasse no varal da «cadeirinha» e levasse o escravo até sua casa.

O comerciante não teve outro jeito. Uma semana depois morria o gorducho, talvez de vergonha...



UMA ESTRÊLA NOS BRAÇOS

Silvana Mangano, uma das maiores estrêlas do cinema mundial, deu um pulinho a Veneza, quando do último festival de arte cinematográfica. Logo após voltou para junto dos filhos, a quem adora com tôda a fôrça de seu coração de mãe dedicada. E quando chegava à entrada de sua residência, seu marido, o produtor Dino De Laurentis, a ergueu nos braços, como se estivessem em plena lua de mel, a transpor os umbrais da casa de noivos. Todos estão julgando que a bela e talentosa artista de «Arroz Amargo» venha a abandonar o cinema, a fim de dedicar-se exclusivamente aos filhos. Os «bambini» ganharão uma mamãe excelente, mas o mundo ficará sem a sua Silvana Mangano, a insuperável estrêla italiana.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 Em qual destas capitais brasileiras se encontra o famoso museu Goeldi:
— Em Belém?
— No Recife?
— Em Pôrto Alegre?

2 Como se chamava a espôsa de D. João VI:
— Leopoldina?
— D. Teresa Cristina?
— D. Carlota Joaquina?

3 Como se deu a posse da atual Quinta da Boa Vista, ex-residência da família Imperial:
— Por compra?
— Herança?
— Um presente?

4 Qual é a validade de um passaporte:
— Cinco anos?
— Doze meses?
— Dois anos?

5 Qual o edifício no Rio que tem o apelido de "Petit Trianon":
— O Teatro Municipal?
— A Academia Brasileira de Letras?
— A Escola de Belas Artes?

6 Em que data foi escalado, pela primeira vez, o Pão de Açúcar:
— 8-1-1809?
— 10-3-1901?
— 2-12-1877?

7 Quem teve a glória de escalar, pela primeira vez, o Pão de Açúcar:
— Um suíço?
— Um inglês?
— Um brasileiro?

8 Quem deu à ilha de Paquetá, o nome de "Ilha dos Amôres":
— D. João VI?
— O poeta Hermes Fontes?
— Rui Barbosa?

9 Que nome tem o rio que forma a famosa "Cascatinha" da Tijuca:
— O Tijuca?
— O Trapicheiro?
— O Cachoeira?

10 Qual a capital do Peru:
— La Paz?
— Lima?
— Sucre?

11 Que vem a ser um "Gheto":
— Aglomeração urbana de judeus?
— Uma religião?
— Perseguição anti-sionista?

12 Qual o mais antigo teatro do Rio:
— O Fênis?
— O Recreio?
— O João Caetano?

13 Em que Estado fica a cidade de Araguari:
— Minas?
— Goiás?
— São Paulo?

14 Qual destas cidades mineiras se chamou, inicialmente, "Vila Rica de Albuquerque":
— Mariana?
— Diamantina?
— Ouro Prêto?

15 Qual o rio que banha a cidade mineira de Ponte Nova:
— Piranga?
— Doce?
— São Francisco?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 22)



com óvos

UMA ESPECIALIDADE AYMORÉ

Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs. o programa Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!

UM MÁRTIR

(Continuação do número anterior)

«Agradou-me logo êsse homem; entendemo-nos logo. Não é que êle seja um grande conversador: não dizia nada, ou quase nada. Mas tinha uma cabeça que me agradava, uma cabeça

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

HORMON BÉL-



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

corajosa e simpática. Você não pode compreender isto, porque, assim como êle está hoje, nem parece o mesmo; sim, está irreconhecível.

«Não é possível dizer-lhe tudo. Mas basta que lhe diga o principal. Pois bem: Branche começou, pela primeira vez, a falar-me do seu truque na pequena ravina de Cury. Era ali que nós estávamos de serviço com a engenharia, tratando dos abrigos dos chefes. Enterrou-se ali muita madeira, tanta que com ela se poderiam construir muitas casas. Uma verdadeira fortuna, pelo preço que ela está. Carregávamos os toros para o pôsto telefônico. A pequena ravina vem desde a igreja, que nós próprios fizemos ir pelos ares, por ser um ponto de referência, segundo parece.

«Como lhe disse, caminhávamos no fundo da ravina quando, de repente, Branche larga o toro de madeira e exclama:

— O ataque! O ataque! Não, não pode ser!

«E' preciso que se convença que êsse Branche é um bom! Bom como o trigo! Sempre pronto a aliviar o companheiro. Mas isso é uma coisa à parte. Como ia dizendo: largou o toro e exclamou:

— O ataque! E' impossível!

«Eu respondi: — E' possível, tu verás!

«Branche pegou outra vez no toro e repetiu:

— Digo-te eu que não é possível.

«Dessa vez não me disse mais nada; mas, alguns dias depois, notei que aquilo ia de novo manifestar-se. Falo assim, para lhe mostrar que aquela idéia era uma espécie de doença que ia tomando conta dêle. Um dia, estávamos na trincheira que parte do Plessier e segue a estrada, você sabe, a estrada que vai para os lados de Lassigny. Tínhamos descoberto uma destas guaritas de cantoneiro, meio enterradas, arranjando-a à maneira de abrigo blindado. Branche ia enchendo os sacos de terra que apanhava com ambas as mãos e colocava-a no fundo. Eu só lhe via as costas mas as suas maneiras não me pareciam naturais. Tinha um ar arrebatado, fora de si. Êle, sempre tão calmo, fazia gestos desordenados. Aproximei-me mais e ouvi-o dizer entre dentes, assim, sacudindo o saco pelas pontas:

— Tem que ser! Sim, tem que ser!

«Cheguei-me para êle e disse-lhe em voz alta:

— Tem que ser o quê?

«Branche voltou-se, olhou para mim, e sorriu: um belo sorriso que não compreendi, mas que me aqueceu o coração: Como eu ia dizendo, Branche voltou-se e respondeu com voz doce.

E' preciso dizer aquelas coisas que ninguém disse ainda.

«Dito isto, levantou o saco nos braços, como se fôsse uma criança, e foi-se embora.

«Nesse dia compreendi que Branche não era um homem igual aos outros; cheguei mesmo a julgar, como êles pensam agora, que Branche era amalucado. Apesar disso, gostava dêle.

«Estivemos depois a descansar no bosque. E' uma boa recordação. Olhe! ali no bosque que fica sôbre aquela colina... Há barracas debaixo da árvore. Não é lá muito quente, mas passamos ali alguns dias bem agradáveis. Branche andava de um lado para o outro, e parecia são, ajuizado. Aliás, para o trabalho não se podia encontrar rapaz mais sério, mais dócil. Mas uma noite, quando eu saí da barraca, tropecei em qualquer coisa que mexeu: era Branche. Estava deitado no chão, na noite, e olhava para as árvores, para as estrêlas, e não se. para que mais, porque Branche olhava sempre para coisas que desconhecemos.

«Eu não quero exagerar, mas asseguro-lhe que, na escuridão, os seus olhos pareciam iluminados. Fêz-me pensar nos tempos da minha infância, em coisas que tinha esquecido, em estampas onde se vê um homem a falar no deserto, outro a andar sôbre as águas, com os pés nus, ou, ainda, em refeições em que os convivas têm um ar tão feliz com os seus círculos dourados sôbre a cabeça.

«Branche fêz, nessa noite, uma coisa que nunca tinha feito: pediu-me para falar da minha mulher e dos seus filhos. E de vez em quando dizia:

— Como isso é belo!

«Depois, senti tremer a mão que êle tinha pousado sôbre o meu joelho, e ouvi-o murmurar:

— Não haverá ninguém que pense em dizer as palavras que é preciso dizer?

«Ficou calado durante uns momentos, e como eu não ousasse sequer mexer um dedo, acrescentou:

— Tens frio? Vai dormir. Já é bastante para ti.

«Levantei-me e entrei na barraca. Obedecia-lhe como uma criança. Era uma sensação esquisita: como se tivesse atravessada na garganta, uma coisa ao mesmo tempo doce e sufocante. Julgo que teria, indiferentemente, chorado, rido, ou cantado. Por minha vontade teria acordado os meus camaradas para lhes dar todo meu tabaco, todo o meu dinheiro, todo o meu vinho, as fotografias dos meus filhos, o meu isqueiro novo, tudo quanto possuía. Mas êle tinha-me dito para ir dormir. Deitei-me e adormeci logo, eu que não adormeço fàcilmente.

«Não lhe posso contar tudo o que se passou. Tenho que acabar depressa. A partir dessa famosa noite meteu-se-me na cabeça que, tarde ou cedo, Branche faria qualquer coisa de espantoso. Olhava para êle como... não sei explicar bem... como se êle fôsse um enviado, sim, percebe? Como um enviado...

«Regressamos à linha de fogo nos primeiros dias de março. Ocupávamos a trincheira de que já lhe falei. Desta vez, todos nós sabíamos que se ia dar o ataque. O que é fato, é que êle ainda não se dera. Fazíamos todos os preparativos, exercitávamo-nos, passavam-se revistas. Branche estava calmo, apagado, silencioso.

«Um dia, o sargento fêz-nos sair logo de manhã, para guarnecer a trincheira tôda. Era uma experiência; não era nada a sério. O sargento passou, tomou notas, berrou com êste e com aquêle. Eu estava ao lado de Branche de pé, junto da banqueta. Na nossa frente havia uma espécie de degraus abertos na terra, e na borda da trincheira um parapeito. As árvores da estrada tinham ficado quase tôdas de pé. Eram macieiras. Tinham-lhes cortado as raízes quando cavaram as trincheiras. Havia uma, muito grossa, que avançava como um braço decepado, ainda fresco e úmido, diante de mim. Era para essa raiz que eu olhava, quando, de repente, vi Branche precipitar-se sôbre uma banqueta, e dali para os degraus. Num segundo estava no parapeito. As botas enterravam-se-lhe na terra; vi-as ao erguer a cabeça.

«Não pude reprimir um grito, que era, talvez, uma praga. Branche voltou-se, levou um dedo aos lábios e deu um passo para diante. Uma angústia enorme apertou-me o coração. Saltei sôbre a banqueta e agarrei Branche por uma perna; desprendeu-se e deu mais um passo. Já lhe não podia chegar. Os homens que estavam na trincheira olhavam para êle com olhos de animais. Iam-se pôr a gritar, mas Branche falou.

«Tenho uma recordação muito forte dêsse momento. Agarrava-me às raízes das macieiras. Tinha os olhos ao nível da planície. Estava uma manhã linda, transparente, nítida, uma dessas manhãs em que se distingue uma pêga sôbre o choupo, a mil passos de distância. O sol nascente iluminava Branche. Diante dêle, os arames farpados, a vegetação morta, e, um pouco mais longe, os parapeitos da trincheira alemã.

«Então Branche fêz uma espécie de corneta com as mãos, e começou a gritar.

«A sua voz era fraca, muito fraca; caía no espaço luminoso da manhã como uma pequenina pedra num lago profundo. Dizia coisas como estas:

— Ouçam! Ouçam! Vocês, lá de longe! Reparem que não estão na vossa terra. Que fazem aqui? Enganaram-vos! Vão-se embora e vivamos em paz todos! Vocês serão felizes, e nós também!

«Eu estava pasmado. Creio bem que era desespêro o que eu sentia. Não me atrevia a dizer nada, mas tinha o coração despedaçado. Posso-lhe assegurar: não se ouvia quase nada do que dizia Branche. Havia na macieira um pássaro cantando que fazia mais barulho do que o homem a falar. Branche deu ainda um passo à frente, e esforçando a voz repetiu:

— Enganaram-vos! Vão-se embora, e tudo acabará.

«Nesse momento, na trincheira, ecoou a voz grossa do sargento que gritava:

— Branche! Animal! Branche! Desces, ou não? Raios do diabo!

«Não acabou a frase, porque Branche caía por terra. Top, top... Top, top, top. Ouviu-se no silêncio fresco da manhã, a crepitação de uma metralhadora, como um motor que falha.

«Branche caiu para trás. Bastou-me estender o braço para o agarrar pelo capote. Um segundo depois estava estendido na banqueta, com a coxa partida, um buraco no peito e o pescoço cheio de sangue. Olhou para mim com olhar grave, mais profundo. Tinha o aspecto de um homem que não tem mais nada a dizer, e que nunca mais dirá nada».

O meu companheiro deu alguns passos em silêncio. Depois, parou, agarrou-me pelos botões da farda e sacudiu-me com tôda a fôrça.

— Julga que sabe o resto, não é? Pois bem: não sabe nada ainda. O seu rosto agrada-me. Tenho que lhe dizer...

«Branche foi evacuado, Branche vai morrer. E' sabido. Acaba-se tudo para Branche Armand. Mas passa-se qualquer coisa que depressa se saberá.

«Ouve o canhoneio? Começou a valer a algum tempo. E' o famoso ataque!

«Ouça! Saí à noite passada com dois homens, em patrulha. Fui até à trincheira alemã, e mais longe ainda. Vi os abrigos, e outras coisas mais. E estou vivo, pode apalpar-me e, bem vivo! Quer dizer que êles partiram! Compreendes? Não sei para onde foram, mas o que sei é que não há ninguém nas primeiras linhas. Neste momento, estamos a lançar milhares de granadas sôbre trincheiras vazias. Êles foram-se embora! Partiram! Tôda a França o saberá amanhã.»

O homem viu as horas e apertou-me os dedos:

— Até outra vez, acrescentou. Foi tudo! O que acabo de lhe dizer, contei-o há bocado ao ouvido de Branche. Adeus!

Voltei sòzinho, seguindo a linha férrea. Ia contando os dormentes: trinta e seis, trinta e sete... Estava tão preocupado que me obstinava a dar só passo entre as duas travessas, o que me devia dar um andar ridículo. Mas não me apercebia disso. Tinha o meu barrete na mão, de tal maneira sentia a cabeça a escaldar, e repetia, ao ritmo desordenado dos meus passos:

«Não é possível, meu Deus! Não é possível!

Assim que entrei na barraca II olhei logo para Branche. Estava duma palidez sobrenatural. Tinha os olhos fechados. O seu peito levantava-se com esfôrço: saía-lhe pela garganta um raio sibilante — pela garganta ferida que nunca mais produzira uma palavra.

Tôda a noite se ouviu o troar do canhão. Chegaram alguns feridos, mas poucos, e todos contavam histórias que ninguém ousava acreditar nem repetir.

De manhã tivemos uma grande surprêsa. O grupo de balões cativos tinha dado um grande salto à frente. Viam-se muito ao longe, orientados pelo vento, como navios ao sabor da corrente. No hospital circulavam histórias milagrosas.

(Cont. na pág. 40)

ARABELLE a última sereia



Depois de ter executado aplaudidos números de «Sereia», Arabelle veste o «maillot» e sobe a escada que dava ao trampolim, para novo número.



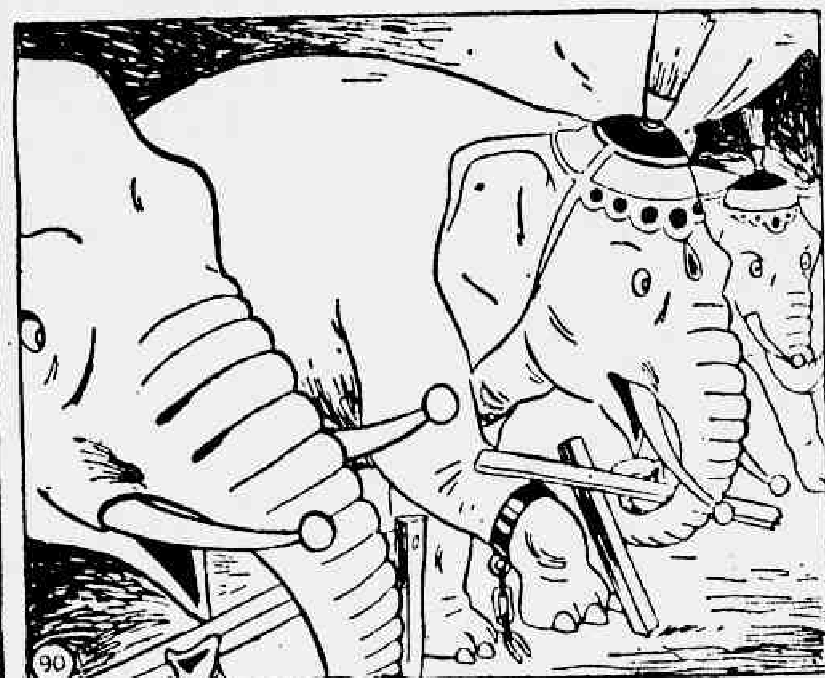
Sob exclamações gerais Arabelle mergulha n'água com um «saut-de-l'ange», conquistando a assistência e se consagrando a «estrêla» do Circo.



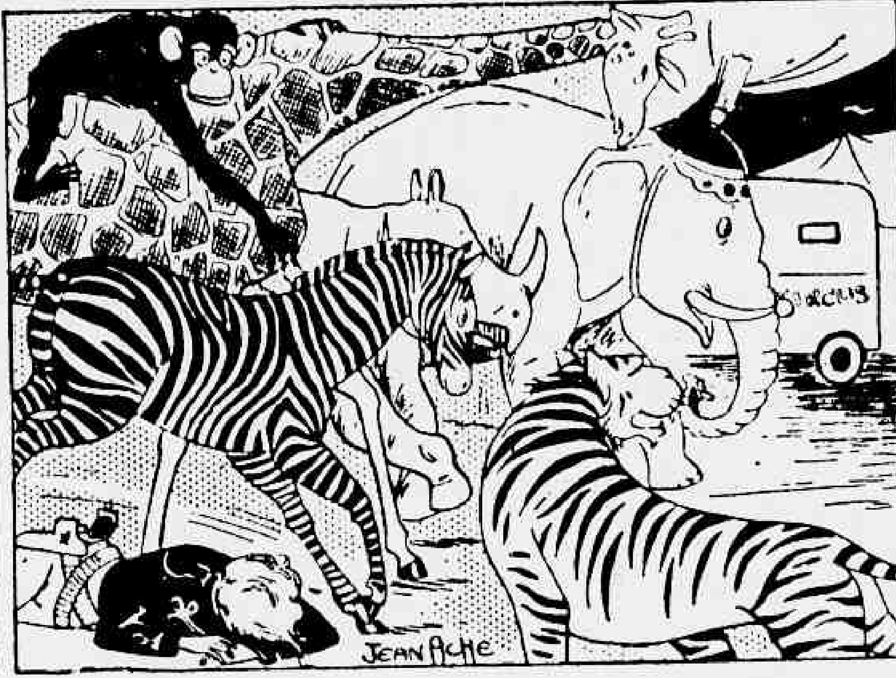
Forçada a reprisar, Arabelle se deita no trampolim, faz sinal à orquestra e começa a cantar como quando era Sereia, assombrando a multidão.



Dez mil espectadores estavam deslumbrados; mas, de um reposteiro, sua rival Conchita, mordida de inveja, observava Arabelle e tramava coisas.



Mas, em seus postos de espera os animais começam a inquietar-se. A voz maravilhosa da encantadora sereia Arabelle põe em grande agitação as feras e elefantes rompem as amarras.



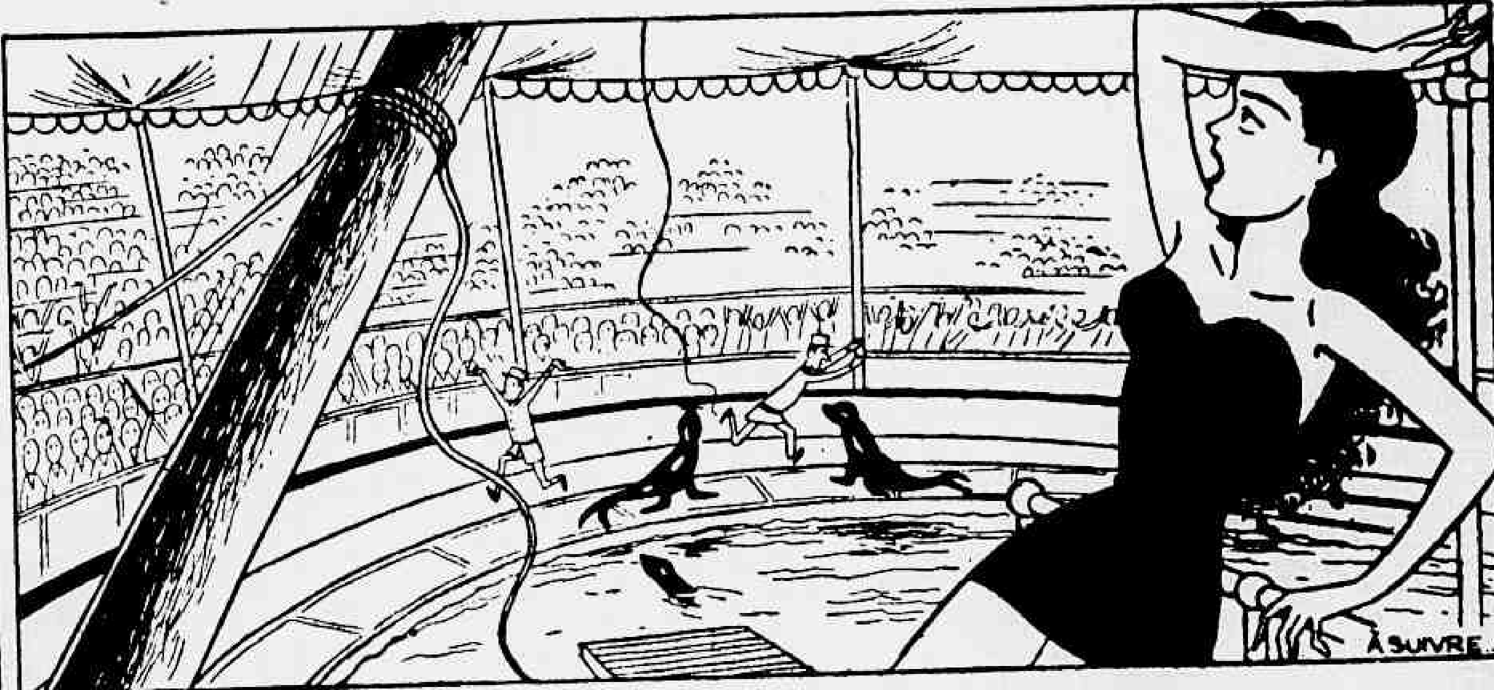
Seguindo os elefantes, urram tigres e leões; as girafas pulam e todo aquêle mundo de feras rompe na arrancada bravia quebrando as cordas. Furiosos, vão arrebentando tudo, e, sua primeira vítima é a domadora Conchita, que foi pisada.



Os espectadores percebem o perigo e procuram fugir. Há desmaios e gritos, enquanto Arabelle — como que inconsciente — continua a cantar.



E o que tanto se temia sucede diante da balbúrdia que se generalizou entre os espectadores do circo: — os animais, bastante excitados, avançam para a platéia, ameaçando o público presente, já em pânico



Um dos mastros de sustentação do circo e no qual estavam ligados alguns trapézios, não podendo suportar os choques com as feras, oscila e ameaça cair sôbre Arabelle, o povo, as focas e alguns ajudantes. A desordem é geral, e o mastro se inclina perigosamente para o lado da piscina onde está a sereia. Arabelle recobra sua consciência e procura salvar-se.



Com a queda do mastro e a deslocação de ar provocada é Arabelle arremessada a alguns metros do trampolim, ficando a jovem desacordada.



Com algumas contusões na cabeça, e ainda meio tonta, Arabelle olha em tôrno e vê que há mais desordem de objetos arremessados ao solo do que feridos graves. Encontra uma blusa perto e a veste.



Ao ver junto de si o seu fiel macaquinho «Kouki». Arabelle começa a acariciá-lo e... que horror! Arabelle observa que a cauda do seu animalzinho de estimação está queimada! Arabelle procura encontrar «Folr Azul».

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 47

A	Casebre; casa muito pequena cova →	13	35	65	4	27	80
B	Criaturas, sêres →	111	20	117	46	30	■
C	Recanto; trecho da campanha gaúcha →	11	83	33	23	91	118
D	Dotado de clareza; que tem nitidez →	29	44	54	76	3	104
E	Elevado; brioso; orgulhoso →	101	15	85	58	45	94
F	Alas; fileiras →	63	109	40	74	19	8
G	Interiormente; do lado interior →	7	71	52	62	47	92
H	Que são bons para comer; comestíveis →	37	70	2	67	51	113
I	Emporcalhados; faltos de limpeza →	119	86	18	69	38	■
J	Aumentativo de negro →	56	48	95	77	41	28
K	Miras; observas; fixas o olhar →	61	93	16	72	53	■
L	Caminhará sôbre a água →	82	42	102	12	79	99
M	Encontrar por acaso ou procurando →	14	34	68	107	84	■
N	Metem farpas; farpeiam →	114	59	96	5	66	25
O	Contendas; brigas; batalhas →	103	75	43	55	81	■
P	Nome dos gênios das águas (mit. escand.) →	9	60	73	106	90	36
Q	Fiz girar em volta →	115	22	87	39	78	■
R	Cabo para governar as velas dos barcos →	88	100	50	6	21	32
S	Os que não ouvem →	89	116	98	108	17	49
T	Indivíduo encarregado de tutelar alguém →	10	112	31	24	105	■
U	Assaltas; agrides →	26	1	64	57	97	110

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa; depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas,, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	■	■	U 1	H 2	D 3	A 4	■	N 5	R 6	G 7
F 8	■	P 9	■	T 10	C 11	L 12	A 13	M 14	E 15	K 16	S 17	■
I 18	F 19	B 20	R 21	Q 22	■	C 23	T 24	N 25	■	U 26	■	A 27
J 28	D 29	B 30	T 31	R 32	C 33	M 34	A 35	P 36	■ .	H 37	■	I 38
Q 39	F 40	J 41	L 42	■	O 43	D 44	E 45	B 46	G 47	J 48	S 49	■
R 50	H 51	G 52	K 53	D 54	O 55	J 56	U 57	E 58	N 59	■	P 60	K 61
■	G 62	F 63	U 64	A 65	N 66	H 67	M 68	I 69	■	H 70	G 71	■
K 72	P 73	F 74	O 75	D 76	J 77	Q 78	L 79	■	A 80	O 81	■	L 82
C 83	M 84	E 85	I 86	Q 87	R 88	S 89	■ ,	P 90	C 91	G 92	■	K 93
E 94	J 95	N 96	U 97	S 98	L 99	R 100	■	E 101	■	L 102	O 103	D 104
T 105	P 106	M 107	■	S 108	F 109	■	U 110	B 111	T 112	H 113	■	N 114
Q 115	S 116	B 117	C 118	I 119	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 46 — M. LOBATO. — NA ANTEVÉSPERA. — "Os grandes homens de Estado não são os que reformam: são os que tiram do caminho os embaraços com que a má fé, o espírito de parasitismo e a estupidez embaraçam os livres movimentos do povo."

UM MÁRTIR

(Cont. da pág. 38)

Uma trepidação, semelhante a uma esperança, sacudia os homens e as coisas.

Branche entrou na agonia. Não havia nada de vivo no seu corpo, além de sua horrorosa respiração e de um olhar... um olhar tão comovente, tão terno, que eu pensei: «Se Deus existe, deve ter êste mesmo olhar.»

Branche ia morrer. Tinha-me instalado ao pé de seu catre. Pensei em milhares de coisas, ora como homem de juízo, ora como um insensato. Senti, então, que só os pensamentos mais loucos me davam alegria; dos outros tinha vergonha. Repelia-os para me abandonar ao delírio, e vivi algumas horas que ficarão como as maiores da minha vida.

Pelo meio-dia, Branche perdeu a consciência. Instantes depois, ouvi gritar na rua. Eram os jornais. Corri lá fora e apanhei no ar uma das fôlhas úmidas. Tinha escrito em grandes letras: A retirada alemã ao norte de Lassigny.

Corri ao leito de Branche: não tinha ainda morrido. Fiz tudo para o animar, tudo o que se pode fazer, tudo quanto os homens sabem fazer.

Branche abriu os olhos, e, uma vez, ainda, mostrou o seu belo olhar. Então, com as duas mãos, abri diante dêle o jornal, onde se lia a frase maravilhosa, e disse, gritei:

— Vês? Podes ver ainda? Podes ler?

Fêz-me um sinal que sim. E fêz-me, sobretudo, um sorriso de tal maneira feliz, de tal maneira confiante, que me custou a reter as lágrimas.

Não sei o que fiz em seguida. Tudo isto, aliás, pode parecer perfeitamente absurdo. Só me lembro que, quando Branche expirou, eu tinha tomado nas minhas as suas duas mãos, e dizia-lhe:

— Obrigado! Obrigado!

Tinha-vos prevenido: podeis pensar o que quiserdes desta história. Todos os homens que fizeram a guerra conheceram, durante êsses anos sombrios, pelo menos duas ou três aventuras que não poderão jamais contar, e que são, talvez, as únicas que era bom que os homens ouvissem.

Não me diga nada. Não me fale mais de Branche. O que eu tentei explicar não tem importância. E no entanto, não posso dizer tôdas as coisas que me agitam o coração, enquanto, com o exército, eu marchava para o Norte, através da planície mártir em que as macieiras cortadas floriam por terra — meu caro senhor! — como se, em vez do nada, tivessem, diante delas, uma eternidade de amor.

SUICÍDIO

(Cont. da pág. 11)

descer as pálpebras para o sono. Chegou-se mais para perto. Mais. Um pouco mais. Sentia os olhares das moças, das conhecidas. Ouviu alguém dizer: «Osório é êle». Nessa fração de minuto pensou em bilhões de coisas, cenas de teatro, capítulos de romances lidos, poemas decorados; lembrou-se de uma teatralização a que assistira na infância, em que aparecia o noivo diante da noiva envenenada; lembrou-se de frases de efeito, coisas que também poderia dizer. Era aquêle, sem dúvida, o melhor momento para impressionar para abrir a bôca e provocar com algumas palavras lágrimas nos olhos das pessoas presentes. Luciana era sua noiva. Ali estava, envenenada. Ninguém sabia por que, nem êle. Poderia abrir os braços, dizer num tom patético que há pouco recebera um telefonema dela, marcando um encontro justamente para aquela hora. Mas não. Virou as costas, saiu levando um turbilhão de coisas na cabeça, um desgôsto na alma, uma opressão no peito. Saiu debaixo das vistas de todos, sabendo que comentavam, que pelo menos consideravam intimamente que êle estava se retirando sem dizer palavra. Mas afinal, que tinha isso? Que valia qualquer conceito diante do que sentia? Que poderiam saber? Danassem. Fôssem todos para o diabo. Ninguém ali compreendera Luciana. Nem pai nem mãe. Nem irmã e nem amigas. Todos uns broncos, atrasados, criaturas inferiores. Luciana estava morta, bebera qualquer desgraça. Isso era o ponto final. Era a maior certeza de que até ali ninguém, nem êle mesmo, chegara jamais a penetrar-lhe os pensamentos, a descer sua intimidade, a compreender em suma a vida de Luciana. Pobrezinha. Havia qualquer coisa em seu coração, qualquer coisa enorme, bem maior que os poemas que fazia, que os contos que escrevia, que levava à ela com sérias doses de orgulho, de vaidade, de convencimento bêsta. Bêsta, sim senhores. Poeminhas, continhos, literatices de bôbo, de animal, de fechado, desumano, bronco, incapaz de compreender Luciana. De que valiam os livros, de que valia seu conhecimento filosófico, para que afinal a filosofia, a literatura, pensamentos que aprendera a anotar? Nenhum dêles servira. Não dissera o pensamento, o poema, a frase que valesse, que fôsse a solução para o caso particular de Luciana. Que caso? Mas, afinal, porque a morte, Luciana? Em que livro dormia a palavra para seu consôlo, onde o romancista, o poeta que poderia ter evitado o extremo? Até hoje, até o momento do telefonema, não dissera nada, estava completamente desarmado, sem o menor indício de que Luciana iria pôr têrmo à vida. Não queria, portanto, interpretar coisa alguma, buscar a razão, o motivo que determinara aquela tragédia. Luciana matou-se por isso ou por aquilo. Bolas. Matou-se. Queria era ter sabido que Luciana ia se matar. Queria era ter chegado no momento exato e sustar a morte: «Não faça isso, Luciana». E fazer com que compreendesse que havia solução dentro da vida para qualquer problema que dormisse em seu coração. Agora, danassem. Ficaria debruçado na amurada até que seus pensamentos voltassem para as coisas da vida. Que tudo aquilo passasse como um sonho, como um pesadelo. Mas eis que seus pensamentos se incendeiam, agitam-se talvez como os de Luciana, no minuto que precedeu o ato. Pensava de novo na literatura, na poesia: nada encontrava capaz de convencê-lo, de restabelecer-lhe a razão, fazer enfim com que os pensamentos voltassem naturalmente para a normalidade de antes, de há três horas passadas. Mas não. Tudo se confundia, turvavam-se as águas espêssas que corriam dentro dêle. Agora pensava em duas mortes. A de seu pai, morte normal. Podia dizer a todos: «Meu pai morreu. Teve uma coisa no fígado». Sentira um pouco, depois os pensamentos se haviam voltado para as coisas da vida, para o cotidiano, para a sua legítima naturalidade. Porém agora estava diante de outra morte, sôbre a qual sòmente poderia dizer: «Luciana liquidou-se». Para ninguém poderia encerrar o assunto. Teria que explicar. Tomou tal veneno, sentia tal coisa. «Acho que foi aquilo. Mas penso que havia...» E assim por diante. Era uma morte que rendia. Que mesmo aos desconhecidos, aquêles que nunca privaram com Luciana, não convencia.

Osório resolveu abandonar a amurada. Entraria num cinema qualquer. Não haveria de estar presente na preparação em que estavam, para amanhã lançarem o corpo de Luciana na vala. Foi andando, sempre beirando a murada do mar. A noite envelhecia. Consultou o relógio. Impossível entrar num cinema às onze horas da noite. Onze horas, já? Então estivera ali tanto tempo? Prestou mais atenção em si mesmo. Aquela consciência de tempo, aquêle programa, embora frustrado, de entrar num cinema, já era a volta à normalidade, eram os pensamentos ganhando o seu verdadeiro rumo. Luciana era sua noiva. Morrera envenenada, por sua própria vontade. Nem êle nem ninguém fôra capaz de impedir a morte. Ora — poderia ser um paradoxo — mas eis que tudo se explicava. Melhor portanto era voltar, dar um pulo até a casa de Luciana. Bem sabia que iriam perguntar: «Você brigou com ela, brigou? Houve alguma coisa?». Afinal era uma tentativa de consôlo, de compreensão diante do irreparável. Estava no dever de auxiliar. Foi andando. Quando era pequeno — pensou — tinha mêdo da morte. Não gostava de ver mortos, de ir a enterros, de assistir missas fúnebres. Lembrou-se que uma vez, no rio que rolava no fundo do quintal, passara boiando um cadáver. Fôra a única pessoa que vira. O cadáver passou, túmido, rolando na correnteza escura. Ninguém falara naquele corpo morto sôbre as águas. Até hoje guardava um certo arrependimento por não ter revelado seu macabro achado. Devia entrar correndo em casa, chamar seu pai, chamar alguém e mostrar. Mas não. Ficara estatelado, meio bôbo diante do fato. O corpo passou, perdeu-se entre os juncos marginais, fôra para longe, despejara-se certamente no mar, ou se perdera na guela das tainhas e bagres.

— Entre, Osório. Estão esperando você.

Não botou sentido em quem falava com doçura, em quem o tomava pelo

braço, introduzindo-o na casa da noiva. O pai de Luciana puxou uma cadeira, fê-lo sentar-se ao seu lado. A irmã de Luciana, a menor, ofereceu ao pai um pouco d'água. Olhou para Osório, chegou-se para êle:

— Que tragédia. Não posso me conformar.

— E'. Eu havia marcado um encontro com ela.

O pai de Luciana prestava atenção ao diálogo iniciado. Certamente diria qualquer coisa. A menina continuou. Era sem dúvida a primeira tentativa para explicar a morte da irmã, a necessária investigação para a contortadora aceitação do acontecido. Osório sentia-se no dever de auxiliar. Dessa vez usaria seus recursos, botaria em prática seu acervo de frases, haveria, em suma, de explicar tudo, de deixar bem clara uma razão qualquer, razão que seria aceita por todos. Certamente era disso que precisavam. Amanhã teriam que explicar: Luciana matou-se por isso. Cumpria, pois, esclarecer o segrêdo, o mistério que ninguém sabia, que fôra no peito de Luciana. Osório resolveu continuar o diálogo. Luciana estava estendida em sua frente, um pano leve cobrindo-lhe o corpo. Seria testemunha indiferente, seria a única que não daria uma palavra, seria enfim a única incapaz de contestar ou concordar.

TOBIAS MINDERNICKEL

(Cont. da pág. 14)

vontade senão a de descansar e fazer a digestão, deitou-se com as duas mãos esticadas para a frente.

— Outra vez — repetiu Tobias: — Esaú.

Esaú, porém, olhou para o outro lado e continuou no mesmo lugar.

Esaú — gritou mais forte. — Você deve ir mesmo que esteja cansado.

Mas Esaú pôs a cabeça sôbre as patas, indiferente.

— Ouça, — disse-lhe Tobias, com um tom carregado de ameaças — obedeça-me, ou ficará sabendo que não convém contradizer-me.

O cão apenas moveu a cauda. Então se apoderou de Tobias um ódio desmedido e brutal. Tomou a bengala, levantou Esaú pelo couro do lombo e bateu-lhe, repetindo:

— Como? Não faz caso? Atreve-se a não me obedecer? Por fim largou a bengala, atirou o cão ao solo e pôs-se a respirar com fôrça e a dar grandes passos pela sala, lançando de quando em quando olhares raivosos para Esaú. Após um instante, interrompeu o passeio, estacou-se ante o cão que continuava estendido e tremia de mêdo, cruzou os braços sôbre o peito e falou com o mesmo tom com que falaria Napoleão ante a companhia que houvesse perdido sua bandeira no combate:

— Como se comportou?

E o cão, feliz com essa aproximação, arrastou-se, cercando-se, e esfregando-se contra a perna do amo, pedindo perdão com os olhos. Por um momento contemplou o ser dominado que o olhava humilde; quando sentiu o calor de seu corpo na perna, levantou-se e disse:

— Bom; vou ter pena de você.

E quando o animal começou a lamber-lhe o rosto, seus sentimentos se converteram em piedade e sofrimento. Apertou o cão contra o peito com um amor doloroso e sem terminar as frases, repetiu várias vêzes com voz estrangulada:

— Vê? Você é o único, é o único...

Deitou Esaú cuidadosamente no sofá, sentou-se ao seu lado, segurou o queixo nas mãos e contemplou-o com os olhos tranqüilos e amorosos.

A partir de então, Tobias saía de casa mais raramente que antes, pois não se sentia muito inclinado a sair à rua com Esaú. Dedicou tôda a sua atenção ao cãozinho; não se ocupava de outra coisa senão de alimentá-lo, limpar-lhe os olhos, dar-lhe ordens e falar-lhe, e conversar com êle o mais humanamente possível. Mas a questão é que o animal nem sempre se comportava conforme seus desejos. Quando se estendia a seu lado, no sofá, com sono, devido à falta de liberdade e de ar, Tobias se sentia satisfeito, passava-lhe a mão pelo lombo, dizendo-lhe:

— Você me olha com pena, meu pobre amigo? Sim, o mundo é triste, e, apesar de sua juventude, você já o sabe...

Porém, quando o animal brincava com alguma chinela, alegre e cheio de vida, quando pulava em alguma cadeira e saltava de prazer, Tobias olhava-o com um olhar incerto e confuso e, com um sorriso amargo e mal-humorado, sem poder conter-se, gritava-lhe:

— Deixe de excessos. Não há motivos para dançar por tôda parte.

Ainda mais uma vez Esaú saiu pela escada e fugindo para a rua, perseguiu um gato, brincou, feliz, com os meninos e comeu os excrementos de um cavalo. Quando Tobias saiu à sua procura, o cão, em meio da alegria e dos aplausos de todos, fugiu em grandes saltos. Nesse dia apanhou larga e duramente.

Um dia — já fazia algumas semanas que o cão pertencia a Tobias — êste tirou da cômoda uns pedaços de miolo de pão e pôs-se a cortá-los com uma faca grande, deixando-os cair no chão. O cão, louco de apetite e entusiasmo, saltava à volta do amo, até que se espetou na faca e caiu ferido.

Tobias, assustado, largou tudo e inclinou-se sôbre o ferido; de repente, sua expressão mudou e por um segundo passou-lhe pelo rosto uma aragem de prazer e consôlo. Levantou com cuidado o pobre cão até o sofá e ninguém pode imaginar com que atenção pôs-se a fazer-lhe curativo. Durante o dia não se afastava dêle, fazia-o dormir em sua própria cama, levava-o, curava-o, fazia-lhe carinhos, consolava-o com incansáveis cuidados e atenção.

— Dói muito? — dizia-lhe. — Sim, vê-se que você sofre horrìvelmente, meu pobre animal. Mas, conforme-se, temos que resistir...

Seu rosto estava tranqüilo e isento de dor ao pronunciar tais palavras.

Mas, quando Esaú recuperou suas fôrças, ficou mais alegre e sarou, as maneiras de Tobias tornaram-se mais inquietas e preocupadas. Demonstrava seu amor pelo cão passando-lhe a mão pelo lombo ou falando com êle sem se preocupar mais com a ferida. O cão melhorou sensìvelmente até que um dia, depois de tomar um prato de leite, saltou do sofá e começou a percorrer o apartamento até acabar apanhando uma batata, pondo-se a brincar com ela, atirando-a para o ar. Tobias estava na janela, e junto do vaso de flores, enquanto suas mãos ossudas enfiavam-se pelas mangas do casaco e apanhavam o cabelo que lhe caía sôbre a testa, alteou sua figura até desenhá-la grotescamente contra o muro da casa vizinha. Seu rosto estava pálido e contraído; com um olhar iracundo, invejoso e irritado, acompanhava os saltos de Esaú. Encolheu-se, repentinamente, foi ao seu encontro e tomou-o lentamente nos braços.

— Meu pobre animal... — começou com voz surda, mas Esaú, alegre e pouco disposto a deixar-se tratar dêste modo, procurou libertar-se, o que afinal conseguiu; deu um par de saltos e correu brincando outra vez.

O que se passou depois, é a coisa mais inexplicável e infame que já vi, tanto que não me atrevo a descrevê-la com pormenores. Tobias Mindernickel tinha os braços caídos, os lábios contraídos e seus olhos tremiam nas órbitas. E de repente, numa espécie de pulo de doido, segurou o cão, tendo com uma cutilada da faca reluzente introduzido-a pelo ombro até o peito do animal, atirando-o depois ao solo. Sem dar um grito, o animal caiu, simplesmente de lado, deitando sangue...

Tobias recolheu-o imediatamente, depositou-o no sofá e cobrindo-lhe o ferimento com um lenço, disse-lhe:

— Meu pobre animal. Meu pobre animal. Que desgraça. Como somos infelizes. Você está sofrendo?... Sim, sim, eu sei que você sofre... como vejo você sofrer... Mas eu, eu estou aqui, eu curarei você. Vou buscar o meu melhor lenço...

Esaú jazia imóvel. Apenas respirava. Seus olhos sofredores e curiosos, cheios de incompreensão, inocência e ressentimento, contemplavam o amo; depois esticou um pouco as pernas e morreu.

Tobias continuou imóvel: depois pousando o rosto sôbre o corpo de Esaú, chorou amargamente.

CHIANG KAI-SHEK...

(Cont. da pág. 21)

maior do que o número de judeus que, prontamente, emigram para a terra prometida. Dêste modo, não ficaria a ilha abalada, em suas economias, em virtude de sua utilização ininterrupta e cada vez maior, por parte do grande número de chineses livres que passaram a popular Formosa? **Provavelmente,** respondemos nós. E' interessante ressaltar, no entanto, que, nos seis anos que decorreram desde a instalação do govêrno nacionalista na ilha, suas fontes econômicas têm sido amplamente desen

A REVISTA há 50 anos

29-3-903

CHRONICA

NÃO sou dos que destestam os ricos só porque sou pobre e entendo que uma grande fortuna, collocada em mãos generosas, é um admiravel instrumento de progresso material e de adiantamento moral. Mas o mundo moderno só tolera os millionarios pela somma de altruismo que em torno de si espalham. Claro está que não me refiro á turbamulta dos pretendentes, dos parasitas e dos medrosos. Essa clientela do ouro, posto que numerosa, jamais contribuiu para elevar quem quer seja na estima dos é-lhes indifferente. O seu testemunho perante a posteridade não seus contemporaneos: quando não lhes desacredita a memoria, tem o menor valor; quando não é negativo é nullo.

● Um dos maiores desesperos da plutocracia americana foi sempre o desdem com que se via acolhida nas rodas verdadeiramente cultas da velha Europa; nas rodas que fazem e desfazem reputações. Paris e Londres fascinavam esses devotos do Milhão como a luz attrahe a borboleta e era com o secreto desejo de deslumbral-as que elles desembarcavam nas duas capitaes feericas. Baldado empenho; desillusão cruel. A aristocracia londrina, a casta ultra-requintada por muitas gerações de nobreza e de bom gosto, repellia os com a esmagadora ironia do gentleman quando se resolve a humilhar o parvenu; Paris, ainda mais requintada mas menos puritana, limitava-se a recebel-o com o gesto significativo do voyon e a exploral-o. «Só tinha dinheiro? Pagasse!» E tudo pagava, o misero: o sorriso das mulheres, a apresentação aos homens illustres, o interview do reporter, a local na folha mundana. Francos, francos e mais francos!

● Pouco a pouco, a contra gosto, raivoso mas impotente, o millionario sentia a infinita superioridade moral dessas sociedades, feitas lentamente, devagar, aos poucos, no constante e violento conflicto dos idéaes, luctando sempre por maior somma de bondade e de belleza na terra e assim entrou a fazer-se perdoar as monstruosas iniquidades do capitalismo, contribuindo com fartas irrigações de ouro para que essa belleza resultasse mais bella e essa bondade mais bondosa.

● Hoje, rara é a grande folha norte-americana que nos não traz a noticia de um generoso donativo, feito por um dos opulentos potentados da finança á arte, á sciencia, á religião, á patria, á cultura geral do povo e ao seu bem estar: bibliothecas, museus, escolas, pintura, esculptura, theatro, instituições de beneficencia e caridade, sanatorio para os tuberculosos, sopas economicas, regeneração dos menores delinquentes, asylos para invalidos, velhos e trabalhadores, tudo quanto pode contribuir para pulverisar a fortuna e o bem estar, encontra ao seu lado a concurrencia generosa dos soberanos do dollar. Era esse movimento que eu desejaria vêr imitado pelos ricaços do nosso paiz. Até agora, infelizmente, elles vivem e morrem sem haver contribuido com um ceitil para a civilização do seu tempo — — JACQUES BONHOMME.

●

DR. JOÃO ANTONIO DE SOUZA RIBEIRO



ESTA SECÇÃO compartilhe intensamente da magoa que causou á sociedade fluminense o fallecimento eminente jurisconsulto dr. João Antonio de Souza Ribeiro. Caracter illibadissimo e espirito de elevação pouco commum, o dr. Souza Ribeiro gosava de justa veneração de quantos o conheciam, tornando-se notavel pela sabedoria e eloquencia de estylo com que formulava os seus luminosos pareceres. As horas de lazer desse illustre homem de lettras eram em parte dedicadas ao nobre entretenimento do jogo de xadrez, tendo por muito tempo honrado esta columna com a sua collaboração com as modestas iniciaes S. R.

A SAÚDE DO BEBÊ

CÓLICAS DO LACTENTE E SUAS CAUSAS

DR. SABOIA RIBEIRO

O espetáculo de uma cólica da criança, repetindo-se em vários momentos do dia, de noite, é muito conhecido dos pediatras. A criança solta gritos incessantes, contorse-se, agita os membros — eis o quadro em duas pinceladas. Sem dúvida, nem sempre é mesmo uma cólica que está em causa. Mas é sempre à cólica ou à fome da criança, que a família atribui as causas do seu chôro. Julgando ser fome, a família acode, com facilidade, dando-lhe o peito ou a mamadeira. Evidentemente, se se trata de verdadeira cólica, nada mais inoportuno. De fato, o chôro da criança comporta muitas causas. Pode ser o excesso de frio, ou de calor. As roupas apertadas, ou fazendo pregas e magoando-lhe o dorso. As fraldas úmidas, assaduras, etc.

● Tôdas essas causas do chôro da criança devem ser rebuscadas, mas é preciso, ainda, não esquecer que também o chôro pode indicar apenas que a criança está com sono, ou sêde (como acontece sobretudo no verão ou se está o menino no uso de mingaus, que reclamam água nos intervalos).

Mas, admitindo-se a existência de cólica verdadeira, torna-se sempre necessário distinguir a espécie de cólica, se proveniente de simples espasmos intestinais, ou condicionada a alguma doença intestinal devida à alimentação, ou afecção cirúrgica que também pode estar em causa.

Nas crianças sujeitas a distúrbios do aparelho digestivo ou em quem, eventualmente, se possa atribuir um êrro alimentar (excesso do alimento, ou o oposto, verdadeira fome, ou ainda administração demasiada de farinhas nos mingaus), a impressão de verdadeira cólica é o que se impõe, nos primeiros tempos.

Nas mais crescidas, sem perturbações das fezes e acompanhadas de vômitos, a hipótese de uma cólica apendicular não menos se impõe. Há uma classe, porém, de lactentes, particularmente sujeitos a cólicas, em que as mesmas resultam de simples espasmos intestinais desacompanhados de qualquer doença local ou êrro alimentar. E' conhecida a tendência dos bebês neuropáticos a essas cólicas exigindo apenas a intervenção da medicação anti-espasmódica tipo atropina.

Em muitos bebês criados ao seio assim acontece, não se devendo em tais casos promover a supressão do leite materno como sendo a causa do sintoma.

Não engana a cólica, nessa idade, quando motivada por uma invaginação intestinal, com seus quatro sintomas: dor de ventre súbita e viva; vômitos melena (hemorragia intestinal) e tumor em chouriço num ou noutro lado. A invaginação intestinal é comum na primeira infância, nos lactentes de melhor saúde e uso do melhor regime.

● Nem sempre se patenteia sob uma forma tìpicamente aguda, pois também se pode traduzir numa forma sub-aguda e até crônica, parecendo uma enterocolite ou disenteria. A invaginação intestinal é moléstia essencialmente cirúrgica e uma vez diagnosticada não admite outra intervenção que não seja a cirúrgica, o mais depressa.

Admitida a natureza espasmódica da cólica de criança, como tratá-la? A medicação de escolha, hoje, é, como dissemos, representada pelos anti-espasmódicos, tipo atropina.

Essa medicação pode-se substituir pelo licor amoniacal anisado (V gotas num pouco de leite ou água açucarada, 3 vêzes ao dia). Havendo timpanismo, pode usar a seguinte fórmula: Alcolatura de aniz — 5 gramas; Julepo gomoso — 60 gramas. Uma colherinha de café de hora em hora.

volvidas, em ritmo crescente, segundo atesta o discurso feito pelo Generalíssimo Chiang Kai Shek, em 1.º de janeiro de 1953, do qual transcrevemos a tradução de um pequeno trecho:

"Amigos cidadãos: no dia do Ano Novo passado, remarquei o nosso "objetivo geral de mobilização contra o comunismo e a Rússia Imperialista, com o "propósito de elevar Formosa a um modêlo político administrado de acôrdo com os "Três Princípios do Povo", e como um baluarte para as reivindicações de nossa honra e a recuperação do continente. Também acentuei que, em nossa mobilização geral, deveríamos levar a cabo nossas reformas econômicas, social, cultural e política. Agora, vejamos o que fizemos no ano passado. No campo político, nosso grito de combate **foi: "vençamos as dificuldades e sejamos** práticos; regeneração através do nosso próprio esfôrço". No campo econômico, nosso grito de combate foi: "cooperação através da assistência mútua; competição para maior produção." Êstes nossos objetivos foram realizados numa substancial extensão. Especialmente notáveis foram os adiantamentos do govêrno autônomo local, reformas no senso administrativo, divulgação de comícios mensais do povo em vilas e centros urbanos, introdução do seguro de trabalho e melhoramento das condições de vida dos trabalhadores em salinas e dos pescadores. O orçamento nacional foi estritamente seguido, atingindo um novo saldo entre as arrecadações do govêrno e o desembôlso. Tanto a produção industrial como a de minas foram grandemente aumentadas, enquanto que o aumento da produção alimentícia do ano passado foi particularmente digno de menção. O registro de terras foi completado e a limitação das terras privadas será cumprida nesta primavera. Tanto as fôrças armadas como civis manifestaram um sentimento de mútua ajuda e cooperação, quando o tifo ou as inundações fizeram estragos nesta província por ocasião de uma greve de emergência, assim que, as condições foram rapidamente restauradas."

Podemos afirmar, em conclusão, que a ilha Formosa pode ser transformada na China Livre, e abrigar mais alguns milhões de almas, além dos 7.000.000 de pessoas que compõem sua população atual, desde que, **todos os seus recursos econômicos** continuem a ser explorados em ritmo gradativamente maior, e, também, desde que os indivíduos que se fixem em Formosa passem a ser empregados, **imediatamente**, num trabalho eficientemente dirigido, para o aumento da produção geral da ilha. Isto impedirá um "estacionamento" da produção, diante do aumento da população. Enfim, o futuro se encarregará de nos fornecer a resposta.

TERRA ARRASADA

(Cont. da pág. 53)

O homem mata a fome e a sêde chupando umbu. O gado, mesmo no inverno, não só come o fruto, como as fôlhas da sua árvore. O umbuzeiro é a árvore precavida, por excelência, trazendo nas suas raízes um perfeito armazém de reservas. Ela faz o que o nordestino, na sua economia colonial não aprendeu: guardar na época da bonança para os dias da sêca. Foi o umbuzeiro, na luta de Moreira César contra Antônio Conselheiro, em Canudos, o melhor aliado do Govêrno Federal, fornecendo alimentação a milhares de soldados.

Na longa caminhada que realizamos pelo nordeste, encontramos dezenas de sertanejos à beira da estrada vendendo latas cheias de umbus, o "imbu", como é melhor conhecido. Cada lata de querosene custava cinco cruzeiros.

Mas o solo do sertão, tal qual o da caatinga, também foi abandonado pelos governos, afora os minguados quilômetros de irrigação existentes em "São Gonçalo".

No nordeste semi-árido, imensa floresta tostada, há a "caatinga", região intermediária entre o litoral e a mata, como tipo de transição. Caracteriza-se pela verdura da vegetação no verão solo menos raso, ar mais fresco, com alguma pastagem. E' o reinado da aroeira, do cajueiro, do pau d'arco, tudo em chão salpicado de pedras, porém, fértil para a lavoura, quando chove...

Por falta de organização e, sobretudo, de educação, fatôres aliados ao espírito de imprevidência do sertanejo, a sêca faz sentir os seus efeitos em tôdas as regiões. A história da negligência do nosso sertanejo está contida nesta resignação:

"Das quatro vacas que tinha só lucrei duas, que vendi no inverno; as outras morreram na sêca."

★

Tudo torrado pelo sol, com os rios que são atravessados a pé enxuto, muito embora alguns açudes estejam cheios d'água, o nordestino, levado pela fome e pelo seu espírito nômade, começa a caminhar. As procissões famintas se cruzam pelas estradas. O deslocamento das populações é desordenado. Andam de cidade em cidade em busca de comida e poucos pegam trabalho. Acontece que os céus ficam escuros e chove. Aí, numa corrida de quem foge à morte, milhares de famílias deixam as cidades e rumam para os campos. E' o inverno que chega... Não foram apenas, nuvens enganadoras, chuvas passageiras... A chuvinha não traz arroz, nem feijão. Recrudesse a estiagem e, novamente, os campos ficam vasios. A terra continua sêca e os grandes açudes cheios d'água. E as procissões famintas atravessam os sertões, num triste vaivém. A fome existe no Brasil por culpa dos governos, governos incapazes, sem patriotismo. Mas o sertanejo, um forte, vence o flagelo, arrancando o xique-xique, macambira, mandacaru para comer e alimentar o seu gado. Do século XX êle volta à Idade da Pedra para assegurar a sua subsistência. Come cactus e arranca a água do fundo do rio sêco, prepara a coivara, faz a cacimba com o couro de arrastão, mata piranha a pau na lama do açude, num esfôrço sobrenatural para sobreviver, numa região que empobrece, enquanto aumenta a sua população, com o agravante de não haver inverno regular desde 1949.

★

Eis o drama nu e cru da terra sêca. Nos EE. UU. a área sêca é de 300 milhões de hectares e o nível de vida do homem é de 1.100 dólores, enquanto o da chamada zona industrial é de 890. Isto mostra que o problema não é insolúvel. Um técnico de renome, como Guimarães Duque, que conhecemos em Fortaleza, autor de vários livros, em impressionante documento, declara esta triste verdade:

— "Subtraindo dos 17 açudes a superfície da União, inundável pelas águas, ficam 32.976 hectares para 4.512 famílias. Calculamos que o nordeste tenha uma pessoa para 10 hectares. Então os açudes estão suportando dez vêzes mais gente do que a densidade média da zona sêca".

Para atender a 300.000 famílias e dar-lhes elementos de trabalho, precisamos, asseguram os entendidos — conseguir cêrca de 2 milhões de hectares de terras irrigadas. Isto, num cálculo bem barato, quando é sabido que o sistema do Alto Piranha foi estudado para abranger uma área superior a 20.000 hectares no vale do rio do mesmo nome, servindo, apenas, as duas cidades: Souza e Antenor Navarro. Não existe tal área em condição de ser artificialmente molhada, por gravidade, no Polígono. Chegamos, então, a dolorosa conclusão. Todos os açudes públicos e particulares, com os seus canais de irrigação, em pleno funcionamento, não assegurarão a subsistência de um vigésimo da população flagelada. Irrigação digna de nota, só mesmo em "Curema", pouco mais de 150 quilometros de canais. O resto é poesia!

Em nosso país, a sêca, para vergonha de uma geração, é um problema insolúvel, servindo de indústria e de arma política. Um deputado, no caso, o sr. Cincinato Braga, já aconselhou esvasiar o nordeste.

Repete-se a história. Em 1953, como em 1877, enviam gêneros alimentícios. O nordeste não precisa de esmolas. O seu remédio pode ser preparado por qualquer boticário de boa vontade: um planejamento, com bases sólidas, sem politicagem, sem a preocupação de fazer cinema para exaltação de gestos filantrópicos...

O ESFÔRÇO SOBRENATURAL DO HOMEM

Contaremos na próxima reportagem o esfôrço sobrenatural do homem do nordeste para sobreviver à tragédia. Suas caminhadas pelas caatingas e várzeas, seus sofrimentos, a miséria, a falta de um serviço de coordenação. Finalmente, a sua inabalável decisão de não sair da terra e vencer o flagelo, com os próprios recursos. Mostraremos, ainda, como o sertanejo prepara o menu da fome.

Suavidade



UMA DAS características da atual moda européia é a suavidade de linhas conseguida com o emprêgo de recursos extremamente femininos na concepção dos modelos e com a combinação de tonalidades pálidas. Muitas vêzes se encontra o azul desmaiado junto ao branco, o cinza associado à côr de limão, o branco ao malva... A contestura dos tecidos é macia como a pele de um rosto jovem, algumas vêzes lisa, outras lavrada em desenhos de contornos harmoniosos.

● Ao lado disso, notamos nas coleções apresentadas nos últimos desfiles em Paris, um afastamento cada vez maior do corte duro, do talho masculino. Mesmo os «tailleurs» se feminilizaram: há muito mais mangas japonêsas ou raglam, golas chale ou decotes arredondados e muito menos ombros quadrados. Andando por uma rua de Paris pode-se contar, entre 10 «tailleurs», 8 que não têm ombreiras.

● O próprio Manguin apresenta costumes que, analizando-se, não são mais que uma saia e um blusão, de mangas compridas ou três quartos. Dior fêz desfilar entre seus modelos uma jaqueta com apenas um botão no vértice de um decote em V, longuíssimo, que subia até o pescoço e descia nas costas em outro V menos acentuado.

As criações ditadas pela imaginação e fantasia dominam cada dia mais, afastando-se o vestuário feminino das linhas clássicas. Estes permanecem apenas nos modelos esportivos, onde a originalidade está na combinação de côres e tecidos diferentes. Essa característica para a suavidade, acentua-se mais nos trajes para festas, nos vestidos de noite ou de cerimônia. Volta-se aos enfeites de renda, bordados e lantejoulas, e aos lamés e brocados que lembram pelo seu luxo um verdadeiro sonho oriental.

● Os inglêses denominaram essa característica da moda atual «soft look», os franceses «la ligne douce». Nós a chamamos de, apenas, «suavidade»... (L.J.)

JACQUES HEIM — Vestido de coquetel em crepe negro com uma estola-bolero, removível em crepe mousse branco.

modelos europeus



DUAS PEÇAS em sêda es-estampada, a jaqueta é tôda contornada com fita grosgrain em côr escura, combinando com as tonalidades do estampado.



VESTIDO em renda negra sôbre fundo de tulle branco pequeno. Bolero destacável, deixando o decote inteiramente livre.



ELEGANTE criação em sêda estampada com motivos em côres vivas, bolero curtíssimo com mangas três quartos elegantemente drapeadas.

INTERPRETAÇÃO em listas horizontais, saia com pregas. Blusa transpassada na frente com gola original bem ampla, largo cinto ajustando a cintura.



WEEK-END NA COZINHA

Peixe recheado

2 quilos de peixe sem espinha
1/2 xícara de manteiga
1/2 xícara de cebola picadinha
1 xícara de farinha de milho
10 fatias de miolo de pão cortadas em cubinhos, sal e pimenta a gôsto
3 colheres das de sopa de leite.

1. Limpe o peixe internamente, lave-o e tempere com sal por dentro e por fora.

2. Derreta a manteiga na frigideira e refogue aí a cebola. Junte o miolo de pão, a farinha de milho, o sal, a pimenta e o leite. Misture tudo, mexendo com uma colher de pau.

3. Recheie o peixe com a mistura acima. Asse em forno regular, cêrca de 1 hora.

4. Sirva com um bom môlho de sua preferência e rodelas de limão.



ROCAMBOLE COM SORVETE

[illegible] ovos
1 colher das de chá de fermento em pó
1 pitada de sal
3/4 de xícara de açúcar
1 colher das de chá de essência de baunilha
3/4 de xícara de farinha de trigo peneirada
1 litro de sorvete de creme de baunilha (ou outro se preferir).

1. Bata os ovos muito bem batidos com um batedor manual [illegible] até ficarem grossos. Junte o fermento em pó e o sal; continue a bater até ficarem mais leves ainda. Acrescente o açúcar, cêrca de 1 colher das de sopa de cada vez e bata mais. Adicione a essência de baunilha e a farinha peneirada. Misture.

2. Ponha a massa numa assadeira untada, ou forrada com papel apropriado. Asse em forno moderadamente quente, cêrca de [illegible] minutos.

3. Retire o bolo da assadeira, utilizando-se de uma faca para que não se quebre. Ponha sôbre uma toalha ou uma fôlha de papel polvilhada com açúcar. Retire o papel que forrou a assadeira, se tiver, enquanto quente. Enrole o bolo com cuidado, com as duas mãos e deixe esfriar, com uma toalha em volta para que conserve a forma.

4. [illegible] cuidadosamente. Espalhe o sorvete cortando-o em pequenas porções de [illegible] centímetro de espessura. Torne a enrolar. Sirva em fatias.

CONSELHOS ÚTEIS

NÃO GUARDE alimentos na geladeira embrulhados em qualquer espécie de papel ou de papelão. Levam muito tempo para gelar e dificultam a conservação do que está dentro. Use papel de estanho ou plásticos.

SE O FERMENTO em pó ficou encaroçado por estar guardado há muito tempo, desmanche os caroços com os dedos ou com as costas de uma colher, antes de medi-lo.

PARA TIRAR o gôsto desagradável de certos peixes basta deixar de môlho durante uma hora em água, à qual acrescentou uma xícara de vinagre a ferver.

O MOLHO BRANCO ficará muito mais saboroso se temperado com 1 pitada de sal com cebola, 1 pitadinha de mostarda em pó [illegible] de pimenta.

Pernas sem meias

O VERÃO REVELA IMPERFEIÇÕES QUE NO INVERNO AS MEIAS DE NYLON ENCOBREM



SE você gosta de andar sem meias no verão, é preciso iniciar, quanto antes, uma campanha para obter pernas bonitas, macias como a sêda e sem pêlos. As pernas nuas devem ser cuidadosamente tratadas porque as mínimas imperfeições aparecem quando você as expõe à luz do sol. Faça uma primeira campanha contra cravos, espinhas e varizes, ativando a circulação do sangue. Isso se consegue esfregando com uma escova de unhas macia ou com esponja áspera, com água e sabão. Enxague com água fria e, depois, enxugue com uma toalha sêca. Não sòmente você tornará a pele mais saudável, como também fará com que a pele morta seja removida conseguindo uma aparência mais limpa.

● MACIA E SUAVE

A pele da perna deve ser suave. Poderá combater qualquer tendência para o ressecamento fazendo massagens com um creme ou uma loção para a pele. A massagem deve ser executada um dia sim outro não, para se ter o resultado visado, e você poder mostrar com orgulho suas pernas. Remover os pêlos é fácil. Poderá escolher uma cera ou um creme depilatório. A depilação com lâmina é o método mais fácil, mas o o pêlo crescerá depressa, outra vez, e mais grosso.

● COMO USAR A CERA

Se resolver usar a cera, primeiro lave bem as pernas, com água e sabão, depois enxugue cuidadosamente e empôe com talco. Existem ceras depilatórias, ótimas, que se adquirem numa panelinha pequena, pronta para ser aquecida sôbre a chama. Quando a cera estiver derretida, espalhe-a sôbre as pernas — um pouquinho de cada vez — em três camadas. Assim que esfriar e endurecer, remova-a, puxando por uma das extremidades, o mais ràpidamente possível. O pêlo sairá com a cera.

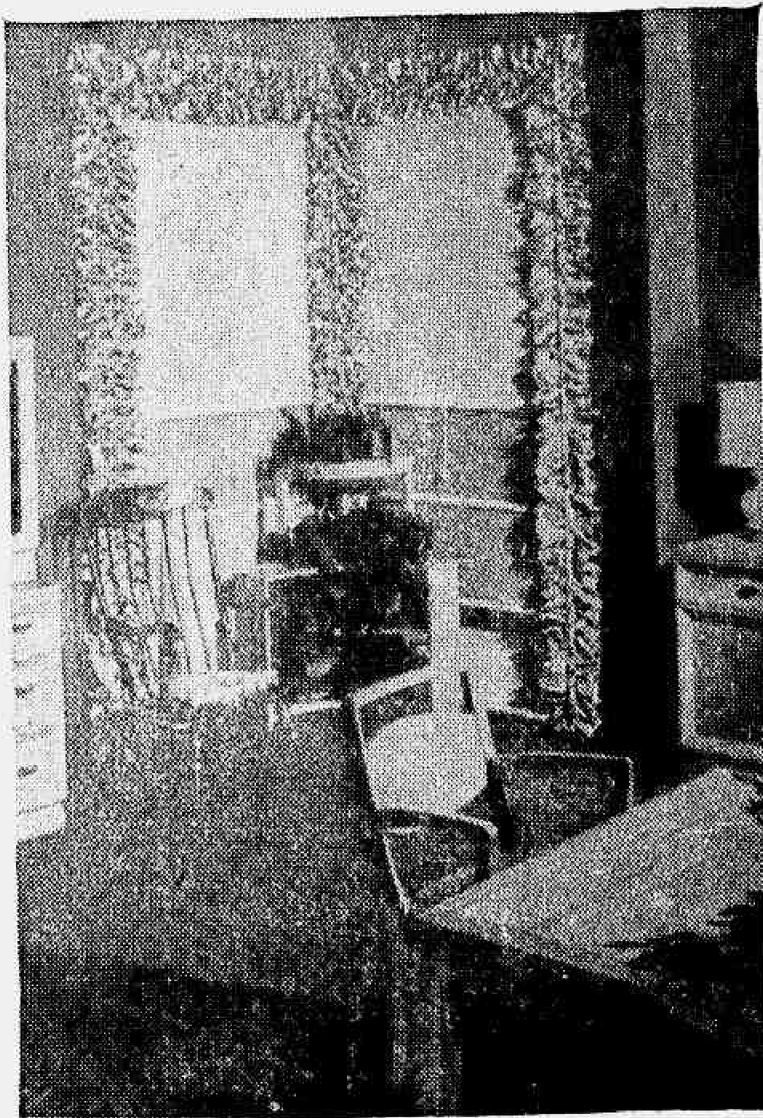
Existe outro tipo de cera que deve ser espalhado numa única camada, muito fina. Essa cera-cremosa deve ser dissolvida em banho-maria durante alguns minutos. Depois de espalhá-la sôbre a superfície das pernas enrole uma tira de tecido de algodão, bem apertoda. Quando você desenrolar a tira, a cera e os pêlos sairão também. Qualquer dêsses métodos remove completamente os pêlos, e uma outra aplicação só é necessária depois de um mês e meio.

● CREMES DEPILATÓRIOS

Os cremes depilatórios vêm em bisnagas, e são espalhados sôbre as pernas. Depois, deixa-se alguns minutos — o tempo varia conforme a maior ou menor grossura dos pêlos. A remoção é feita com uma espátula, que se compra com o creme. Êsse sistema dissolve os pêlos e é de mais rápida aplicação que a cera, mas os efeitos não duram tanto, e o tratamento terá que ser renovado de 15 em 15 dias.

Assim que os pêlos começarem a crescer de novo, é recomendável passar nas pernas, um dio sim outro não, uma pedra-pomes, com sabão, ou uma lixa especial, a fim de evitar que o pêlo novo cresça muito grosso. E' uma pena, mas é verdade, que você nada pode fazer para remover ràpidamente as marcas produzidas por queimaduras de sol. Mas com o tempo, gradualmente, elas ficarão mais claras se você fizer, todos os dias, massagens com um bom creme. Entrementes, disfarce as manchas com um creme de maquillage numa tonalidade apropriada, e cubra com leve camada de pó!

Sugestões para o lar



Quando se quer encobrir a vista sem tirar a luz, êste sistema de cortina é o aconselhado. O modêlo da fotografia é particularmente gracioso, para um quarto ou canto de sala. As duas cortinas foram confeccionadas em tecido de algodão, listrado e liso, combinando. Sugestão de Avondale, famosos decoradores norte-americanos.

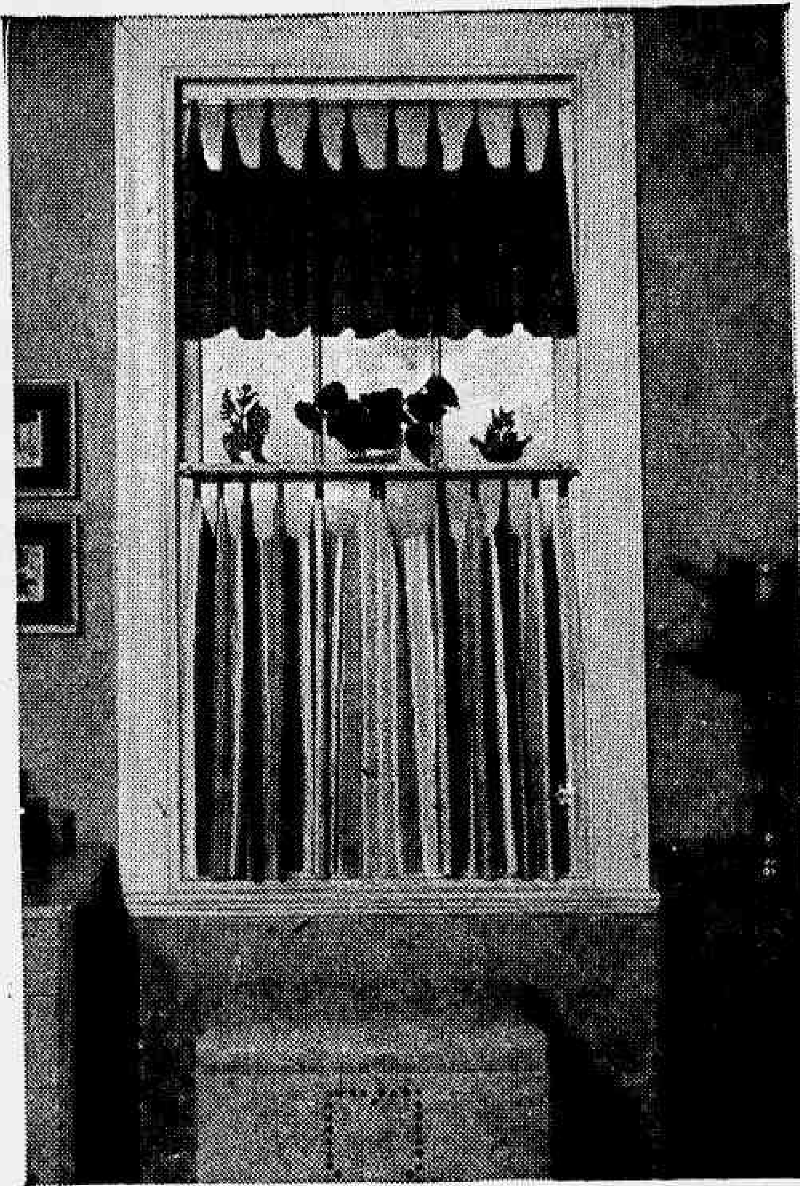
UMA JANELA DIFERENTE

NEM SEMPRE a colocação de uma simples cortina é a melhor solução para transformar uma janela em parte integral da decoração de um aposento. Existem janelas que exigem algo diferente, que as tornem graciosas ou simplesmente práticas. Muitas vêzes, a vista que se descortina não é lá muito agradável de se contemplar, e será preciso encobri-la, sem tirar tôda a luz do quarto ou da sala. Em outros casos a vista não é má, mas a janela devassa o aposento, que fica ao rez do chão ou dois metros em frente ao terraço, onde o vizinho toma diàriamente o seu banho de sol... A colocação de uma esteirinha de enrolar, de uma veneziana móvel, de cortinas duplas ou triplas, ou mesmo de um biombo são as soluções aconselháveis, segundo os diversos casos ou seus gostos pessoais. — **L. J.**

● Se você pintar o espaço entre duas janelas com tinta mais escura, terá um ótimo fundo para colocar quadros, retratos ou gravuras preferidos.

● Se quer evitar que a cortina fique ondulada, retire a ourela do pano e substitua-a por uma bainha.

● Quando comprar toalha para forrar a mesa da cozinha, compre duas iguais. Uma para a mesa, outra para fazer uma bonita cortina para a janela.



Notem como ficou encantadora a decoração das duas janelas em ângulo no canto da sala de jantar! Foram inteiramente contornadas com uma moldura de babados franzidos. A esteirinha em quadriculado, com mola, serve de cortina. Notem também o armàriozinho para as plantas, em madeira de côr natural. Sugestão apresentada por "Columbia Mills".



O prefeito toma ao colo o primeiro dos freqüentadores da creche.

AMPLIANDO OS BENEFÍCIOS QUE CONCEDE AOS SEUS FUNCIONÁRIOS, INAUGURA O MONTEPIO UMA CRECHE MODELAR ★ TÔDA ASSISTÊNCIA MÉDICA E ALIMENTAR AO BEBÊ ENQUANTO A MÃE FUNCIONÁRIA TRABALHA

A atual direção do *Montepio dos Empregados Municipais*, preocupada em desenvolver o plano de benefícios que a entidade confere aos funcionários da Prefeitura, tem levado a efeito diversas iniciativas dignas de aplausos. Partindo da atualização dos empréstimos comuns, que parecia insolúvel e se aproximou bastante do prazo ideal, criou a «pensão provisória», pagando o benefício em trinta dias; abreviou o recebimento do auxílio natalidade para 24 horas apenas; instituiu a gratuidade no fornecimento de anti-bióticos aos servidores até o padrão «H», além de, também grátis, fornecer radiografias e exames de laboratório; aumentou as pensões mínimas, antigas, para Cr$ 400,00 e, depois, para Cr$ 600,00 e as atuais de Cr$ 600,00 a Cr$ 2.800,00 para Cr$ 750,00 a Cr$ 3.500,00; instituiu, ainda de graça a internação de menores filhos de pensionistas e contribuintes em educandários particulares; a internação de portadores de tuberculose pulmonar em hospital especializado; desenvolveu a concessão de financiamento para aquisição de casa própria, dando início as operações do plano «A» — compra e revenda de apartamentos no Engenho de Dentro — e de terrenos e construção de 170 casas de tipo popular em Campo Grande; lançou o plano «C», com pleno êxito, no qual o contribuinte antecipa pequena parte do financiamento, rendendo juros e assegurando êste em prazo determinado. Tudo isto sem prejuízo dos demais benefícios, que ao contrário receberam igual atenção.

Entretanto, não esqueceu o próprio funcionalismo, por igual contribuinte, e a cuja dedicação se deve em grande parte o sucesso das realizações mencionadas. Assim, ademais dos benefícios referidos que também o atingem, vem agora a direção do Montepio de instalar uma creche modelar, destinada a proporcionar à funcionária mãe de criança de colo, perfeita assistência médica e alimentar ao bebê durante as horas em que se dedica aos seus afazeres na repartição.

A iniciativa, segundo estamos informados, é a primeira que se concretiza em repartição pública, dando assim, ao Montepio a honra dêsse privilégio.

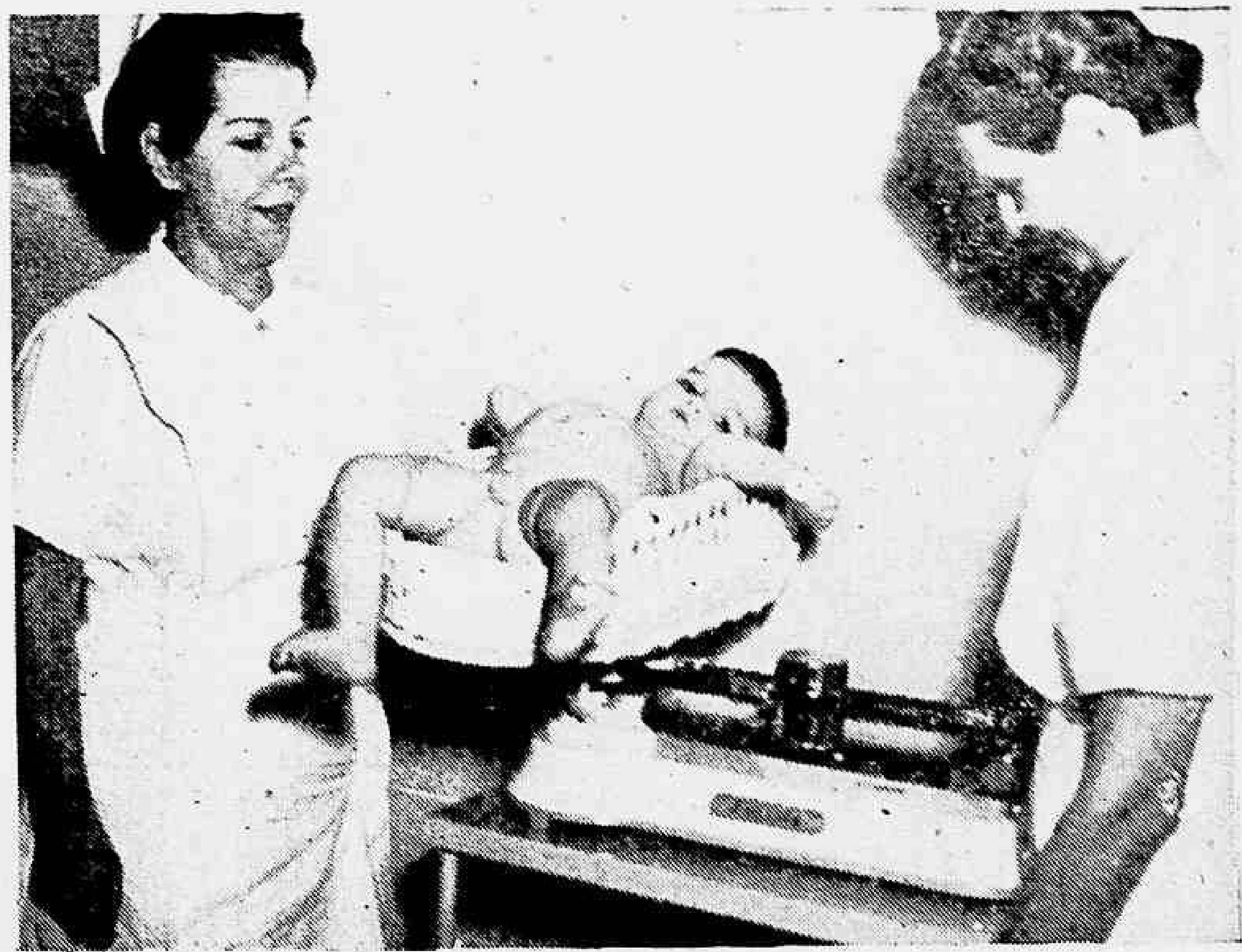
PRIMEIRA CRECHE EM REPARTIÇÃO PÚBLICA



Soltando a fita simbólica, o cel. Dulcídio Cardoso franqueia a nova dependência.



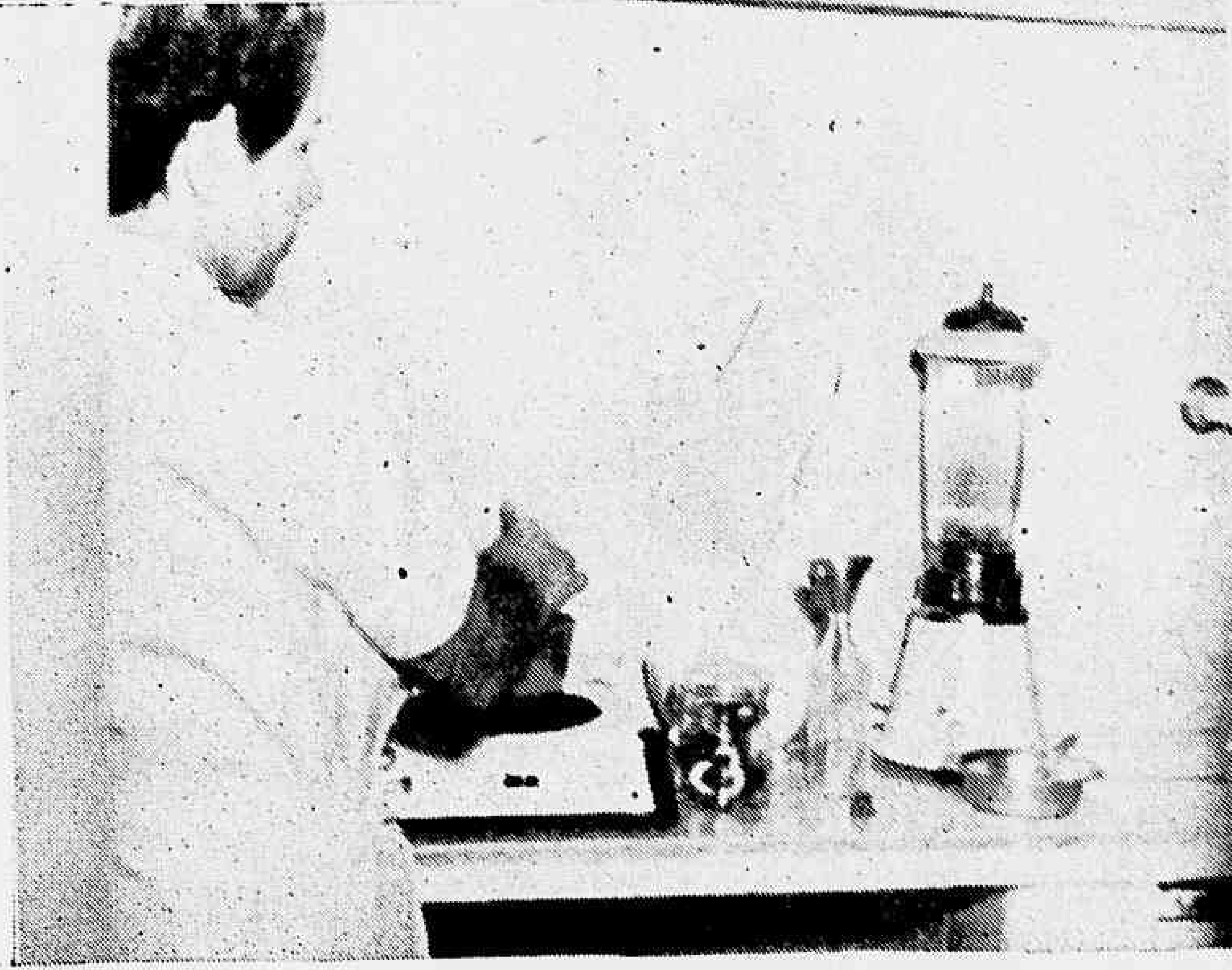
Nome, filiação, idade e o pimpôlho é registrado



Contrôle rigoroso do pêso, feito diàriamente.



O pediatra examina atentamente o bebê à chegada, todos os dias



A alimentação é preparada seguindo os conselhos da dietética.



Repousa a criança no berçário...

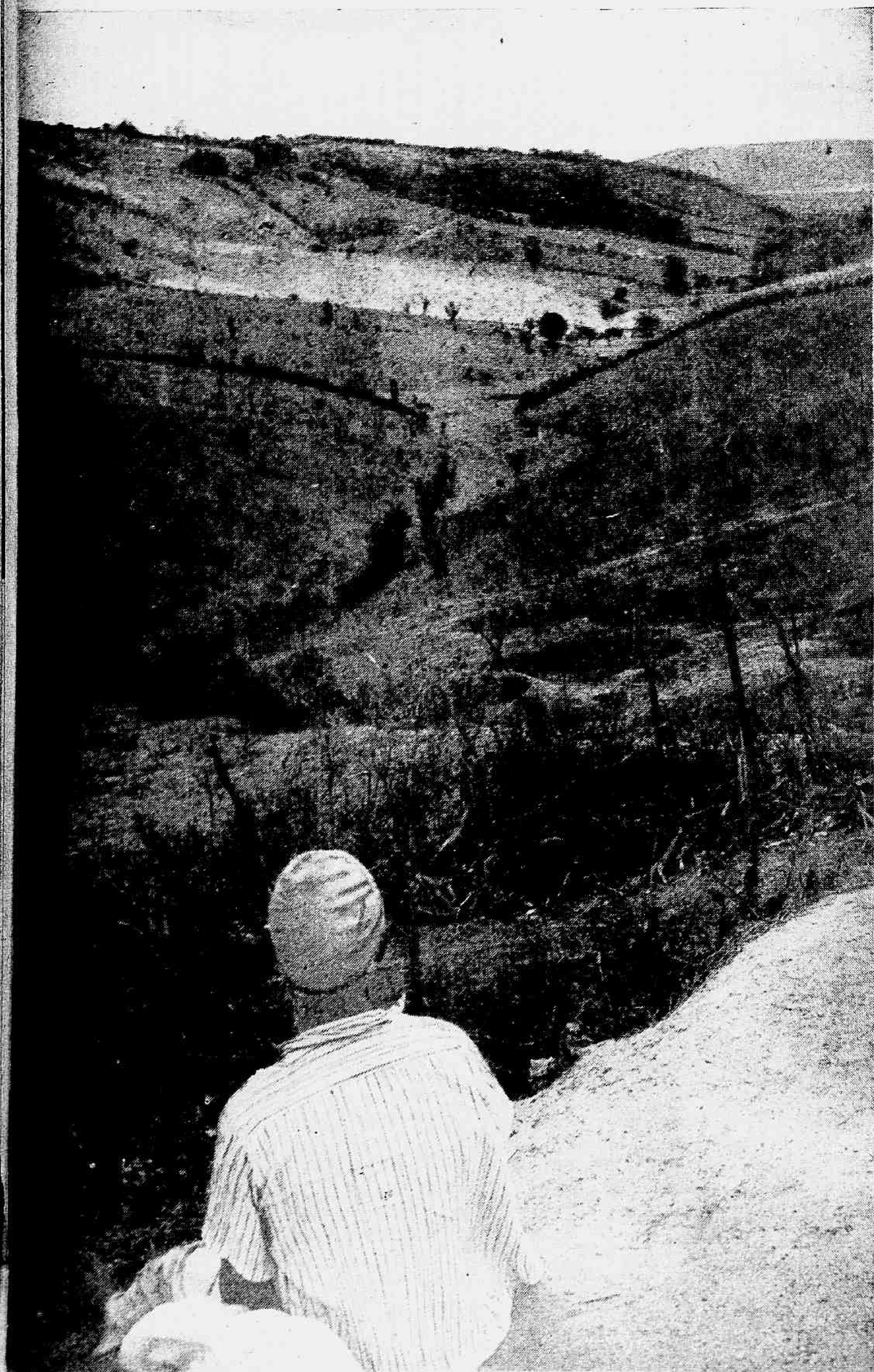


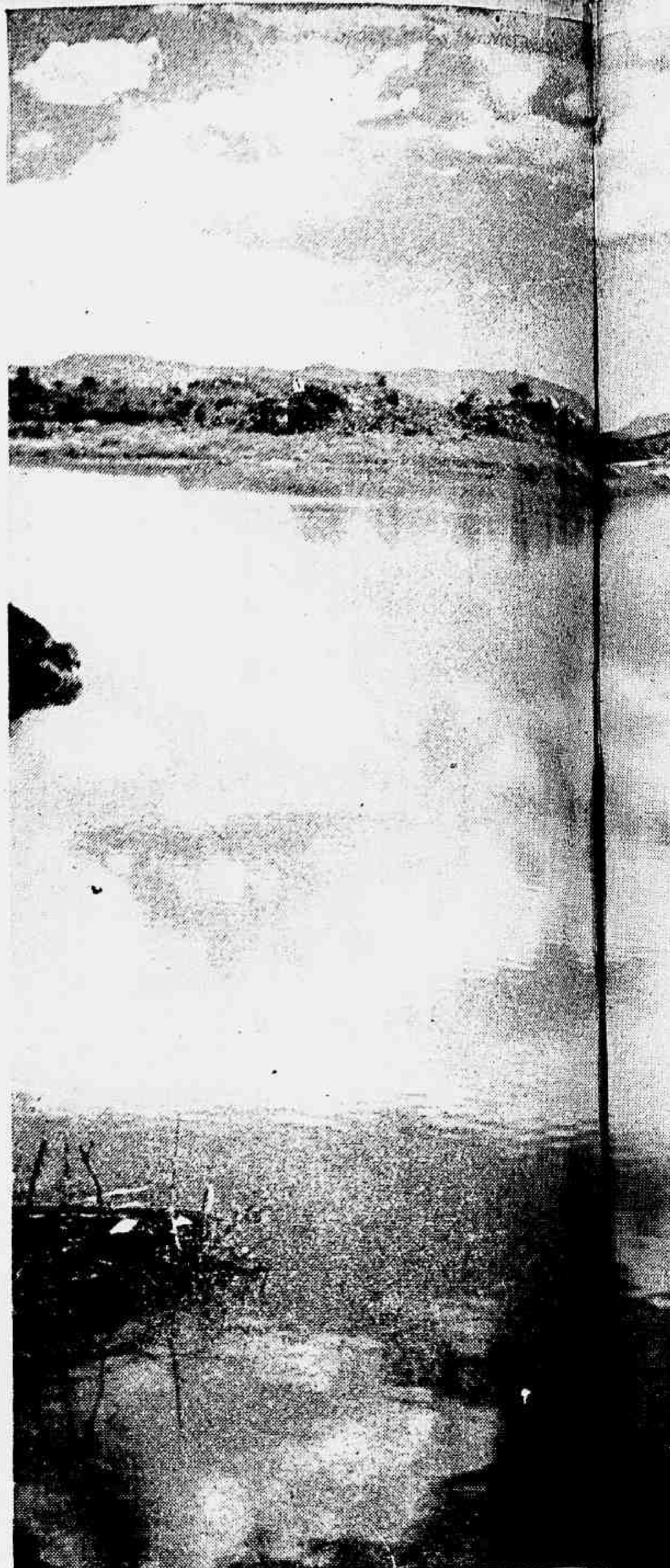
... até que a mamãe, findo o expediente, venha buscá-la.

TERRA ARRASADA! (Continuação)

zes endurecido e nu de paisagem. O vento persistente, há séculos, levanta nuvens de pó, descarnando o solo empedrado. O barro se racha, se esturrinha, e os campos sem uma fôlha verde, são incendiados por um sol que destrói tudo. Apenas o xique-xique nasce e prospera num desafio ao tempo. E os imensos mandacarus, faxeiros, com os seus braços esguios abertos, como se estivessem em prece, esperam pela chuva. Uma chuva que nunca chega na hora. De longe, quando o chão é um braseiro e nuvens escuras anunciam uma dádiva de São José, os faxeiros, que nunca perdem a sua roupagem verde, são as sentinelas da caatinga, um pedaço do inferno na terra.

O solo, êsse abandonado pelos podêres públicos, de há muito deixou de ser um fator principal da produção. Desgraçadamente, parte dos sertões do Ceará, Paraíba e do Rio Grande do Norte, é formado por rochas impermeáveis cristalinas, graníticas, com água profunda. Na verdade não existe o nefasto latifúndio, causa de enriquecimento para meia dúzia e desgraça para milhares. O que há, honestamente, é um impressionante despovoamento e uma população desaparelhada e sem educação para enfrentar os efeitos de uma estiagem prolongada. O mal é bastante antigo. Já em 1877 Rodolfo Teófilo dizia: «O século XIX vê dez grandes invernos e sete grandes sêcas, destas a de 1845 tem gravíssimas conseqüências para o gado e a de 1877-1879 tornou-se célebre. Ela determina a mortandade de 500 mil habitantes do Ceará e vizinhanças ou cêrca de 50% da população. Nas grandes sêcas em geral, porém, a média da mortandade não costuma exceder 30%. Dos mortos de 1877 a 1879, calcula-se que 150.000 faleceram de inanição indubitável, 100.000 de febres e outras doenças, 80% de varíola e 180.000 da alimentação venenosa ou nociva da inanição ou mesmo exclusivamente de sêde».

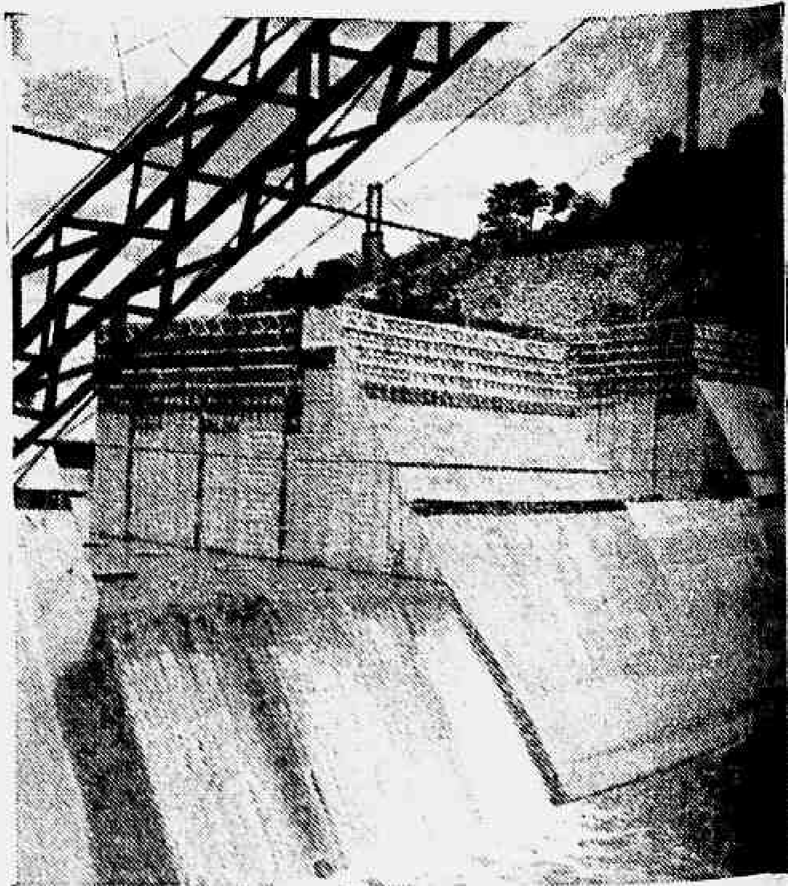




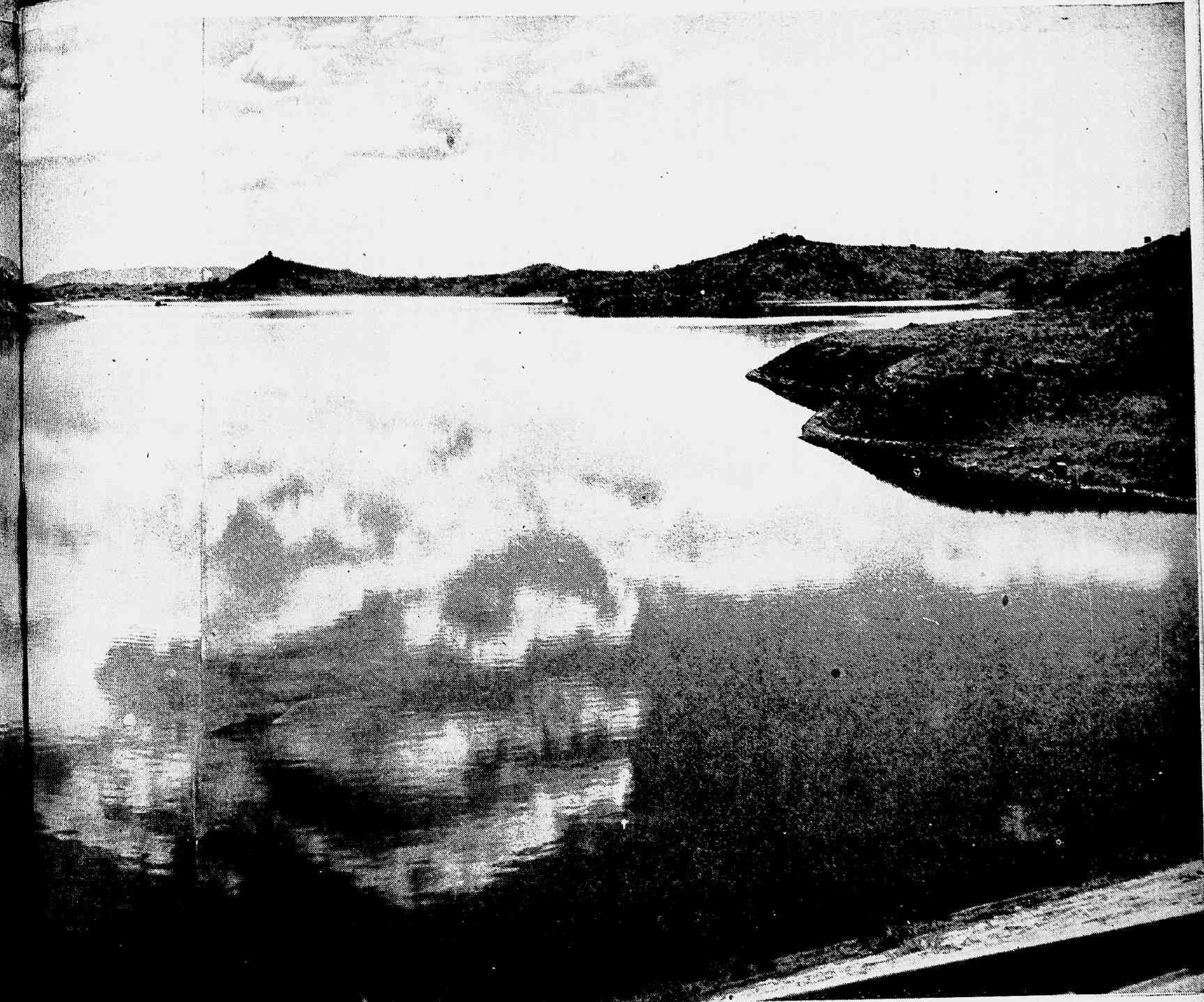
O Vale da Desolação, numa região onde estão estagnados bilhões de metros cúbicos de água. Esqueceram as obras complementares.

Que planos objetivos traçaram os homens públicos para levar a fertilidade à terra causticada?

Em 1877, a título de mero socorro as populações flageladas, fizeram distribuições de gêneros e concessão de passagens para emigração, sem dúvida, um estímulo ao êxodo. Em 1909 foi criada a inspetoria de Obras Contra as Sêcas que até 1930 foi, sem favor, um grande panamá de negociatas. Até



Outro açude, o «Mãe d'água». Linda barragem, linda fotografia, porém, onde estão os canais de irrigação? Chega de imprevidência!



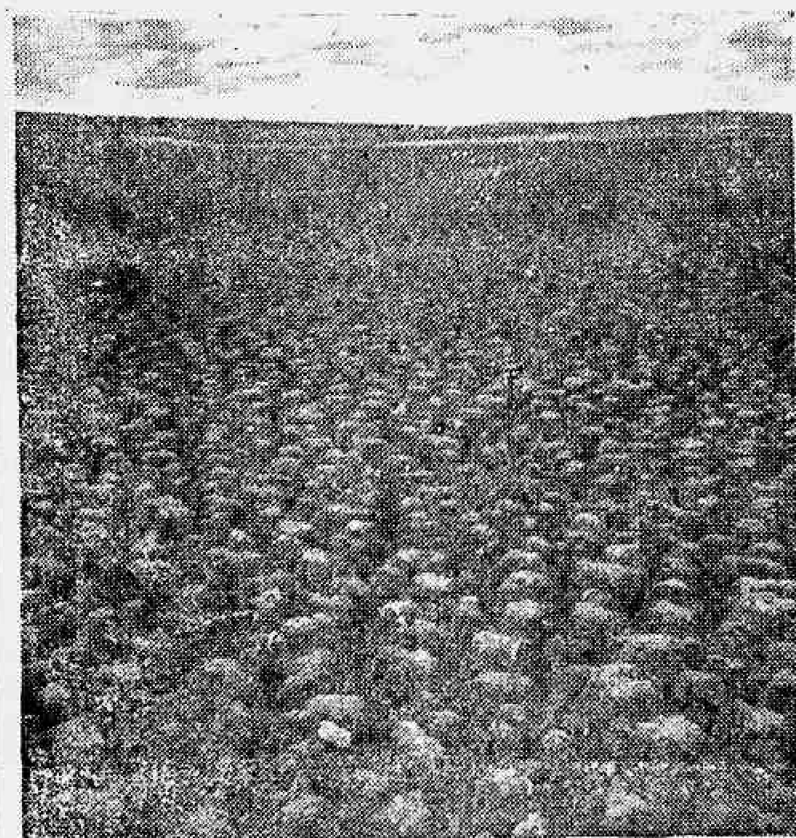
Água parada, quase sem serventia. Ótimo local para tomar banho e fazer piqueniques. Em tôrno do açude, sem canais de irrigação, centenas de famílias, usando processos do período pre-histórico, comem raízes de pau. Mas o açude é bem bonito para ilustras relatórios ao govêrno...

1919 a sua ação, pràticamente, ficou reduzida a estudos gerais imprescindíveis para o conhecimento do conjunto da região. Aqui um detalhe à guisa de esclarecimento. Em 1953, com obras terminadas, como o gigantesco açude «Curema», ainda fazem estudos para o aproveitamento de seu sistema de irrigação. Muita técnica e pouca prática!

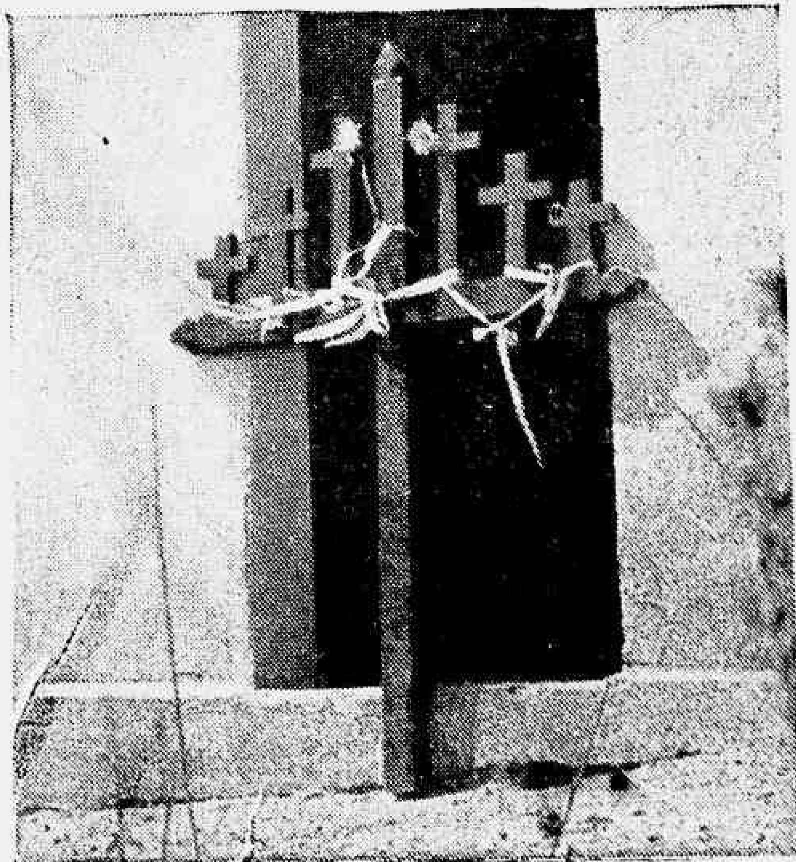
O primeiro homem, que olhou com carinho para as obras contra as sêcas, foi o Presidente Epitácio Pessoa que, no seu período, dispendeu mais de 250 milhões de cruzeiros com a aquisição de valiosa aparelhagem mecânica, criação de um operariado capaz e a difusão do uso de automóveis e caminhões por todo o nordeste. Milhões de cruzeiros foram atirados em Orós para a construção do seu fantástico açude. Os técnicos norte-americanos Dwight P. Robinson & Co. Inc., inicialmente, montaram uma fábrica de gêlo e um cassino com bons uísques. Orós fracassou.

Artur Bernardes, todavia, deu um golpe de morte nos serviços e o resultado foi o seguinte: Epitácio Pessoa gastara Cr$ 253.801.497,00 ou seja uma média anual de 50 milhões de cruzeiros e Artur Bernardes reduziu a despesa do quadriênio para 43 milhões, o que importa na irrisória quantia de 7 milhões por ano. Houve, como era natural, o desequilíbrio. Centenas de obras foram paralisadas e o material entregue à ferrugem. Por êste crime ninguém foi parar na cadeia.

[illegible] a Revolução de 1930 e a situação mudou: até 1952 construíram 122 açudes públicos, com uma capa-



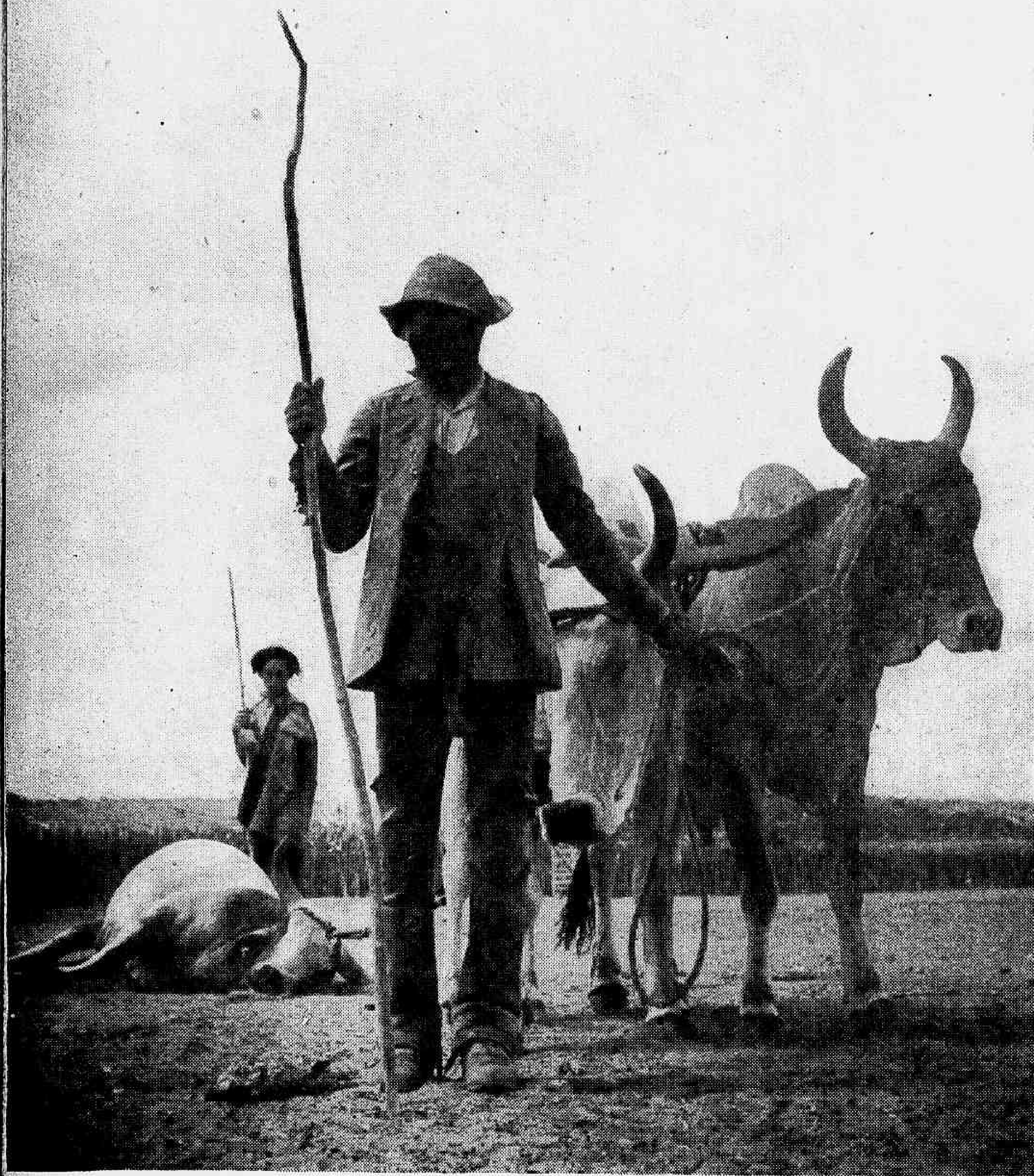
Isto aqui é o fundo de um açude construído para armazenar 10 milhões de metros cúbicos de água. Êste foi o «Soledade».



O caminhão instituiu a morte em série, no nordeste. Sete cruzes pregadas indicam que sete pessoas morreram no mesmo local.



Umbuzeiro, árvore precavida, fornece alimento ao homem e ao animal na estiagem. Foi o aliado do govêrno contra Antônio Conselheiro...



O boi morreu ao amanhecer! Comeu palma quente e tombou fulminado. «O seu carro não tem mais cantigas, velhas toadas amigas». Agora o carreiro leva-o à sepultura. A sêca venceu o boi, mas não vence o homem do Cariri Velho, onde êle escreve uma página épica.



Há dez anos passados os jornais noticiaram que êste rio transbordou, arrastando dezenas de famílias à morte. Em 1935 é atravessado a pé

cidade total de acumulação de 2.656 milhões de metros cúbicos, sendo de destacar o «Curema», com 720 milhões; «Piranhas», que teve o seu volume de 600 milhões reduzido para 400 milhões; «General Sampaio», com 322 milhões; «Xoró», com 143 milhões; o «Jaibara», com 104 milhões.

Um outro homem da Paraíba tem o seu nome estreitamente ligado ao combate às sêcas. José Américo de Almeida, quando Ministro da Viação do govêrno provisório de 1932, intensificou a açudagem, a construção de rodovias, e criou o serviço florestal das sêcas.

★

Com tanta água armazenada e com milhões e milhões de cruzeiros enterrados no nordeste, a terra continua estorricada. Na verdade, na estiagem de 1953, ainda não morreu uma só pessoa de fome. O que há é um deslocamento de populações, num triste vaivém pelos sertões, em busca de trabalho bem remunerado e de gêneros alimentícios que são levados por diversas instituições e, também, por caçadores de votos, principalmente candidatos à Câmara Federal.

No interior do Ceará, na cidade de Icó, de um grupo de 232 flagelados, apenas, 20 aceitaram serviços do D.N.O.C.S. alegando que o salário de Cr$ 15,00 não chega para comprar um quilo de jabá. E isto é uma verdade! Um quilo de xarque custa 23 cruzeiros. Acontece o esperado. Poucos trabalham e todos comem de esmola. Ouvimos do diretor geral do D.N.O.C.S., engenheiro Francisco Suboia:

— «A nossa capacidade para empregar é de 100 mil homens e só temos 15.000»

E a terra abandonada, há vários lustros, pelos nordestinos que buscaram os seringais da Amazônia e, por fim, os cafezais de São Paulo e do Paraná, continua largada à mercê da erosão provocada pelo vento e da falta de um plano nacional de combate ao flagelo. Na fuga vão povoando de cruzes as rodovias de barro batido. De Fortaleza a São João do Cariri, , numa extensão de 780 quilômetros, contamos mais de 300 cruzes, algumas em grupos de 8 e 10. São as viradas dos «Paus de Arara» que despovoam as caatingas em benefício dos cafezais do sul.

— «Naquela curva, disse-nos o chaufeur — morreram onze. Quem morre no hospital não tem cruz na estrada. Sete perderam a vida aqui e quatro na Santa Casa».

Dentro desta paisagem humana desoladora, medra, desgraçadamente, o espírito individualista, em prejuízo de uma coletividade duramente atingida pelo flagelo. Para maior infelicidade, a população que vive no Polígno não tem educação e preparo para enfrentar a calamidade, deixando-se vencer fàcilmente, com raríssimas excessões, como no Cariri Velho, na Paraíba, onde o sertanejo está escrevendo uma página épica.

A sociedade sofre as limitações naturais impostas pelo solo. Cresce o exodo rural para a cidade, aumenta a mortalidade infantil e a intranqüilidade gera por tôda a parte, ombro a ombro com a exploração política.

Há um contraste chocante. Dentro da região assolada estão armazenados bilhões de metros cúbicos de água, tudo estagnado, sem vida, um corpo inerte que poderia viver e melhorar as condições de vida de milhões de desventurados sertanejos, lembrados sòmente às vésperas das eleições.

Poucos são os açudes que dispõe de uma rêde de irrigação condigna. O próprio «Curema», com os seus 720 milhões, desperdiça, diàriamente, um potencial de 5.000 HP, por falta de turbinas, cuja verba depende da aprovação do Tribunal Federal de Contas. E quem põe fora 5.000 HP, isto há dez anos, também há dez anos devasta a minguada floresta paraibana para arrancar lenha e queimála ias caldeiras. E a terra continua sêca, abandonada, dividida em regiões perfeitamente distintas: a caatinga, que domina a maior área, com suas árvores e arbustos expontâneos, baixos, retorcidos, com o solo silicoso e argiloso, raso, quase sem humus. E' o reinado do xique-xique, da palma, mandacaru, faxeiro e da macambira, comida de gente e de bicho.

Da caatinga, no verão, só se aproveita o clima, pela salubridade. E' quente e sêco durante o dia e fresco à noite. Em pleno Cariri Velho, dormimos com co-

TERRA ARRASADA! (Continuação)



enxuto por um homem que vai buscar a água a 12 quilômetros de distância. Por aqui passou o rio Jaguaribe, o maior rio sêco do mundo.



A fome não abateu o ânimo desta retirante. A sua fisionomia vale pelo adágio: — «Desgraça pouca é tiquinho».



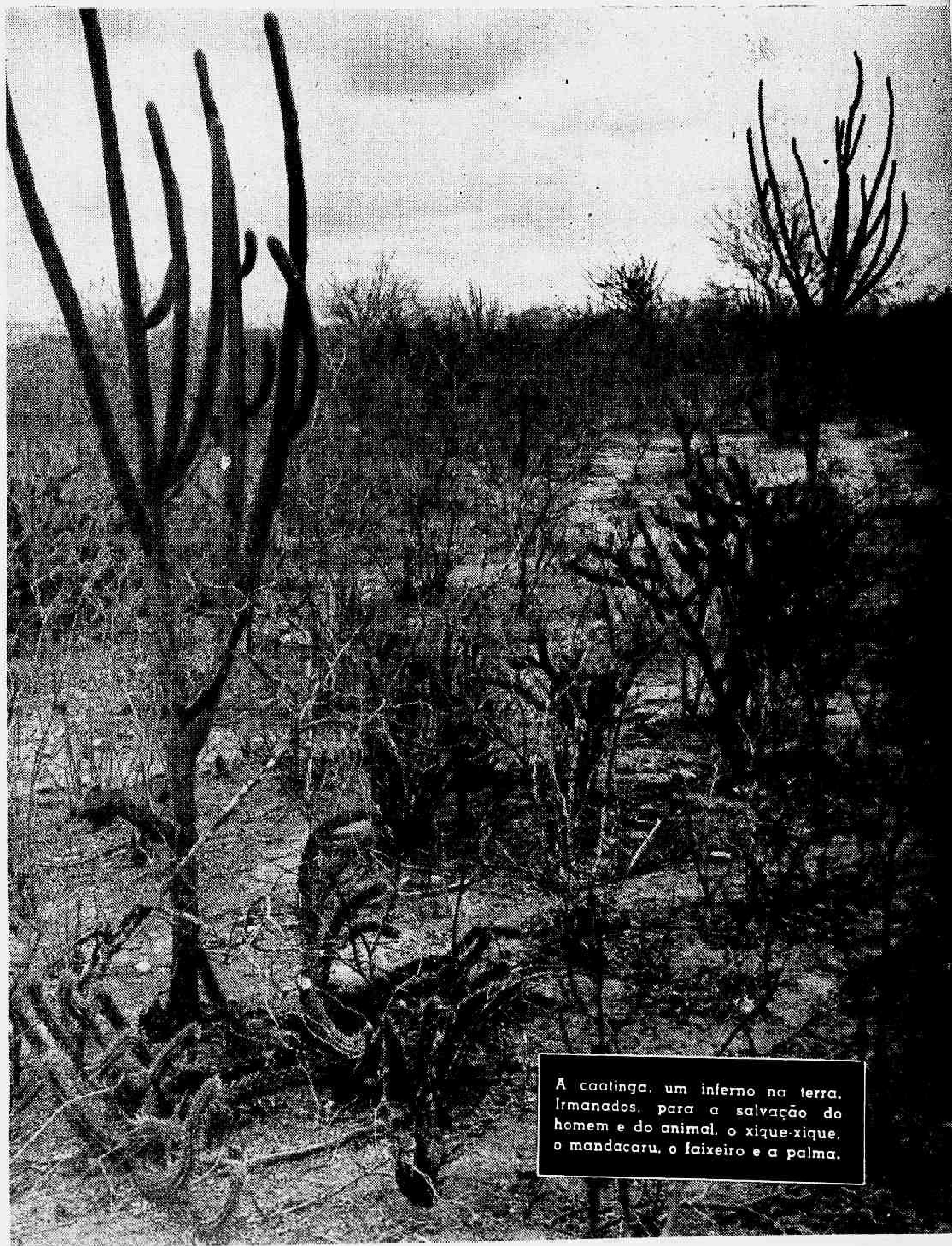
Um quadro de Rembrandt? Apenas um flagelado à espera da chuva que nunca chega, nem com o dr. Janot Pacheco...

bertores. Os tuberculosos são apontados pelos dedos de uma mão, o que não acontece em outras regiões, inclusive em Fortaleza, onde êles formam legiões às portas dos ambulatórios. E a caatinga alta, fechada, quase impenetrável pelos espinhos, com o chão raso, oferece um aspecto de desolação, com as casas fechadas e o gado esquelético em busca de cactus. Mais o cactus para ser comido pelo animal é preciso ser preparado pelo homem. E o homem, nem sempre é encontrado na caatinga, já vítima da erosão, do fogo e do machado.

★

Diz o matuto que o sertão tem menos espinhos do que a caatinga. No sertão estão os solos de aluviões, as varzeadas. E nas varzeadas há sempre um pouco de água para o homem e para o animal. A sua vegetação é completamente diferente: é a oiticica, a carnaúba, o joázeiro, o umbuzeiro e algumas cactáceas, muitas leguminosas e forrageiras anuais. Lá está o velho umbuzeiro, sempre verde, com as suas batatas quase à flor da terra, cada uma acumulando apreciável reserva alimentícia. E' bem «a árvore sagrada do sertão» como disse Euclides da Cunha: «Se não existisse o umbuzeiro aquêle trato de sertão, tão estéril que nêle escasseiam os carnaubais, tão providencialmente espêsso nos que o convizinham até o Ceará, estaria despovoado.»

(Cont. na pág. 42)



A caatinga, um inferno na terra. Irmanados, para a salvação do homem e do animal, o xique-xique, o mandacaru, o faixeiro e a palma.



ÚLTIMO FLASH

APESAR de não exibir o Brasil o título de campeão mundial de futebol, perseguido pela má sorte como foi, não tem perdido ocasião de mostrar aos uruguaios que somos, irrefutàvelmente os maiores na arte de fazer goal. Por êsse motivo, agora com o desenrolar do XXVII Campeonato Sul-Americano de Futebol, em Lima, quando o Brasil se colocava com duas vitórias, liderando a cabeça da tabela com zero ponto perdido, o encontro com os uruguaios, campeões mundiais, atraíu as atenções do país e de todo o mundo esportivo. A luta se feriu no dia 15, domingo à noite, e quase não houve um brasileiro que não estivesse com o seu rádio sintonizado para as irradiações de Lima. Na capital do Peru foi indescritível o entusiasmo da população torcedora, e, embora se notasse maior volume de opinião em favor do time brasileiro, era visível, que milhares de afeiçoados esperassem a vitória dos uruguaios, ou um empate, em virtude da pujança de ambos os grupos. Em verdade o time do Uruguai não está vantajosamente colocado, já se encontrando com três pontos perdidos antes do encontro com os brasileiros; mas, como dizem que futebol não tem lógica, muita gente achava que o time uruguaio iria mostrar que ainda é o campeão do mundo. Dadas estas circunstâncias, era enorme a expectativa. Veio a noite de 15, e, com ela, a batalha. No primeiro tempo, zero a zero; mas, no segundo, depois de verdadeiro combate de gladiadores, coube a Ipojucan, aproveitando um centro de Julinho, abrir a contagem. Brasil 1 a zero. Faltavam poucos minutos para terminar a partida sensacional, e os nossos maiores adversários futebolísticos, redobraram de violência, segundo o noticiário de nossa imprensa diária, visando, não a bola, mas qualquer parte do corpo de nossos jogadores, com a determinação, de machucar os mais eficientes craques brasileiros em campo. Terminada a partida, alguns dos nossos estavam, realmente, contundidos, como sucedeu com Ademir, sèriamente atingido. E' preciso esclarecer que os rapazes das côres nacionais também souberam revidar na hora do «entrevero», e responderam sôco a sôco, bofetão a bofetão. Triste espetáculo, realmente. Perdem a calma. Nesta foto o flagrante do «goal» da vitória do Brasil, que deixou o Uruguai mais longe de suas [illegible]

)VEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

·tes feitos à mão

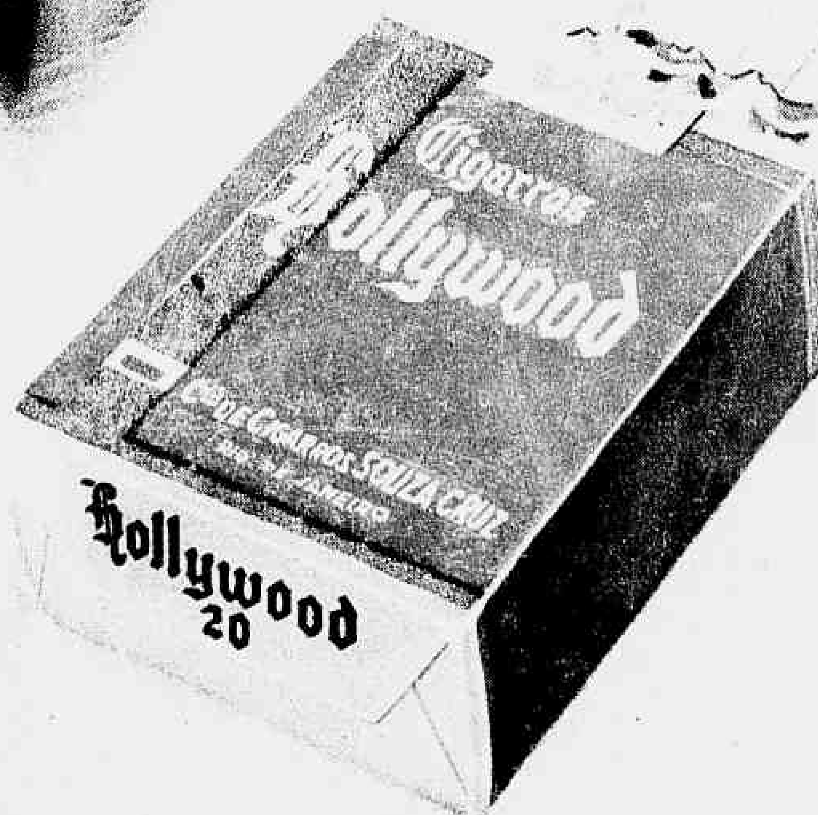
ae grande beleza e originalidade

Agora
PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR



Uma
tradição
de
bom gôsto





CIGARROS
hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ